

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALANA DESTRI

ASPECTOS DA DIMENSÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA MEMÓRIA
NOSTÁLGICA: UMA ANÁLISE DE EDITORIAIS DA *REVISTA FERROVIA*

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO

2018

ALANA DESTRI

ASPECTOS DA DIMENSÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA MEMÓRIA
NOSTÁLGICA: UMA ANÁLISE DE EDITORIAIS DA *REVISTA FERROVIA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para defesa, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima

2018

D477a Destri, Alana.
Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica:
uma análise de editoriais da revista Ferrovia / Alana Destri . – 2018.
125 f : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pato Branco, PR,
2018.
Bibliografia: f. 93 - 94.

1. Nostalgia da literatura. 2. Análise do discurso. 3. Objetividade. 4.
Subjetividade. I. Lima, Anselmo Pereira de, orient. II. Universidade
Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Letras. III. Título.

CDD 22.ed. 469

Ficha Catalográfica elaborada por
Suélem Belmudes Cardoso CRB9/1630
Biblioteca da UTFPR Campus Pato Branco



TERMO DE APROVAÇÃO¹

Título da Dissertação n.º 025

“Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica: uma análise de editoriais da *Revista Ferrovia*”

por

Alana Destri

Dissertação apresentada às quatorze horas, do dia quinze de outubro de dois mil e dezoito, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.
Banca examinadora:

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
UTFPR/PB (Presidente)

Prof^a. Dr^a. Susiele Machry da Silva
UTFPR/PB

Prof^a. Dr^a. Fabrícia Teixeira Borges
UnB/DF

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Letras – UTFPR

¹ A versão final desse documento, devidamente assinada, encontra-se arquivada na secretaria do PPGL.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha família por ter nutrido, desde muito cedo, meu eu pesquisador ao buscar responder com diligência cada uma das minhas inúmeras perguntas.

Agradeço ao Prof. Dr. Anselmo Lima por ter inspirado novas, em conjunto com meus colegas do grupo de pesquisa LAD'Humano.

E, por fim, agradeço a Wellington Kozerski por ter me ajudado com aquelas que não pareciam ter solução.

“O presente é a soma de nostalgias, agora irremediáveis. A memória suporta o passado por reinventá-lo incansavelmente.”

(Bartolomeu Campos de Queirós)

DESTRI, Alana. **Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica**: uma análise de editoriais da *Revista Ferrovia*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Letras. Gerência de Ensino e Pesquisa. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é estabelecer o modo como a memória nostálgica, na subjetividade e na objetividade, pode ser compreendida através do ponto de vista linguístico-discursivo. Tendo isso em vista, a nostalgia foi objeto de estudo para o aprofundamento sobre sua manifestação discursiva e o estudo de seus aspectos subjetivos enquanto fenômeno sógnico e ideológico. O citado sentimento é rememoração com apego emocional, algo que não lida apenas com o passado: guia o presente e altera de forma distinta a visão de futuro do indivíduo. O estudo discursivo desse fenômeno firma-se no fato de que a nostalgia, universal e contundente, não pode ser compartilhada e tampouco vivida senão através de signos e, conseqüentemente, de enunciados. Para realizar a pesquisa, fez-se uso de um *corpus* de pesquisa notoriamente nostálgico que conta com 106 editoriais da *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017. O *corpus* foi mapeado, e os dados de traço nostálgico produzidos foram organizados para que, à luz da teoria, fossem analisados. Sobre teoria, utilizou-se de forma concatenada diversos arcabouços teóricos. As dimensões linguístico-discursiva e socioideológica foram representadas por Bakhtin, Volóchinov e Benveniste; a Psicossociologia centrou-se em Sedikides, Vigotski e Bosi; e, no que tange à Filosofia, estudou-se Volóchinov e Bauman. Como resultado, certo padrão de manifestação e de operação sógnica foi identificado e descrito, ampliando, assim, a compreensão do fenômeno como algo profundamente linguístico-discursivo e promotor de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: nostalgia; signo ideológico; objetividade; subjetividade.

DESTRI, Alana. **Aspects of the linguistic-discursive dimension of nostalgic memory: an analysis of Revista Ferrovia editorials.** Masters dissertation. Post Graduate program in Language Studies. Teaching and Research Management. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018.

ABSTRACT

The aim of this research is to establish how nostalgic memory, in the subjectivity and objectivity, can be understood through linguistic-discursive point of view. In light of this, nostalgia was the study object for a further deepening on its discursive manifestation and the study of its subjective aspects as signic and ideological phenomenon. The mentioned feeling is remembrance with emotional attachment, something that does not just deal with past: it guides the present and it changes in a distinct way the individual's view of future. The discursive study establishes itself in the fact that nostalgia, universal and meaningful, cannot be shared nor lived but through signs and, consequently, utterances. To realize this research, a noticeable nostalgic corpus was used: 106 editions of the Revista Ferrovia published between 1935 and 2017. The corpus was mapped, and the nostalgic data produced were organized so, in the light of the theory, they could be analyzed. On theory, several theoretical frameworks were used in a connected way. The linguistic-discursive and socio-ideological dimensions were represented by Bakthin, Volóchinov and Benveniste; Psychosociology was centered on Sedikides, Vygotsky and Bosi; and in terms of philosophy, Volóchinov and Bauman. As a result, a certain pattern of manifestation and sign operation has been identified and described, broadening the understanding of the phenomenon as something deeply linguistic-discursive and human development promoter.

Key words: nostalgia; ideological sign; objectivity; subjectivity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de temática no <i>corpus</i> geral de editoriais	51
Tabela 2 – Profusão de temática sobre passado, presente e futuro no <i>corpus</i> geral de editoriais.....	52
Tabela 3 – Profusão de tendência no <i>corpus</i> geral de editoriais.....	52
Tabela 4 – Tipos de temática no <i>corpus</i> de editoriais com expressão de nostalgia..	53
Tabela 5 – Profusão de tendência dos editoriais com expressão de nostalgia	54
Tabela 6 – Profusão de manifestação nostálgica por passado, presente e futuro	55
Tabela 7 – Profusão de nostalgia atrelada a temáticas de parágrafo	59
Tabela 8 - Modo verbal predominante nos editoriais nostálgicos.....	60
Tabela 9 - Posicionamento predominante do autor nos editoriais nostálgicos	61
Tabela 10 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais	65
Tabela 11 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais por temática	66
Tabela 12 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais por tendência.....	66
Tabela 13 – Posicionamento do autor com relação ao coletivo nos editoriais nostálgicos	68
Tabela 14 – Público alvo principal nos editoriais nostálgicos.....	69
Tabela 15 – Propósito comunicativo nos editoriais nostálgicos.....	69
Tabela 16 – Relação interlocutiva nos editoriais nostálgicos	70
Tabela 17 - Relação interlocutiva com propósito de motivação	71
Tabela 18 - Relação interlocutiva com propósito de resolução de adversidade.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA FERROVIA BRASILEIRA	12
3 MEMÓRIA E SOCIEDADE	15
3.1 NOSTALGIA.....	15
3.2 MEMÓRIA	18
4 LINGUAGEM E PENSAMENTO	23
4.1 LINGUAGEM E TEMPO.....	29
5 OS GÊNEROS DO DISCURSO	32
5.1 GÊNERO DO DISCURSO EDITORIAL DE REVISTA	35
6 CATARSE E DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	38
7 METODOLOGIA	42
7.1 O <i>CORPUS</i>	42
7.1.1 Contato com o <i>corpus</i>	44
7.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	45
8 ANÁLISE.....	50
8.1 NOSTALGIA OBJETIVA.....	50
8.1.1 Conteúdo temático	50
8.1.1.1 Conteúdo temático específico	58
8.1.2 Estilo verbal.....	60
8.1.3 Estrutura composicional	63
8.1.4 Relação interlocutiva-axiológica	68
8.1.5 Demais peculiaridades da manifestação nostálgica enquanto enunciado.....	72
8.2 NOSTALGIA SUBJETIVA	76
8.2.1 Comportamento sógnico da memória nostálgica	76
8.2.2 Tema e significação da memória nostálgica.....	79
8.2.3 Nostalgia e desenvolvimento humano.....	82
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICES	94
APÊNDICE A – Quadro do <i>corpus</i> de editoriais da <i>Revista Ferrovia</i>	95
APÊNDICE B – Quadro do conteúdo temático geral do <i>corpus</i>	99

APÊNDICE C – Quadro do conteúdo temático geral do <i>corpus</i> de editoriais que possuem manifestação de nostalgia	103
APÊNDICE D – Quadro do conteúdo temático específico do <i>corpus</i> de editoriais que possuem manifestação de nostalgia	105
APÊNDICE E – Quadro sobre estilo do <i>corpus</i> de editoriais que possuem manifestação de nostalgia.....	112
APÊNDICE F – Quadro sobre construção composicional do <i>corpus</i> de editoriais que possuem manifestação de nostalgia	117
APÊNDICE G – Quadro de relação interlocutiva-axiológica do <i>corpus</i> de editoriais que possuem manifestação de nostalgia	119
ANEXOS	121
ANEXO 1 – “Uma das causas do deficit[sic] nas ferrovias”, editorial da edição número 2, 1967	122
ANEXO 2 – “Hierarquia”, editorial da edição número 62, 1978	123
ANEXO 3 – “Palavra da presidente”, editorial da edição número 172, 2017.....	124

1 INTRODUÇÃO

Nostalgia está em voga. *Design vintage*, fotos instantâneas estilo Polaroid, retomada de grandes franquias, *remakes* de filmes do século passado. O mercado faz crescentemente uso do conjunto estético do passado, pois – evidentemente – vende. Em um momento pós-moderno de mudanças constantes, e por vezes caóticas, o passado mostra-se fonte de estabilidade, um oásis em meio a um grande terreno de areias movediças. Nostalgia é uma solução: talvez fantasiosa, mas com efeito claro e contundente na individualidade e no social. Naturalmente, nostalgia vende porque é *comprada* – no mais amplo sentido da palavra.

Um notável exemplo de manifestação linguístico-discursiva da nostalgia enquanto reflexo político-social pode ser observada no Saudosismo português. O sentimento, em caráter nacionalista, inundou de tal forma a vida lusófona que saudade passou a ser tida como traço típico da nação. Como reflexo, observa-se a mesma característica nas produções literárias no início do século XX, perpetuando-se historicamente como movimento literário. Hoje, de forma global, experimenta-se um terreno cada vez mais fértil para a rememoração nostálgica. Portanto, é de se esperar que a nostalgia permeie de forma crescente os discursos nas mais diversas esferas da comunicação humana – não apenas na literatura. Compreender este fenômeno e, sobretudo, saber identificar como se é exposto a ele, é uma forte ferramenta de autoconhecimento que viabiliza os caminhos para a concepção de quem se é em meio a sociedade em que se vive.

Levando isso em consideração, a presente pesquisa é um aprofundamento e continuação do trabalho de conclusão de curso intitulado “Nostalgia em editoriais da *Revista Ferrovia*: um estudo linguístico-discursivo” apresentado em 2016. Com o foco ajustado, esta dissertação se aprofundou sobre os assuntos relacionados à objetivação da nostalgia no discurso, bem como traçou aspectos subjetivos da mesma enquanto fenômeno sócio-sígnico. Este trabalho pretendeu evidenciar as dimensões linguístico-discursiva e socioideológica, unindo-as à dimensão psicossocial do fenômeno.

Para tanto, fez-se uso de um *corpus* de pesquisa que conta com 106 editoriais da *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017. A *Revista Ferrovia* foi e continua a ser veiculada pela Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí -

AEEFSJ com a finalidade de promover discussões e divulgar matérias sobre a ferrovia. É direcionada a leitores que atuam na comunidade ferroviária, governantes, bem como integrantes de empresas públicas e privadas. Este *corpus* foi selecionado pois a classe ferroviária, coletivo responsável pela revista, admite-se nostálgica e imprime de forma marcante a nostalgia em seu discurso. Rememora-se com frequência a já ida era dourada da ferrovia, na qual tal sistema funicular possuía o monopólio dos transportes no Brasil. O montante de editoriais disponibilizou material abundante para análise, a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: “como a memória nostálgica, na subjetividade e na objetividade, pode ser compreendida através do ponto de vista linguístico-discursivo?”.

Esta pesquisa conta com a originalidade de tratar de um fenômeno psicossocial – nostalgia – a partir do ponto de vista linguístico-discursivo, bakhtiniano. Uma pesquisa foi feita com a ferramenta de busca *Google Scholar* e repositórios de influentes universidades brasileiras. Com a pesquisa, verificou-se que possivelmente esta é a primeira vez em que a *Revista Ferrovia* é tomada como objeto de pesquisa linguístico-discursivo. Em complemento, a pesquisa realizada em língua inglesa e portuguesa apresentou algumas abordagens sociológicas – e uma publicitária – sobre o discurso nostálgico. Nenhuma, no entanto, com a abordagem dada pela presente dissertação.

Nesta pesquisa, o conceito de nostalgia e os conhecimentos a ela atrelados foram majoritariamente baseados nos estudos de um dos mais notáveis grupos de pesquisa sobre nostalgia. Guiado pelo Prof. Constantine Sedikides, este grupo intitulado “*Nostalgia*” tem sua base na *Southampton University*, Reino Unido, e conceitua nostalgia como sentimento provocado pela rememoração de apego emocional. Fundamentando este assunto também estão presentes as análises sobre memória e sociedade de Ecléa Bosi (2003) e retrotopia de Zygmunt Bauman (2017).

No campo da Linguística e Socioideologia, a pesquisa apresenta de forma central embasamento teórico em Mikhail Bakhtin (2016), principalmente no que se refere a gêneros do discurso; Valentin Volóshinov (2017), nos conhecimentos acerca de signo ideológico; e Émile Benveniste (2016), sobre a categoria de tempo na linguagem. Juntamente a isso, além de Sedikides (2008), têm-se Vigotski (2008) corroborando com a esfera da Psicossociologia. De Vigotski, aproveitam-se conceitos de catarse, fala interior e fala exterior. E, por fim, representando a esfera do

desenvolvimento humano, tem-se Anselmo Lima (2015) com o conceito de atividade reguladora.

Os apresentados arcabouços teóricos foram mobilizados, então, para que as análises fossem possíveis. Estas foram feitas buscando compreender como as informações obtidas articulam-se a ponto de formar um todo significativo. As análises foram segmentadas em duas: “nostalgia objetiva” e “nostalgia subjetiva”. Aqui o termo *objetiva* se refere à nostalgia expressa, direcionada majoritariamente aos outros. O termo *subjetiva*, por sua vez, trata-se da nostalgia majoritariamente direcionada a si mesmo, não exteriorizada. Tem-se clareza de que ambas as nostalgias não se separam e se influenciam de forma profunda. No entanto, foram separadas na presente pesquisa por comodidade metodológica.

Sobre a nostalgia objetiva, utilizou-se principalmente a teoria Bakhtiniana de gêneros discursivos (2016) para traçar padrões no *corpus*. Os traços significativos no âmbito de conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e demais peculiaridades do enunciado foram identificados e analisados.

A partir desta análise, pôde-se entrar no escopo da nostalgia objetiva a fim de dissertar sobre o funcionamento sógnico da nostalgia no pensamento. Junto disso, observou-se a maleabilidade da memória perante suas reiteraões, algo próprio do tema e significação sógnico. E, como sessão final das análises, três editoriais específicos foram estudados a fim de ressaltar a nostalgia enquanto promotor de catarse e ferramenta de desenvolvimento humano.

Em suma, o objetivo desta dissertação é estabelecer o modo como a memória nostálgica, na subjetividade e na objetividade, pode ser compreendida através do ponto de vista linguístico-discursivo. Isto com base em editoriais da *Revista Ferrovia*, publicados pelo Órgão Oficial da Associação de Engenheiros da EFSJ – Estrada de ferro Santos-Jundiaí. Os objetivos específicos são três: observar padrões de manifestação da nostalgia no gênero editorial de revista, relacionar o contexto situacional da esfera ferroviária com o emprego da manifestação da nostalgia no discurso e, por fim, tecer comentários sobre o processo sógnico da memória nostálgica no pensamento e desenvolvimento humano.

2 CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA FERROVIA BRASILEIRA

O café e a ferrovia têm uma importante ligação. O arbusto cafeeiro chegou ao Brasil em 1727 para uso pessoal. No entanto, não demorou muito para que passasse a ser plantado extensivamente no Vale do Paraíba, macrorregião de São Paulo. O lucro da produção chegou ao ponto de deslocar o centro econômico do Brasil: antes no Nordeste, o mercado do café fez São Paulo assumir o posto, mantendo-se nele até hoje. A área de cultivo se espalhou pelo estado e a produção subiu gradativamente, alcançando a marca de um bilhão e duzentos milhões de pés de café em 1930 (MATOS, apud SOUZA, 1983, p. 81).

Ainda antes de 1930, com a grande produção, sentiu-se a necessidade de novas formas de escoamento do produto. Até então as condições de transporte até o porto de Santos eram precárias. Índios e carros de boi trafegavam com dificuldade pela Serra do Mar. A ferrovia surgiu nesse ínterim como solução aos problemas de comunicação entre interior e litoral.

Em novembro de 1860 iniciou-se, com incentivo inglês, a construção da primeira ferrovia paulista, a *São Paulo Railway*. Entre os governantes, a ideia da ferrovia pareceu interessante e uma consciência ferroviária passou a ser desenvolvida em meados de 1870 e 1880. Em 1871 se pode observar uma mudança no discurso ferroviário nos relatórios do presidente da província de São Paulo, Saldanha Marinho. Eles ratificam o início de uma mentalidade ferroviária positiva, com palavras de confiança, estímulo e esperança ao ponto de as áreas da capitania de São Paulo serem conhecidas pelo nome das ferrovias que as serviam (MATOS, 1990). A *São Paulo Railway* continuou a ser expandida. Em 1896 a linha ligou Santos a São Paulo e, no ano seguinte, Santos a Jundiaí em um percurso de 140 quilômetros de estrada de ferro (MATOS, apud SOUZA, 1983, p. 83).

Agregando valor à consciência positiva da ferrovia, está o fato de esta ter sido um importante agente da transformação paulistana. Foi possuidora de um papel importante na colonização, agricultura e indústria. Foi operador da imagem do estado e chave para o desenvolvimento econômico de diversas cidades, além de responsável pela fundação de muitas outras (MATOS, 1990).

O mercado próspero começou a declinar quando em meados de 1900 observava-se uma superprodução de café enquanto seu preço, internacionalmente,

diminuía. Com a crise mundial de 1929, então, o comércio de café brasileiro sofreu duras perdas. Nascida no seio cafeeiro, as rodovias foram construídas em sistema arbóreo, algumas exclusivamente para escoamento de café. A esfera ferroviária não pôde deixar de sentir o impacto da crise.

Como agravante, a partir de 1920 o governo brasileiro optou por investir fortemente na malha rodoviária. Um trem não poderia transportar pequenas quantidades de produto, nem poderia sair dos trilhos para descarregar cargas de frete (SOUZA, 1983, p. 157-159). Junto disso, em 1955 a lei 2.689 de 27 de dezembro de 1955 decretou a desativação de quase mil quilômetros de estradas de ferro apenas no estado de São Paulo. Sendo assim, toma-se o ano de 1940 como o ano final da era ferroviária, dando espaço para a era rodoviária (MATOS, 1990).

A aurora do transporte rodoviário combinada a um serviço de frete não otimizado propiciou à ferrovia um longo período de déficit. Muitos trechos ferroviários foram abandonados, no entanto, contrariando todo o cenário nacional, a Santos-Jundiaí manteve-se lucrativa. Sem a administração Inglesa, foi incorporada pela Rede Ferroviária Federal S.A. (RRFSA) e como era a única ser lucrativa, seus lucros se fragmentaram no auxílio ao déficit de outras, fazendo com que a Santos-Jundiaí sofresse a crise ferroviária sem exceção (MATOS, 1990).

Roberto de Mello e Souza (1983) fala da situação da ferrovia Paulista na década de 70. Embora não seja a empresa administradora da Santos-Jundiaí, a situação da Ferrovia Paulista S.A (Fepasa) é um bom exemplo do que a ferrovia como um todo passava durante esse período. A administração gerou descontentamento entre os ferroviários, pois, entre outras coisas, ela não manteve em grande parte o transporte de passageiros – o grande orgulho do ferroviário – e tinha uma política de distribuição de salários de forma impopular. Souza chega a relatar que “as lideranças autênticas que conviviam com esta situação e continuavam teimosamente a se dedicar com lealdade ao trabalho praticavam um ato de heroísmo” (1983, p.170).

Em proteção contra a perda de identidade ferroviária, os ferroviários se refugiaram no saudosismo “que tangenciou perigosamente as fronteiras da mitologia” (SOUZA, 1983, p. 172). A ferrovia do passado com suas locomotivas à vapor passou a ser símbolo de beleza e harmonia, uma lembrança dos anos dourados, do passado e da tradição que lhe foram tirados. Frente a então atual situação da ferrovia, o passado ficava ainda mais bonito. O próprio autor se refere ao auge da ferrovia com carinho, ao explicar o porquê de a cultura ferroviária ter um “sabor e encanto” peculiar:

com certeza porque a própria ferrovia, o trem de ferro e seu apito nostálgico de outras eras, os trilhos sobre os dormentes, a gare, a estaçãozinha de contra-encosta[sic] ou de beira-rio, as lindas alfaías que adornam seus próprios, a farda; num resumo: a estrutura física do sistema – que contém em si uma rara beleza tocada de romantismo que o aperfeiçoamento tecnológico graças a Deus ainda não logrou suprimir (SOUZA, 1983, p. 185).

Souza descreve a classe dos ferroviários como um grupo simpático e gentil que valoriza pronomes e tratamento formal, algumas vezes anacrônicos. Tratam-se de maneira calorosa e têm muito orgulho da posição que ocupam na sociedade. Acreditam que a ferrovia é uma empresa destacada das demais, algo sem comparação, que dificilmente alguém que não tem contato compreenderia. Muito disso acreditava derivar do próprio processo ferroviário e sua história como primeiro grande empreendimento da engenharia brasileira. Colaborando com o orgulho, encontra-se o prestígio de fazer parte de algo moderno e que possibilitou o progresso, um empreendimento de elite que transportou as figuras ilustres do país (SOUZA, 1983, p. 185-6). Tais fatos construíram um coletivo ímpar e as publicações da *Revista Ferrovia* colaboram para que tal cultura permaneça viva.

Em tempos de crise, o ferroviário maltratado em uma organização doente, salvo exceções, poderia ser visto “frustrado, desiludido, egoísta, apático, sem ânimo, sem vida” (SOUZA, 1983, p. 187) trabalhando em uma empresa que “era a expressão dramática da decadência” (SOUZA, 1983, p. 188). Em 1998 a Fepasa foi incorporada à Rede Ferroviária Federal, e esta última, por diversos motivos também não se manteve como empresa administradora das linhas. A linha em questão, a São Paulo-Jundiaí, hoje é administrada parte pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e parte pela MRS Logística S.A (BENINI, 2017, p.3).

Em se tratando de organizações humanas de trabalho, nada mais adequado do que observar como os indivíduos de certo coletivo social compreendem e lidam com o passado. Tal dinâmica constrói a identidade do grupo e define o modo como lidarão com o presente e projetarão o futuro. A próxima seção tratará, portanto, dos dispositivos teóricos acerca da memória em relação direta com a sociedade.

3 MEMÓRIA E SOCIEDADE

3.1 NOSTALGIA

Nostalgia é um sentimento de vocábulo composto pelas palavras gregas *nostos* (retorno) e *algos* (dor) o que, literalmente, significa sofrer em virtude de anseio, saudade da pátria. Embora tenha raiz grega, a palavra foi cunhada no século XVII pelo médico suíço Johannes Hoffer. Isso não significa que esse sentimento só passou a existir a partir dessa época – o sentimento que a nostalgia denota hoje pode ser encontrado representado na Odisseia de Homero, em textos de Hipócrates e Júlio César, bem como na Bíblia (SEDIKIDES et al, 2008, p. 304).

Quando nomeada por Hoffer, a nostalgia era vista como algo negativo e igualada à saudade de casa. No século seguinte, as especulações em torno do sentimento foram feitas com base em observações de mercenários suíços. Nesse tempo, nostalgia era considerada uma doença e dentre os sintomas estavam acessos de choro, arritmia cardíaca e falta de apetite. Suas causas supostamente eram a mudança drástica de pressão atmosférica e os incessantes tinir dos sinos das vacas dos alpes, coisa que acreditavam causar danos às células do cérebro humano. O pensamento se manteve assim até quase todo o século XIV (SEDIKIDES et al, 2008, p. 304).

O começo do século XX trouxe a aceção de nostalgia como um transtorno psiquiátrico causador de ansiedade, tristeza e insônia. Em meados do século XX, uma nova abordagem atestava que nostalgia era um transtorno obsessivo compulsivo ligado a um desejo subconsciente de retornar para um antigo estágio da vida. Em seguida, foi rebaixada a uma mera variante da depressão. Finalmente, apenas no final do século XX que a nostalgia passa a ter um caráter próprio, dissociado da saudade de casa (SEDIKIDES et al, 2008, p. 304).

A nostalgia é anseio por algo do passado. Esse anseio pode, sim, incluir a saudade de casa, mas não é restrita a isso. O anseio pode ser por determinados eventos, pessoas, perspectivas. Além disso, tal sentimento não é exclusivo a certas classes como mercenários, soldados e imigrantes. Nostalgia é uma experiência universal que se manifesta durante toda a duração da vida, independentemente da idade, gênero, classe social ou etnia. Em trezentos anos de desenvolvimento do

conceito de nostalgia, esta passou de doença cerebral para sentimento de cunho significativamente positivo, não negativo como se costumava pensar (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p. 200-202).

Atualmente, o campo de estudos do sentimento da nostalgia tem ganhado profundidade e solidez com as pesquisas de Constantine Sedikides e seu grupo de pesquisa na University of Southampton, Reino Unido. Graças aos avanços, atualmente pode se dizer que a definição contemporânea de nostalgia é “lembrança sentimental do passado”² (SEDIKIDES et al, 2008, p. 305). Além disso, foi revelado que é mais comum observar narrativas nostálgicas atreladas a sentimentos positivos do que negativos. E, em questão de expressões simultâneas de felicidade e tristeza, é na nostalgia que encontram sua maior profusão dentre todos os outros eventos. Quando ocorre, elementos positivos e negativos estão justapostos, comumente, para gerar o sentimento de redenção: parte de uma narrativa de padrões negativos, de um estado indesejado e vai para uma narrativa de padrões positivos, de um estado agradável. A força da aplicação do tema “redenção” explica porque mesmo com expressões de tristeza, a nostalgia acaba dando tom positivo a rememoração. Ou seja, a nostalgia pode ser, sim, um sentimento agri-doce, mas é majoritariamente um sentimento positivo (SEDIKIDES et al, 2008, p. 305).

Com relação aos seus gatilhos, a nostalgia normalmente é desencadeada por estímulos intrapessoais, sociais ou ambientais associados a um passado recente ou distante. Seja qual for o caso, no processo é feita uma comparação explícita ou implícita entre o passado e o presente (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p. 203, 205). Nos experimentos feitos pelo grupo, participantes que estavam no momento se sentindo insatisfeitos com algo apresentaram maior tendência à rememoração nostálgica (SEDIKIDES et al, 2008, p. 306).

Além de lidar com o passado e o presente, a nostalgia influencia de forma particular o futuro. É função chave da nostalgia facilitar o uso de percepções positivas com relação ao passado para reforçar a compreensão da continuidade entre o eu do passado e o eu do presente. Em adição, a nostalgia não raramente possui efeito motivacional. Eleva otimismo, inspiração e criatividade. É um exercício emocional na busca por sentido e identidade, é uma ferramenta nos conflitos internos acerca de dilemas existenciais bem como um mecanismo de reintegração com pessoas

² “a sentimental longing for one’s past”

importantes (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.203-204). No entanto, os efeitos da nostalgia possuem complexas nuances e por vezes promovem o efeito contrário. Se o indivíduo se fixar de forma excessiva nos “bons” tempos idos pode acabar com seu significado de presente prejudicado e sua motivação minada (SEDIKIDES et al, 2008, p. 306). Essa forma de sentir nostalgia de forma exacerbada foi conceituada em português como saudosismo (DESTRI, 2016, p. 29).

Nostalgia é um sentimento que estreita os laços sociais. Um grupo que partilha de uma mesma rememoração nostálgica acaba por se sentir mais amado e protegido, com níveis menores de ansiedade e evasão, reportando possuir uma melhor competência interpessoal. Os indivíduos do coletivo sentem-se mais conectados, ampliam-se as percepções de apoio social, amenizando assim o efeito da solidão. A nostalgia, de forma individual ou compartilhada, auxilia a construção do sentido da vida, o que ajuda a pessoa a lidar com os conflitos existenciais do presente. Ela pode contribuir como uma sensação existencial geral e duradoura para a vida do indivíduo. Tida como de função existencial, a nostalgia mostrou-se estreitamente ligada com o senso de mortalidade. Depois de lembretes de mortalidade – corporais ou materiais, descontinuidade – as pessoas ficam mais propensas a se sentirem nostálgicas. E, junto a isso, quanto mais nostálgica, mais significativa sua perspectiva de vida (SEDIKIDES et al, 2008, p. 306).

Em consequência, nostalgia solidifica a identidade pessoal. Dela pode-se derivar um senso fortificado de individualidade, isto é, uma consciência individual gradualmente mais unificada através da reunião de peças mnemônicas da vida através da nostalgia. Além de solidificar a identidade, serve para protegê-la. Permite-se que o indivíduo ‘escape’ por alguns momentos de um presente medíocre ao restaurar mnemonicamente um passado altamente positivo. Através da glória refletida e de uma realização reexperimentada, a presente identidade adquire valor e uma nova aparência, tornando-se mais tolerável (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.206).

Além de uma solidificação da identidade individual há também a da social. Ela sustenta e regenera o senso de significação também através de identificação cultural. Ou seja, a nostalgia alivia medos existenciais ao reforçar valores de tradição cultural e rituais nos quais o indivíduo já fez parte um dia. Logo, em vez de sentir solidão ou alienação, o processo nostálgico pode ser terapêutico. Ao tornar a festejar de forma típica o Natal, participar de paradas, colecionar coisas antigas etc. o indivíduo

aumenta seu senso de pertencimento cultural. Naturalmente, dessa forma, nostalgia reforça e revigora traços de relacionamento interpessoais. Tendo sido explicitados os efeitos da nostalgia, é válido remarcar que "[s]upondo que a nostalgia é uma emoção tipicamente positiva, é provável que ela tenha implicações a longo prazo para a saúde física"³ (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.211).

3.2 MEMÓRIA

Da mesma forma que Sedikides, Bosi discorre sobre a memória sob a perspectiva da linha da Psicologia Social. Ela destaca a memória coletiva e a profundidade de sua influência sobre a memória individual. Por vezes o indivíduo que esteve presente em determinado evento não se sente qualificado para descrevê-lo senão com o embasamento da memória coletiva – aquilo relatado dentro de comunidades específicas, em livros de história, nos diversos meios de comunicação em massa, interpretado por instituições dominantes.

Sobre isso Bosi (2003, p.17) diz parecer haver “uma narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia”. Esta narrativa privilegiada explica e legitima o poder que a propaga. É uma constante, inclusive, certas classes produzirem memória coletiva que “se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe” (BOSI, 2003, p.18).

Destarte não há a memória “pura” de um fato, mas sim, uma memória complexa e permeada de ideologia. Assim é possível, no trabalho de pesquisa nesta área, reconstruir os comportamentos e sensibilidades de uma época se o pesquisador estiver atento ao subentendido, o implícito dos discursos (BOSI, 2003, p.16,18).

Outra coisa para se ficar atento é que “[o] presente, entregue às suas incertezas e voltado apenas para o futuro imediato, seria uma prisão” (BOSI, 2003, p.19). Logo, neste processo de retornar em pensamento ao passado, constroem-se objetos biográficos e objetos de *status*. Em uma tentativa de se proteger de um presente hostil, o rememorador cerca-se do que compõe uma atmosfera acolhedora. Valorizam-se lugares e objetos que representem aquilo que se desejou ser imóvel. Estes tornam-se objetos biográficos e/ou de status por, mediante o acréscimo de valor dado pelo passado, se incorporarem à vida ou à classe daquele que o possui. É este conjunto

³ “Assuming that nostalgia is a typically positive emotion, it is likely to have long term implications for physical health”

de artigos, este elo familiar com o passado que estreita (ou não) os laços do indivíduo com a sociedade (BOSI, 2003, p.25-7). Em contrapartida, perder a noção de temporalidade é perder a identidade: desenraizamento “é condição desagregadora da memória” (BOSI, 2003, p.28).

Segundo a autora, a narrativa mnemônica é curativa. É um fármaco composto de fantasia e memória, incorporados com certa dosagem. Ao rememorar, o indivíduo vive com uma intensidade nova o passado. O indivíduo renova-se para o presente, recebe forças para continuar. Junto disso, visto que permite a relação do eu presente com o eu passado e, concomitantemente, interfere no curso das significações, a memória é decisiva na existência do ser humano (BOSI, 2003, p.34-6, 44).

A sociedade atual inunda a vida dos indivíduos com processos burocráticos, vazios, sem significação biográfica. Neste ritmo o valor e volume de memória retido se adensa e se enfraquece em determinadas situações. Tal fenômeno mostra-se cada vez mais invasivo e com graves prejuízos na construção da identidade (BOSI, 2003, p.24).

O prejuízo existe, pois a memória é uma construção sobre o tempo significada pela cultura e pelo indivíduo. Cada classe vive e significa o tempo de forma diferente. O conjunto das lembranças é uma construção social de determinado grupo em que há um acordo tácito sobre o que será lembrado ou esquecido (BOSI, 2003, p.53).

O passado revivido é uma fonte inesgotável de razões para se manter em luta no presente. A nostalgia não deve ser vista apenas com o caráter de desejo de restauração, mas de geradora de futuro. Fazendo um paralelo com o filósofo Sócrates, por fim, Bosi (2003, p.48) afirma que “o velho narrador revivendo está aprendendo a morrer”.

Thomas More, outro importante filósofo, cunhou a noção de *utopia* que se tem na atualidade. Para ele, a utopia seria o antigo sonho do ser humano de retornar ao paraíso ou de construir a felicidade perfeita na terra. A sociedade de hoje continua a busca por felicidade, no entanto, no momento, não há mais um lugar-comum neste quesito. Os sonhos são individualizados, particulares – negam a utopia coletiva de More. Zygmunt Bauman, um dos maiores pensadores sobre a atualidade, acredita que a negação da utopia leva à distopia e esta, por sua vez, também é negada. A dupla negação gera a “retrotopia” que, segundo o autor, é a visão instalada “num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro “ainda todavia por nascer” e, por isso, inexistente [...]”.

Nesta nova mentalidade contemporânea, vale muito mais investir em retornar a um passado nebuloso, mas valoroso por sua suposta estabilidade e confiabilidade do que nutrir esperanças em políticas de melhoria que guiariam o mundo para um futuro incerto. O futuro é mirado entre expectativa de fracasso e medo (BAUMAN, 2017, p.12). Neste caso, o “aprender a morrer” de Sócrates poderia ser interpretado como meditar um futuro a caminho do passado, na tentativa de desfazer a trilha de derrotas dos “presentes”.

Esta mentalidade de forma alguma promove o retorno direto a um *status quo* idô pois não importa o quanto se tente, é impossível. Nas palavras do pré-socrático Heráclito, “não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio”⁴ (KIRK, 1975, p.381). Por mais que, em um evento improvável, o indivíduo restaurasse o passado almejado, ele mesmo não seria o mesmo que o viveu. O que se busca conscientemente, segundo Bauman, não são reiteraões do passado, mas a

interação [...] do *status quo ante*, existente ou imaginado, da segunda negação – sendo que sua imagem, a essa altura, já foi significativamente reciclada e modificada no processo de memorização seletiva, entrelaçada a esquecimentos seletivos (2017, p.15).

Busca-se o conjunto de aspectos supostos e genuínos que foram abandonados indevidamente ou foram lentamente apagados por negligência. Diz-se “supostos” e “genuínos” pois no sonho nostálgico nunca se chega a voltar para o passado como ele era de forma completa (BAUMAN, 2017, p.15).

O que se espera na retrotopia não é uma sociedade melhor para todos. Há esta tendência geral de almejar o passado, no entanto, cada um almeja um dos passados e a escolha do passado a ser visado liga-se diretamente ao ganho pessoal que o indivíduo terá com isso. A sociedade atingiu o ponto de ser entendida como incorrigível e os esforços na direção do passado se dão motivados não pela reforma social, mas pela competição individual (BAUMAN, 2017, p.17).

Hoje o futuro é temido pois a confiança na união coletiva foi desvanecida. Não se avista horizonte para uma sociedade que luta em prol de tornar o futuro menos assustador. Em consequência disso, os nascidos na virada do século, os *millenials*, “são a primeira geração pós-guerra a expressar medo de perder, em vez de elevar, o *status* social alcançado por seus pais” (BAUMAN, 2017, p.59). É verificado que a

⁴ [I]t is not possible to step twice into the same river.

maioria tende a acreditar que o futuro irá piorar sua qualidade de vida e que a escalada do sucesso de seus pais é inacessível no presente.

Os sonhos, nostalgias e anseios por um mundo diferente são profundamente cotidianos e “são placas indicadoras do itinerário da nossa busca coletiva de uma vida melhor” (BAUMAN, 2017, p.134). Independente da geração, todos querem uma vida de conforto e inconveniências mínimas. Querem usufruir o que o presente não propicia e aliviar as aflições que dele transbordam (BAUMAN, 2017, p.135).

Uma vez tratado da contundência na memória em relação ao social e o bem-estar físico e emocional, torna-se importante desvendar o processo neurofisiológico de retenção e modificação da memória.

No que tange à nostalgia, torna-se interessante discorrer sobre o funcionamento da memória de longo-prazo, especificamente a episódica, pois é desse tipo de memória da qual a memória nostálgica parte. Tulving segmenta a memória de longo-prazo em duas: memória episódica e memória semântica. Ambos são sistemas de processamento de informação, recebem as informações via sistema cognitivo, retêm certos aspectos dessa e, sob instrução, transmite informações retidas específicas para outros sistemas. Apesar das convergências, há diversas divergências entre memória episódica e semântica. É interessante remarcar duas delas: a diferença na natureza da informação retida e a vulnerabilidade de interferência, ou seja, a susceptibilidade, a modificação e o esquecimento (TULVING, 1972, p. 385).

A memória episódica recebe e armazena informação sobre eventos marcados de forma temporal, além das relações tempo-espaciais entre elas. A evocação dessa memória não apenas permite que a informação armazenada fique acessível à inspeção, mas também funciona como um tipo especial de entrada – *input*. Ou seja, ao evocar uma memória episódica específica, inserem-se novas informações dentro desta. Com isso, o sistema da memória episódica é provavelmente bastante suscetível à transformação e perda de informação (TULVING, 1972, p. 385-386).

Em contrapartida, o sistema de memória semântica é muito menos suscetível a transformações involuntárias do que a memória episódica. A semântica é a memória necessária para o uso da linguagem. É a organização do conhecimento do indivíduo sobre palavras e outros signos, isto é, os significados, significantes e referentes, as relações entre si, as regras e formas de manipulação dos sistemas de signos etc. (TULVING, 1972, p. 386). Em sua base não se referem a eventos, acontecimentos,

únicos e pessoais experienciados pelo indivíduo. São conceitos sýgnicos gerais, impessoais (TULVING, 1972, p.387).

Ressalta-se que esta dissertação se centra no caráter linguístico-discursivo de um fenômeno sociopsicológico, não tendo a pretensão de aprofundar-se em assuntos de neurociência. No entanto, os conhecimentos aqui percorridos sobre o funcionamento da memória vêm a corroborar com questões de tema e significação do signo, discussão teórica que pode ser conferida nas análises sobre nostalgia subjetiva.

Se há a busca de uma compreensão acerca de como a nostalgia se opera no âmbito linguístico, é de primordial importância o desenvolvimento teórico sobre como se opera a nostalgia de forma interior e exterior ao ser. Nesta sessão observou-se uma breve descrição fisiológica da memória, algo que tem inegavelmente valor acadêmico e que não anula, mas vem a corroborar a visão do linguista russo Valentín Volóchinov, componente do Círculo de Bakhtin, sobre como o pensamento opera em signos. Volóchinov não se fundamenta na concepção fisiológica, no entanto, a neurofisiologia explica limitando-se muitas vezes ao corpo físico, o que Volóchinov explica no âmbito do signo ideológico como operador do pensamento.

4 LINGUAGEM E PENSAMENTO

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov discorre amplamente sobre signo. Este signo vai além daquele teorizado por Saussure, o qual é composto de significante e significado. Para Volóchinov, onde há signo há ideologia, portanto, para ele, o signo é ideológico, ou seja, é uma realidade que remete a outra realidade. Nesse processo, o signo como realidade material reflete e refrata uma realidade que vai além dele (VOLÓCHINOV, 2017, p.93). A ideologia está em todos os campos da sociedade e cada campo interpreta e distorce a realidade de forma distinta. No entanto, seja via símbolos, leis, peças artísticas etc, todas os fenômenos ideológicos têm em comum o caráter sógnico. Isso porque a compreensão de um signo só se faz em relação ao outro e esse processo de compreensão ideológica é ininterrupto e baseado na interação social. É social mesmo na qualidade de signo interior porque a consciência individual só passa a existir quando se tem inserido nela material ideológico, signos. E, concomitantemente, o signo só se desenvolve no processo de interação entre, pelo menos, dois indivíduos socialmente organizados (VOLÓCHINOV, 2017, p.93-95).

Pode-se afirmar, portanto, que o signo é a materialização da comunicação social e que a palavra é um exemplo muito claro de signo ideológico. Para Volóchinov, “a palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (2017, p.99). A realidade de todos os signos – e aqui destacando a da palavra – encontra-se no exterior do indivíduo, na comunicação, e é produzida no interior deste. A palavra é o material sógnico da vida interior, constitui a consciência e “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma comunidade” (VOLÓCHINOV, 2017, p.98).

Tendo em vista a onipresença do signo em toda e qualquer esfera da comunicação social, é de se esperar que a palavra seja o signo que mais sensivelmente transpareça às mudanças sociais. A palavra é um indicador dessas mudanças, pois é nela que se acumulam pouco a pouco as mudanças que podem vir a se tornar um novo produto ideológico. Para a compreensão desses signos, Volóchinov reitera que a psicologia social não deve ser vista como algo interior. Deve ser conceituada como uma troca material de palavras, gestos, ações que permeiam exteriormente as relações interpessoais (VOLÓCHINOV, 2017, p.106-8).

Aqui obviamente se encaixam os discursos verbais, mas, atrelado a eles, também se têm as expressões corporais e gestos convencionais. Seja qual for a comunicação sónica, estas estão profundamente condicionadas pela situação social concreta. Isto é, estão condicionados à organização social dos indivíduos e suas condições mais próximas de interação (VOLÓCHINOV, 2017, p.107,109).

No trabalho de compreensão do pensamento humano, o marxismo busca olhar para o pensamento de uma forma objetiva, no entanto, sem se apoiar na psicologia biológica ou na fisiológica. Volóchinov fundamenta sua obra, portanto, na psicologia sociológica. A biologia e a fisiologia são extremamente limitadas em lidar com o consciente e o subjetivo humano, pois o psiquismo é socioideológico inacessível às duas áreas. Não se pode tomar o psiquismo subjetivo como algo interior, fechado em um indivíduo. Por mais que o indivíduo participe do processo, “os processos que em geral determinam o conteúdo do psiquismo não se realizam no organismo, mas fora dele” (VOLÓCHINOV, 2017, p.115). Este psiquismo subjetivo

é um objeto da compreensão ideológica [...]. O fenômeno psíquico compreendido e interpretado só pode ser explicado por meio dos fatores sociais determinantes da vida concreta de um indivíduo nas condições do meio social (VOLÓCHINOV, 2017, p.116).

Portanto, quando se trata de experiência interior, trata-se de um componente da experiência exterior objetivada. Ambas não se separam. Junto disso, o autor teoriza que não há psiquismo fora do material sónico, sendo assim, a realidade do psiquismo subjetivo – interior – é a realidade do signo. A natureza do psiquismo subjetivo o situa entre o organismo e o mundo exterior. É mediador entre essas duas esferas da realidade, é ponto de encontro (VOLÓCHINOV, 2017, p.116).

Além disso, tal psiquismo só pode ser compreendido e interpretado como signo, visto que “atividade psíquica” – ou “vivência psíquica” – “é uma expressão sónica do contato do organismo com o meio exterior” (VOLÓCHINOV, 2017, p.116). Em outras palavras, o pensamento surge do contato entre o ser e o exterior, operando via signos. Mas a teoria vai além: o signo na vivência psíquica não funciona apenas para expressar a própria vivência – o que o indivíduo sente e pensa – mesmo que não expresso objetivamente, o pensamento só *existe* como material sónico. Logo, a vivência interior e sua expressão não são realidades diferentes. São ambas feitas de material sónico e a passagem da vivência para a expressão não altera esse fato.

Nessa passagem não há mudança de qualidade, mas sim, quantitativa (VOLÓCHINOV, 2017, p.120). A qualidade do signo se altera e, para poder ser expresso a partir da vivência, seu número aumenta. Por exemplo, uma vivência dada em uma impressão total ao ser exteriorizada deve ser transformada em palavras justapostas, o que necessita de muito mais signos para se tornar clara.

O supracitado material sónico do psiquismo é tudo aquilo que acontece dentro do organismo que se torna expressivo, adquire uma significação sónica. Dentre eles, a palavra é um material sónico sofisticado e flexível que é passível de ser modificada, diferenciada e definida no processo da expressão. Dessa forma, o material sónico primordial do psiquismo é a palavra em discurso interior. Sem a palavra no psiquismo humano, ou seja, sem a função sónica do discurso interior, todos os outros processos expressivos seriam reduzidos a meros processos fisiológicos, fechados em si dentro do indivíduo (VOLÓCHINOV, 2017, p.121).

Segundo Volóchinov, os fisiologistas ao contentarem-se com a compreensão de um corpo sem função sónica, ficam incapacitados de compreender a função biológica da “mente” sobre o corpo. É ponto pacífico que a função psicológica não é processo estritamente fisiológico, no entanto, é um erro serem fragmentados como independentes. De mesma forma, não se deve segmentar a psicologia e ideologia, bem como o biólogo não deveria conceber um corpo como algo abstrato, isolado da sociedade. O ser humano e seu corpo são profundamente sociais e sujeito a modificações ideológicas (VOLÓCHINOV, 2017, p.123-4).

Levando em consideração tais problemas apresentados, o autor atesta que a chave para unir as esferas citadas é a filosofia da palavra como signo ideológico. O signo é material, sociológico e significante, abarcando todos os campos. O psiquismo nesse caso não é uma mera réplica do mundo e o mundo não é mera observação do monólogo psíquico. Ainda sobre o signo, deve-se ter claro que

qualquer signo ideológico exterior, independentemente do seu gênero, banha-se por todos os lados nos signos interiores, ou seja, na consciência. Esse signo exterior tem sua origem no mar dos signos interiores e nele continua a viver, pois a sua vida se desenvolve no processo de renovação de sua compreensão, vivência e assimilação, ou seja, em sua inserção contínua no contexto interior (VOLÓCHINOV, 2017, p.128).

Como se pode inferir a partir do segmento apresentado, o indivíduo autor de toda a sua consciência, de suas ideias, de seus desejos é puramente socioideológico. Tudo aquilo tido como psiquismo ‘individual’ é completamente social, regido pela

ideologia, pela história e o sociológico: fenômenos inseridos no corpo do indivíduo. Portanto, “[t]odo signo é social por natureza e o signo interior não é menos social que o exterior” (VOLÓCHINOV, 2017, p.129).

O signo interior não pode ser analisado diretamente por outro, mas pode ser auto observado pelo próprio sujeito. Para que seja possível a análise do signo interior pelo outro, deve haver uma expressão súnica exterior. Nesse caso, a expressão em um enunciado, por exemplo, visa expressar os signos interiores por meio dos signos exteriores de modo que o interlocutor os relacione com seus próprios signos interiores. Quando não se deseja a expressão objetiva, a auto-observação opera na compreensão do discurso interior através de relação com outros signos interiores. E, por fim, a citada compreensão está intimamente ligada à situação de produção do signo e o signo não pode se separar de sua situação social sem que perca a natureza súnica (VOLÓCHINOV, 2017, p.133-5).

É importante ressaltar que, em um caso concreto, interior e exterior não se separam visto que há um fluxo contínuo de relações súnicas para a compreensão de outros signos (VOLÓCHINOV, 2017, p.133-4). Isso porque há uma estreita interação dialética entre psicologia e ideologia. Enquanto “[o] signo ideológico vive por meio de sua realização psíquica, [...] a realização psíquica vive por meio do seu conteúdo ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p.138). Nesse âmbito a vivência psíquica é o interior levado ao exterior e o signo ideológico é o exterior penetrado no interior. A síntese dialética entre ambos se realiza sempre na palavra, no enunciado e por mais pequeno que este seja, revela-se fruto de um embate entre pelo menos duas tendências (VOLÓCHINOV, 2017, p.138,140).

Nesse âmbito, no uso da palavra, ocorrem as mudanças temáticas e, conseqüentemente, de significação. Isso ocorre, pois, o tema liga-se não às formas linguísticas, mas a todos os fatores extra verbais da situação e é isso que constitui o sentido da palavra ou enunciado. O tema, individual e irrepetível, incide pouco a pouco sobre a significação. A significação, por sua vez, é “um artefato técnico de realização do tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p.229). É repetível e idêntica a si mesma em cada ocorrência pois representa a parte abstrata da língua e não significa nada por si só. A significação, na realidade, é um potencial de significação no interior de um tema concreto. Tendo isso em mente, Volóchinov explica que a significação “é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova

significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias” (VOLÓCHINOV, 2017, p.238).

O discurso interior, constituído de signos, possui características próprias. Ou seja, ele não se realiza sob as normas da linguagem exterior, sejam elas questões fonéticas, lexicais ou gramaticais, estas não explicam o seu funcionamento. O discurso interior se realiza através de unidades que se assemelhariam há um enunciado como um todo. São impressões totais que não se ligam ou se alternam seguindo leis sintáticas, mas sim, por correspondência valorativa e enfileiramento dialógico, por exemplo (VOLÓCHINOV, 2017, p.136).

Em “Pensamento e palavra”, capítulo integrante da obra *Pensamento e linguagem* (2008), seu autor, Lev Vigotski, possui visão complementar a essa apresentada. O processo do pensamento verbal, em termos Vigotskianos, é “desde o primeiro pulso perceptível de um pensamento até sua formulação” (VIGOTSKI, 2008, p.156). Desse processo participam dois planos de fala que, por mais que seja uma unidade inseparável, possuem movimentos próprios. Há, portanto, o plano interior da fala, que se baseia na significação e sentido, e o plano exterior, também permeado de sentido, no entanto, primordialmente fonético (VIGOTSKI, 2008, p.157-158). Ambos se interpenetram e “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir” (VIGOTSKI, 2008, p.156-157).

A compreensão psicológica da fala interior é fundamental para o entendimento da relação entre palavra e pensamento. A fala interior possui suas próprias leis e liga-se dinamicamente com as outras formas de fala. Ela possui características e funções especiais que vão além do plano semântico. Enquanto a fala exterior é para os outros, a fala interior é para si. Com a fala interior, a fala exterior interioriza-se em pensamento enquanto a fala exterior o traduz, objetificando-o. O fato de não haver vocalização na fala interior não quer dizer que ela seja antecedente à fala exterior ou que ela seja simples reprodução na memória, mas sim, este é simplesmente um aspecto da natureza da fala interior (VIGOTSKI, 2008, p.164).

É importante ressaltar que fala interior não é fala sem som. É uma função de fala independente que possui uma sintaxe própria, muito menos ordenada do que a da fala exterior. Há a tendência da supressão do sujeito, pois este geralmente encontra-se evidenciado em pensamento. Outro ponto é que quanto mais os pensamentos dos interlocutores estiverem em harmonia, menos atividade de fala é necessária para que ambos se compreendam. Nessa situação, a sintaxe segue a

tendência da abreviação e simplificação, estendendo-se inclusive para a fala exterior (VIGOTSKI, 2008, p.172-175).

Em contrapartida, na comunicação via escrita se precisa de muito mais palavras, estas utilizadas na grande maioria em seu significado usual. A escrita, por vezes, para um interlocutor ausente, não dá garantias de que o leitor compartilha dos mesmos campos de conhecimento. Logo, deve-se escrever de forma mais exata e desenvolvida possível, com termos que não soam naturais ao serem usados oralmente. Há aqui uma importância de planejamento destacada e os rascunhos feitos até o produto final evidenciam o processo mental de construção de sentido via combinações sintáticas (VIGOTSKI, 2008, p.176-179).

Na fala interior prioriza-se não o significado, relativamente estável e preciso, mas sim o sentido: a totalidade dos eventos psicológicos atrelados à palavra utilizada que são despertados na consciência. Isto é, prioriza-se na palavra seu sentido adquirido pelo uso situado em determinado contexto. O enriquecimento da palavra através dos sentidos conferidos é fundamental para a dinâmica de seu significado. Por conta disso, uma só palavra pode incorporar conceitos amplos e diversos outros sentidos além do original. A palavra, portanto, mostra-se como algo complexo, móvel e variável, possuindo aplicabilidades inúmeras variando de acordo com quem as utiliza e em que situação está sendo utilizada (VIGOTSKI, 2008, p.181-182).

A fala interior é pensamento realizado por palavras. Pensamento e palavra são componentes relativamente estáveis do pensamento verbal. O pensamento é dado de uma só vez, está presente em totalidade e para ser manifestado em palavras pode requerer diversos minutos. Ao contrário do pensamento, a palavra na fala necessita de um desenvolvimento em sequência, feito com unidades separadas (VIGOTSKI, 2008, p.186).

Sobre a comunicação do pensamento, é impossível que esta seja feita entre duas consciências de forma direta. Sendo assim, o pensamento passará pelos significados para depois ser comunicado, indiretamente, em palavras. O pensamento é gerado inicialmente por uma motivação específica e um enunciado real sempre possui em si um pensamento oculto, um subtexto. Para uma compreensão satisfatória do outro não é suficiente apenas o conhecimento compartilhado semântico e sintático, mas é preciso compreender a base afetivo-volitiva que iniciou o processo do pensamento (VIGOTSKI, 2008, p.186-188).

Neste trabalho, observa-se que a base afetivo-volitiva da enunciação se liga ao sentimento de nostalgia. A compreensão dessa base, bem como de como a noção de tempo manifesta-se no enunciado, deve ser feita para que se torne possível uma profunda interpretação de como o pensamento opera significativamente sob o efeito de tal sentimento.

4.1 LINGUAGEM E TEMPO

O linguista Émile Benveniste afirma que as línguas em geral compartilham certas categorias de expressão. Duas delas são a categoria de pessoa e a de tempo – elementos interligados e essenciais à língua.

No caso da categoria de pessoa, todo o enunciador se coloca como “eu” no discurso em oposição a um “tu” ou “ele”. Cada ato do discurso e seu posicionamento é sempre novo tendo em vista o fato de que a inserção do locutor nunca se dá no mesmo momento de tempo e na mesma tessitura de circunstâncias. Logo, ao usar explicitamente os pronomes em discurso, o enunciador não os utiliza como elemento gramatical puramente. Em cada evocação o “eu” ou o “tu” atualizam-se: como partículas reais da comunicação verbal, são essenciais a qualquer língua. Em contrapartida, se separadas do contexto do diálogo, os pronomes tornam-se nada mais do que formas vazias, sem substância, que não podem ser ligados a qualquer conceito (BENVENISTE, 2016, p.68-69).

Além dos pronomes existem outras formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva. Este é o caso dos dêiticos e das formas relacionadas ao tempo. No escopo da categoria de tempo, há um tempo específico da língua que se distingue, com efeito, do tempo *físico* e do *crônico*.

“O tempo físico do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” (BENVENISTE, 2016, p.71). É o tempo interior, de duração profundamente variável, ligado às experiências de vida do indivíduo. Já o tempo crônico é “o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos” (BENVENISTE, 2016, p.71). Nesta perspectiva psíquica o tempo é único e corre ininterruptamente e sem retornos. É a sucessão de grupos de acontecimentos amarrados em pontos de referência em uma escala convencional conhecida por todos.

Cada indivíduo é um observador do tempo no que tange à possibilidade de percorrer esta linha de acontecimentos ocorridos do presente para o passado e do passado para o presente. O rememorar o tempo crônico congelado na história é um movimento bidirecional, enquanto a vida vivida pode-se explorar em, supostamente, apenas uma direção voltada para o futuro. Buscando a objetivação deste tempo crônico, criam-se o calendário, relógio e afins como ferramentas fundamentais da vida em sociedade. Estes pontos de referência dados por recorrência naturais, cósmicas ou a partir de um evento de elevada importância dão a posição objetiva dos acontecimentos. Da mesma forma dão a posição objetiva do próprio indivíduo, situando-o na história (BENVENISTE, 2016, p.71-73).

Recorrentemente caracteriza-se o tempo crônico como algo fixo, permanente. No entanto, isso resulta-se do fato que o tempo crônico organizado no social é, de fato, intemporal. A duração e quantidade de dias em semanas e semanas em meses é fixa, porém, em nada se ligam com a natureza do tempo. Ligam-se em menor ou maior grau a fenômenos cósmicos, mas são vazios de temporalidade. São convenções que não podem ser significadas senão por quem vive o tempo. O tempo do calendário e o tempo vivido, o da experiência humana, não se coincidem (BENVENISTE, 2016, p.73-74).

Após tratar de tempo físico e o crônico, trata-se agora do tempo linguístico, terceiro nível do tempo. Benveniste diz que “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo” (BENVENISTE, 2016, p.74). Isto se dá devido ao íntimo e orgânico laço entre o tempo linguístico e o ato discursivo. O tempo linguístico se define e se organiza em função do discurso.

O tempo linguístico também possui um centro do qual se define o que é passado e o que é futuro. Este centro – que é igualmente gerador e axial – é o enunciado. É exatamente no enunciado que se gera o momento “agora”. Cada vez que o indivíduo produz um enunciado, o agora reinventa-se, atualiza-se. Cada ato de fala é um tempo novo, não vivido. Portanto, o enunciado também é responsável na articulação da anterioridade e posteridade. “Se o agora é gerado pelo ato de linguagem, desloca-se ao longo do fio do discurso permanecendo sempre agora” (FIORIN, 2016, p.126).

Em consequência, o único tempo indissolúvel à língua real é o presente axial, gerado pelo ato enunciativo. Este presente senão explicitamente, experiencia-se de forma implícita e determina duas outras referências de tempo. Essas duas outras

precisam ser explícitas no discurso, a fim de separar o presente daquilo que não o é mais e do que virá a sê-lo – os chamados passado e futuro. Quando no momento da enunciação se trata de algo que não se apresenta no contexto exato da enunciação, uma especificação temporal é necessária para que locutor e interlocutor se entendam. Nesse processo o tempo linguístico liga-se ao tempo crônico, pois este detém as coordenadas espaço-temporais comum aos dois (BENVENISTE, 2016, p.76, 79).

Merece destaque a forma com a qual a temporalidade se insere na comunicação. O ato de fala é essencialmente individual e a cada reiteração se renova. À primeira vista, a temporalidade deveria acompanhar essa característica visto que a experiência de tempo vivido de uma pessoa é divergente de outra. No entanto, na enunciação, o “hoje” do “eu” é sem resistências acolhido como “hoje” do “tu” que participa do discurso junto do “eu”. No momento da réplica discursiva, o sujeito que antes era “eu” torna-se “tu” e vice-versa. O mesmo acontece com a temporalidade: há a inversão do “hoje” com a inversão dos papéis discursivos. O tempo do discurso, assim sendo, funciona como fator de intersubjetividade e, com isso, torna-se possível a comunicação verbal. Benveniste, com isso, confere à linguagem destaque na experiência da temporalidade humana (2016, p.76-78).

Esta dissertação versa sobre a manifestação sógnica da nostalgia. Se Benveniste destaca a linguagem como catalizador da experiência temporal, é de se esperar que, através dela, se viva o passado e busque-se o presente. Também é da linguagem a potencialidade de desvelar a relação e conflitos sobre esses dois momentos. Em comunicação real, signos formam enunciados e à forma relativamente estável de enunciados dá-se o nome de gêneros do discurso, temática da próxima sessão.

5 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Os gêneros do discurso é uma importante obra do linguista russo Mikhail Bakhtin. Foi publicado originalmente em 1979, em uma coletânea de textos intitulada *Estética da criação verbal*. Inicia-o atestando que “[t]odos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (2016, p.11), ou seja, a comunicação humana, em sua miríade de esferas, é feita através de enunciados, unidade real da comunicação discursiva. Diz-se real pois não é unidade abstrata, com um início e fim convencionalizado, mas sim, é efetivamente produzida materialmente, de forma concreto (BAKHTIN, 2016, p.29).

Além de ser real, todo enunciado é individual, único e irrepetível. Isso pois reflete a individualidade do enunciador, seu estilo próprio de compor os enunciados. Junto disso, é único e irrepetível, pois o tratamento temático dado ao objeto nunca será dado de mesma forma, mesmo em situações idênticas de comunicação social (VOLÓCHINOV, 2017, p.229).

Outra característica intrínseca ao enunciado é o de ser “elo”, ou “correia”: “[o]s enunciados e seus tipos [...] são correias na transmissão entre história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p.20). Ou seja, eles refletem em si as mudanças da sociedade e “[c]ada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p.26). Em situação real de comunicação, os enunciados se repetem e se recriam em uma cadeia ininterrupta, considerando os enunciados anteriores e prevendo os posteriores (BAKHTIN, 2016, p.34-35).

O enunciado nunca é neutro, pois tem implícito em si, em maior ou menor grau, a relação valorativa do enunciador com relação ao objeto do qual trata no enunciado. O enunciado possui entonação expressiva e este elemento expressivo do enunciado é o que determina quais termos em âmbito lexical, gramatical e composicional serão utilizados para o compor (BAKHTIN, 2016, p.47). Esse é um traço crucial da teoria dos enunciados porque “só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão” (BAKHTIN, 2016, p.51). Este é um dos pontos em que o enunciado se difere da frase e da oração como unidade de análise, visto que, dentro de um sistema linguístico convencionalizado e abstrato, são neutras.

O enunciado possui peculiaridades intrinsecamente ligadas que, além do elemento expressivo, o diferencia de uma simples frase: a alternância e a conclusibilidade. Em um enunciado há sempre alternância de sujeitos falantes. A alternância se dá no momento em que o outro entende por acabado o turno do enunciatário e inicia o seu próprio. A alternância dos sujeitos é, inclusive, o que limita um enunciado, o que distingue como unidade do discurso (BAKHTIN, 2016, p.29,35). A outra peculiaridade, a conclusibilidade, liga-se estreitamente à primeira. Diz respeito à relativa conclusão que o autor dá ao enunciado, característica que possibilita a troca de turnos. Ademais, só há a relativa conclusão se esta gerar responsividade (BAKHTIN, 2016, p.35).

Esses elementos interligados possibilitam a compreensão responsiva ativa dos integrantes do diálogo (SOBRAL, 2009, p.92-93). Dito em outras palavras, gera responsividade. Segundo a teoria, o enunciatário e o enunciatário são igualmente ativos. Em toda a compreensão real do enunciado há uma resposta. De forma imediata ou não, verbal ou silenciosa, o que foi ativamente compreendido retroage nos discursos ou comportamentos subsequentes (BAKHTIN, 2016, p.25).

A responsividade é possível mediante a união de três elementos: a exauribilidade semântico-objetiva do enunciado, intenção discursiva, as formas estáveis de gênero do enunciado (BAKHTIN, 2016, p.36-37). A exauribilidade é o esgotamento do assunto a ser tratado no enunciado. Por mais que um conteúdo objetivo seja infinito em possibilidades de tratamento, para ser proferido em enunciado se dá um limite temático ao conteúdo. Isso varia de acordo com a esfera discursiva na qual o enunciatário produz seu discurso, bem como varia frente ao segundo elemento, a intenção discursiva. O enunciatário limitará seu enunciado com base na previsão de atividade responsiva do outro. Ou seja, os limites serão dados dependendo da situação concreta de comunicação e, com isso, da resposta que o enunciatário visa ou não visa receber. Por fim, para compor os elementos anteriores são levadas em consideração as formas estáveis de enunciação em determinada esfera enunciativa. Essas formas típicas nada mais são que os tipos relativamente estáveis de enunciados, mais conhecidos como os gêneros do discurso (SOBRAL, 2009, p.92-93).

Às formas relativamente estáveis de enunciado Bakhtin dá o nome de gêneros do discurso, os quais chegam à experiência e à consciência de forma vinculada. Os gêneros discursivos são constituídos por quatro elementos coesos e inseparáveis, são

eles: 1) conteúdo temático, 2) estilo, 3) estrutura composicional e 4) relação interlocutiva (BAKHTIN, 2016, p.11-12,39). O 1) conteúdo temático centra-se principalmente na repetição do significado das palavras que compõe o enunciado como um todo, juntamente com e recriação temática, de sentido, destas palavras. É interessante remarcar que os sentidos se constroem em interações entre indivíduo. Logo, o enunciado está sempre endereçado a alguém, tendo um objetivo específico (SOBRAL, 2009, p.95). Com o 2) estilo há a avaliação e adaptação dos modos de enunciar devido ao processo de modificação individual dado ao gênero para melhor se adequar à situação real de enunciação. Alguns gêneros são mais suscetíveis a alterações de estilo e outros menos. Documentos oficiais e ordens militares são casos de gêneros que apresentam maior rigidez em sua estrutura, opondo-se aos gêneros artísticos que comumente apresentam boa receptividade a alterações estilísticas. A 3) estrutura composicional, por sua vez, trata-se de todo o material gramatical e de convenção ligado à estrutura do gênero. Por fim, a 4) relação interlocutiva está intimamente ligada à situação do enunciator e modifica-se frente àquele com quem se dialoga. Leva-se em consideração a relação social específica entre os sujeitos em diálogo, a percepção que um tem do outro, a relação de ambos com a temática do enunciado etc. Naturalmente, tal relação modifica-se de acordo com objeto sobre o qual se enuncia. (SOBRAL, 2009, p. 97).

Assim como as esferas da atividade humana, a diversidade dos gêneros discursivos é rica e infinita. Cada campo de atividade elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciação e o repertório de gêneros modifica-se e cresce em complexidade, ao mesmo passo que os campos de atividade humana correlatos a ele (BAKHTIN, 2016, p.12). Afinal, eles são criados exclusivamente para atender as condições específicas e os propósitos do campo de atividade no qual estão inseridos. Junto a isso, é interessante remarcar que “cabe dominar bem os gêneros para empregá-los livremente” (BAKHTIN, 2016, p.41). Quanto maior a familiaridade e domínio com um gênero em específico, maior é a desenvoltura com que se aplica e mais nitidamente se consegue observar a individualidade de seu autor refletida. (BAKHTIN, 2016, p.41).

Profundamente ligada à atitude responsiva ativa em relação interlocutiva, tem-se a axiologia, tratada por Sobral (2009) sob a nomenclatura de avaliação. O autor reforça que a linguagem não é um amontoado de códigos linguísticos per se. Muito mais complexo do que isso, a linguagem é o local de encontro entre o individual e o

social. Dessa maneira é de se esperar que o subjetivo transpareça na enunciação e que o social permeie o subjetivo a partir das interações dialógicas (SOBRAL, 2009, p.83).

Todo o enunciado, por mais que se tente esconder, acaba por transparecer a avaliação do sujeito sobre o objeto. Este tom avaliativo impresso no discurso modifica-se dependendo da situação em que o indivíduo se encontra, do objeto e com quem este interage. Ao interagir, o enunciatário e o enunciador são parceiros na construção de sentidos (SOBRAL, 2009, p.84).

De forma recíproca, responsividade ativa do enunciado garante uma produção e recepção permeada de entoação avaliativa de ambos os lados da interação discursiva. Tem-se a avaliação e resposta do enunciador e a avaliação e resposta do enunciatário. Todas ocorrem simultaneamente em uma cadeia interminável de enunciados. Estes enunciados, por sua vez, estão sempre ligados com os valores ideológicos ligados à interação (SOBRAL, 2009, p.87).

Tal fundamentação apresentada é, segundo Bakhtin, de enorme importância para campos da linguística e filologia porque todo estudo e análise de algum material linguístico concreto não se dá senão por enunciados. Enunciados esses que se relacionam com os diversos campos da atividade humana, por meio dos gêneros do discurso. Essa teoria, portanto, traz à tona a questão das relações recíprocas entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo. Isso pois é através da língua que a vida passa a integrar os enunciados concretos e, de mesma forma, é através desses enunciados concretos que a vida passa a integrar a língua (BAKHTIN, 2016, p.16-17). Portanto, é de se esperar que um enunciado possa desvelar a mais sensível das nuances sentimentais não só da nostalgia, mas também de qualquer outro sentimento.

5.1 GÊNERO DO DISCURSO EDITORIAL DE REVISTA

Assim como todos os outros gêneros existentes, o editorial de revista é uma construção discursiva social. Possui, portanto, em profunda união, conteúdo temático, estilo, construção composicional e relação interlocutiva-axiológica. O editorial, especificamente o publicado em revistas, possui como conteúdo temático assuntos de interesse do público-alvo para o qual se destina a publicação. O tópico de discurso geralmente é de relevância duradoura e trata-se de assuntos que se relacionam

diretamente com a vivência do público-alvo. É comum também observar discurso sobre o conteúdo da edição da revista, enquanto nos editoriais de jornais busca-se tratar de assuntos de grande repercussão, assuntos que alteram na sociedade seus aspectos econômicos, políticos e de coletivo (VIEIRA, 2009, p.78, 98).

Com relação ao estilo, o editorial de revista possui uma forma específica de se expressar via palavras e preferências gramaticais. Diferentemente do editorial de jornal, o de revista geralmente é construído com o uso de um vocabulário mais coloquial, descontraído, podendo conter palavras específicas da esfera semântica na qual está inserido. Tal estratégia visa a aproximação com o leitor da revista. Outra característica importante é a utilização de verbos no modo imperativo. Quando o autor opta por esse modo demonstra ter o intuito de induzir o leitor para que faça aquilo que o editorial sugere (VIEIRA, 2009, p.83).

O outro aspecto, a construção composicional, manifesta-se na organização da estrutura genérica do corpo do texto e seus elementos periféricos. Quanto aos elementos periféricos, os editoriais de revistas costumam tê-los em muito mais quantidade do que os editoriais de jornais. Nesses elementos encaixam-se figuras e ilustrações, elementos decorativos coloridos. Além do mais, é frequentemente observado título e a assinatura do redator (VIEIRA, 2009, p.90,92).

Todas as escolhas tomadas para a construção do texto se relacionam fortemente com o propósito enunciativo da edição específica ou da publicação como um todo. É comum que os editoriais, tanto os de jornal quanto o de revista, sejam argumentativos e busquem convencer o leitor de algo, busquem convencer o leitor a unir-se a alguma causa. Além disso, a construção de característica argumentativa por vezes visa orientar o leitor. O autor do editorial é porta-voz do ponto de vista da entidade da revista da qual faz parte (VIEIRA, 2009, p.95).

É interessante ressaltar que o suporte no qual o editorial é publicado é de fundamental importância. A revista comumente costuma ter material mais resistente e ter um formato menor do que o do jornal. Tais elementos que possibilitam uma maior comodidade para se carregar e guardar. O material das páginas é mais duradouro e possibilita uma impressão com qualidade. Junto disso, em contraste com o jornal diário, as revistas demoram mais tempo para serem produzidas e publicadas quando mensais. Os elementos referentes ao suporte e os referentes ao discurso contido nele se influenciam entre si. O conteúdo da revista, assim como o material desta, geralmente é feito para ser arquivado, para manter a atualidade por mais tempo. Isso

influencia com que o redator trate o leitor de forma mais direta, íntima. Dentro da revista, o editorial é como uma carta endereçada ao leitor escrita para conectar enunciador e enunciatário (VIEIRA, 2009, p.114,119). Com finalidade de promover discussões e sensibilizar acerca dos assuntos relacionados à ferrovia, essa conexão entre leitor e editorialista é de notável importância no caso dos editoriais da *Revista Ferrovia*, *corpus* deste trabalho.

Os enunciados são espelhos sensíveis da organização da sociedade e do subjetivismo do ser. Da mesma forma é o gênero editorial de revista que é ferramenta de expressão de um coletivo que se vê cada vez mais estrangulado pelas más condições de trabalho. A próxima sessão expõe de forma teórica a potencialidade de desenvolvimento humano própria desse tipo de expressão enunciativa.

6 CATARSE E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Na obra *Psicologia da arte*, Vygotsky disserta a respeito do efeito da arte sobre o social e o biológico do ser humano. O sentimento, para o autor, é descarga de energia psíquica viva, reação orgânica geral em resposta a um afeto. No caso da apreciação de uma obra de arte, a descarga é tão maior quanto a comoção que ela promove. A base operacional do sentimento cotidiano e do provocado pela arte é a mesma, no entanto, diferenciam-se no que se refere à manifestação externa e intensidade do elemento fantasioso. É na unidade de sentimento e fantasia que se baseia a arte. Por ser a fantasia momento central da reação emocional da peça artística, quando se sente a partir desta a emoção, o sentimento se processa no córtex cerebral e, muito comumente, não deflagra ação a partir disto, diferentemente do sentimento cotidiano (VYGOTSKY, 1999, p. 252, 257, 265, 267).

O que explica a citada retenção da manifestação externa das emoções está no fato de que a arte opera por meio da promoção de uma sucessão de sentimentos opostos. Esta contradição emocional, em seu ponto mais alto, provoca uma espécie de curto-circuito, o qual Vygotsky conceitua como catarse – conceito que vai além do aristotélico. Toda as emoções angustiantes provocadas por um bom romance, por exemplo, encerram-se em uma complexa transformação de sentimentos sob o efeito catártico. Aquilo que era outrora desagradável destrói-se e transforma-se em algo positivo. Na arte, as emoções provocadas pela *temática*, pelo conteúdo, estão sempre em antagonismo com as emoções provocadas pela *forma* com a qual estão dispostas. Com isso, em suma, Vygotsky (1999, p. 270) afirma que “a lei da reação estética é uma só: encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra a destruição no ponto culminante, como uma espécie de um curto-circuito”.

Isto se relaciona com a atual pesquisa porque a nostalgia não só é um sentimento, mas também porque liga-se diretamente ao catártico. Ademais, tanto a catarse provinda da nostalgia quanto a provinda de uma reação estética qualquer está intrinsecamente ligada com as demais reações do ser humano. A vida encontra-se, sim, na arte. No entanto, “a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (VYGOTSKY, 1999, p.308). Ou seja, a emoção implicada pela arte supassa a que havia nela contida, a elaboração da arte leva a vida para além do que ela é.

Arte não é simples transmissão de pensamento – é ferramenta fundamental da sociedade. A arte surge de uma complexa necessidade biológica de vazão de energia psíquica, de catarse. Concebida dessa maneira, a arte garante o posto de contundente instrumento na luta pela existência. Como diz Vygotsky,

é essa possibilidade de superar na arte as maiores paixões que não encontram vazão na vida normal o que, pelo visto, constitui o fundamento do campo biológico da arte. Todo o nosso comportamento não passa de um processo de equilíbrio com o meio (VYGOTSKY, 1999, p.311).

O ser humano é perpetuamente pleno em possibilidades não realizadas. A energia dessas possibilidades pode se acumular ao ponto de que necessita urgentemente de vazão para manter o organismo saudável. Necessita-se do equilíbrio entre o ser e o mundo, ambos sempre entremeio à dualidade. Sendo assim, é natural que, em pontos críticos da vida, o ser humano volte-se com mais veemência para a arte. A arte em si não é responsável por gerar uma ação diretamente, mas prepara o organismo para tanto. Arte é ato criador – o sentimento, para ser arte, deve se realizar superando-se criativamente. Só assim o ser beneficiará da potencialidade catártica deste ato. Há uma importante explosão e dispêndio de energia neste processo (VYGOTSKY, 1999, p.311-314).

Também é importante ressaltar que a arte criada e partilhada é o social no ser humano. Ademais, por mais que a catarse se experimente e se processe individualmente, nada a separa de sua essência social. “[A] arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (VYGOTSKY, 1999, p.315). Por sua vez, a vida concentrada na arte provoca o indivíduo em suas emoções e vontades. Instabiliza e estabiliza, afeta o ser. Arte existe resposta, motiva certos atos e atitudes. No entanto, essas emoções suscitadas se diferem daquelas cotidianas pois estas se refletem imediatamente em ações. Não é impossível que hajam ações imediatas frutos de efeito artístico, afinal, “as emoções estéticas podem, uma vez acumuladas e repetidas, redundar em resultados práticos substanciais” (VYGOTSKY, 1999, p.316).

Por fim, o autor conclui que, socialmente, a arte orienta para o futuro, faz o ser aspirar, vislumbrar o que há além da vida que o cerca. O ato artístico, tão material quanto qualquer outro ato do humano, “é o mais importante de todos os processos

biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, [...] é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida” (VYGOSTKY, 1999, p.329).

De acordo com isso, Anselmo Lima (2015) discorre sobre o desenvolvimento da afetividade, emoções e sentimentos atividade humano. Lima explicita que o desenvolvimento subjetivo está profundamente ligado com o contínuo processo dialógico de apropriação e reapropriação de instrumentos técnicos e semióticos.

A atividade do ser humano *per se* é fonte inesgotável de contradições. De forma contínua, o indivíduo busca significar estas contradições e oscila entre dois pontos diametralmente opostos. Neste fenômeno, cunhado pelo autor como “atividade reguladora” (*cf.* LIMA, 2010), o ser oscila em sua atividade até que, devido a repetições em circunstâncias relativamente estáveis, a oscilação passa a diminuir de amplitude, até chegar em um ponto de amplitude mínima no qual acontece um curto-circuito. Com isso, ambas as formas de atividade combinam-se e originam uma terceira, diferente das duas anteriores. Ao chegar a este ponto, o indivíduo experimenta o efeito catártico, efeito este responsável pela liberação de energia psíquica acumulada, algo prazeroso de se ter (LIMA, 2015, p.871-872).

É importante ressaltar que o processo não acontece senão após um afeto. O indivíduo afeta-se quando “as ações ou circunstâncias nas quais se encontra exigem dele instrumentos para além daqueles dos quais dispõe, possui, domina e/ou tenta usar” (LIMA, 2015, p.873). Ou seja, se os instrumentos técnicos ou semióticos que a pessoa possui no momento não são suficientes para lidar com a situação desafiadora momentânea, inicia-se o processo dialógico da atividade reguladora. No embate com o meio e com os outros, o ser pode tomar consciência de suas emoções. Ao tomar consciência, a emoção qualifica-se como sentimento e, juntas, formam um todo sógnico. Um todo sógnico pois emoção e sentimento podem ser colocadas em paralelo, respectivamente, com significação e significado – elementos diferentes, porém inseparáveis no contexto do signo. Em resposta à necessidade de superar um desafio, a afetividade se realiza a partir da dicotomia emoção/sentimento. Com isso, por meio da atividade reguladora, o indivíduo busca ir além de si mesmo, crescer em competência – seja ela qual for.

Após discorrer sobre teoria e contexto, versa-se, a seguir, sobre metodologia da pesquisa. Trata-se, portanto, dos procedimentos tomados sobre o corpus a fim de

que, com a mobilização conjunta dos arcabouços teóricos, se construísse um todo significativo.

7 METODOLOGIA

Esta sessão apresenta a descrição detalhada do *corpus* da pesquisa e como se deu seu acesso. Em seguida, elucidam-se os passos dados para a composição e seleção de informações para, enfim, ser possível o processo de análise.

7.1 O CORPUS

O *corpus* inicial de análise da presente dissertação é constituído por 106 editoriais da *Revista Ferrovia*. Esta revista foi fundada em 1935 por Carlos Faria e Adail Jarbas Duclos. A publicação foi e continua a ser viabilizada pela Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí - AEEFSJ, com finalidade de promover discussões e divulgar matérias sobre a ferrovia. Sua distribuição é feita em parte da América do Sul e é direcionada a leitores que atuam na comunidade ferroviária, governantes, bem como integrantes de empresas públicas e privadas (PACE, 1993, p.3). É um dos periódicos mais tradicionais da área técnica, além de ser uma das revistas mais antigas do Brasil, sendo apenas mais recente que *O Cruzeiro*. Abaixo, segue a capa da primeira edição da *Revista Ferrovia*. Excepcionalmente nessa edição, intitula-se *Nossa Revista*:



Figura 1 - Capa da primeira edição da *Revista Ferrovia*.
Fonte: Acervo pessoal.

A produção da revista foi um grande incentivo para a fundação da AEEFSJ, fato que aconteceu em São Paulo em 1954, 19 anos após a primeira publicação. É uma sociedade civil sem fins lucrativos que conta com 208 integrantes, todos profissionais no campo do transporte metroferroviário. Desde a fundação os associados vêm lutando para a preservação da memória e patrimônio histórico ferroviário e pela evolução das técnicas ferroviárias para uma maior eficiência no transporte. A missão da organização, como consta no site oficial, é “[p]romover o convívio social, estimular o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da técnica ferroviária e fomentar a preservação do patrimônio histórico da ferrovia” (AEEFSJ, 2017, s/p). Uma evidência de que a organização mantém com vigor a missão de preservação do patrimônio histórico está na forma como desenvolvem artisticamente as capas da revista:



Figura 2 - Capa da edição de julho/agosto de 1988 da *Revista Ferrovia*.
Fonte: Acervo pessoal.

Por mais que o maquinário ferroviário se modernize e mostre-se digno de evidencição em capa, o passado da ferrovia não se evanesce. Uma interpretação que pode ser dada à imagem é a de que a locomotiva Maria fumaça, ao fundo, dourada, representa o conceito de uma ferrovia com um passado de prestígio, de um sólido monopólio dos transportes. A Maria fumaça tornou-se objeto de *status* neste

meio. Reforça-se, assim, que o que se tem nos trilhos hoje, deve-se aquele passado vivo na memória.

A Associação atualmente mantém um site moderno e atualizado⁵. A *Revista Ferrovia* continua a ser publicada e as edições podem ser baixadas em *Portable Document Format* - PDF. Nelas há com frequência a sessão “Olhando o passado” que conta com matérias sobre o universo ferroviário dos tempos antigos. Também se mantém no site uma sessão sobre a história da ferrovia e recentemente publicaram *online* o livro chamado *Entre trilhos* (ANTUNES; FERREIRA; PÁSSARO, 2014) que conta detalhadamente a história da linha Santos-Jundiaí, a primeira e mais lucrativa linha férrea do Brasil. A obra é permeada por relatos nostálgicos de pessoas que tiveram contato com a linha em seus tempos áureos. Junto a isso há a sessão “Fotos históricas” que convida os internautas a fazerem uma viagem temporal, atrelada à seguinte frase: “um povo sem memória é um povo sem passado e sem futuro”, creditada por eles ao brasileiro Edson Farah. Todos esses esforços para manter viva a memória da ferrovia são um claro indicativo do apreço que a classe ferroviária e pessoas circundantes têm pelo passado. Esse passado bom está vivo nas suas memórias e eles fazem questão de mantê-lo assim para as gerações futuras. À luz disso, há aqui um profícuo campo para a nostalgia, algo que tornou as publicações interessantes para serem tomadas como *corpus* para o desenvolvimento do presente estudo.

7.1.1 Contato com o *corpus*

A revista foi publicada entre 1935 e 1997 e foi descontinuada por um período de 13 anos. Em março de 2010 o projeto foi retomado com um olhar comercial, nunca se esquecendo das suas origens. Houve nova reformulação e hoje os mais recentes números da Revista podem ser baixados na íntegra e gratuitamente pelo site oficial da associação (AEEFSJ, 2017, s/p).

Por ser uma publicação de longa data, passou por diversos formatos de publicação e veiculação. O contato com o *corpus* mais antigo deu-se mediante aos esforços do Prof. Dr. Anselmo Lima. O referido professor esteve em São Paulo capital na sede da Associação e fez fotocópias dos primeiros 87 editoriais da *Revista*

⁵ <http://www.aeefsj.org.br/site/>

Ferrovia. A escolha desse gênero foi feita tendo em vista seu conteúdo que abrange, por vezes de forma emocional, os principais eventos relacionados à ferrovia e a comunidade ferroviária.

Além das 87 fotocópias dos editoriais de 1935 a 1982, o professor é detentor de oito volumes físicos da revista que foram também incorporados ao *corpus*. Os volumes são de números espaçados, pertencentes ao intervalo de tempo de 1985 e 1995. Com auxílio da Internet, onze outras edições foram encontradas para leitura online. Foi encontrada, inclusive, a de número 159, edição que marca a volta da revista em 2010. Junto desta, cinco outras edições podem ser encontradas na plataforma de leitura online *Calaméo*. Por fim, os cinco volumes mais recentes (168 a 172) estão disponíveis para *download* no site oficial da AEEFSJ. Dos 172 volumes publicados até o momento, houve o contato com 106 editoriais da *Revista Ferrovia*, ao todo, formando o *corpus* final de análise. Foram feitos esforços de entrar em contato com a Associação a fim de conseguir as edições faltantes, mas o secretário contatado não possuía a informação de como tal procedimento poderia ser feito.

7.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Após a fundamentação e obtenção do *corpus*, este foi ordenado cronologicamente. Uma leitura prévia foi feita de cada um dos editoriais e um quadro foi criado com o fim de elencar todos os editoriais com suas respectivas épocas de publicação, títulos e autores. Um quadro assim foi importante para organização e otimização das pesquisas dentro do *corpus*. Ele pode ser visto na íntegra como Apêndice A.

Uma vez elencados, uma leitura minuciosa dos editoriais foi feita e um novo quadro desenvolvido com os 106 editoriais. Tanto este quanto os próximos seis quadros descritos baseiam-se na teoria já apresentada sobre gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016) e foram confeccionados com o auxílio do *Software Microsoft Excel* 2006. Observe-se abaixo o esquema de apêndices da dissertação.

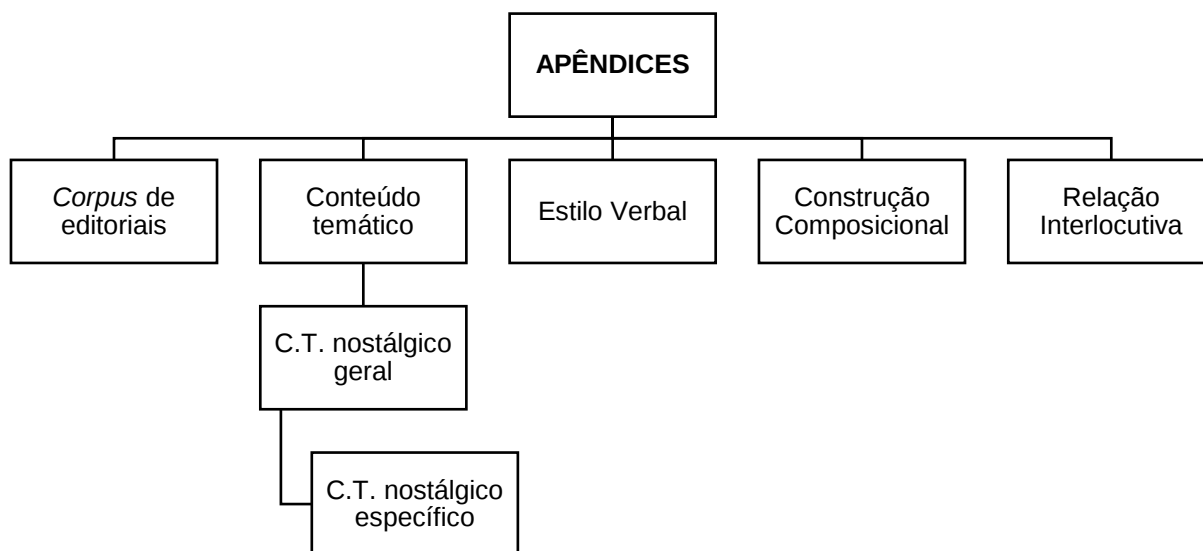


Figura 3 – Esquema de apêndices da dissertação.

O primeiro quadro visou a obtenção de informações sobre um dos aspectos do gênero discursivo, o conteúdo temático geral dos editoriais. Este foi dividido em “Número”, “Temática”, “Passado”, “Presente”, “Futuro”, “Nostalgia” e “Tendência”. A noção de passado, presente e futuro é apresentada logo nos primeiros quadros, pois o modo como o editorialista lida com a linha do tempo em que se vê colocado é essencial para a análise da rememoração nostálgica no discurso. Este quadro também pode ser encontrado ao final da dissertação, intitula-se Apêndice B.

“Número”, refere-se ao da edição da *Revista Ferrovia*, postos em ordem cronológica do mais antigo para o mais recente.

Em “temática”, observou-se um padrão de repetição de temas gerais. Os temas surgidos foram “Aconselhamento”, “Adversidade”, “Carta de fim de ano”, “Elogio”, “Êxito”, “Informativo”, “Mudança na revista”, “Mudança estrutural”, “Perspectiva de êxito”, “Prescrição”, “Retrospectiva”. Classificou-se como “Aconselhamento” a temática que contava com sugestões de comportamento, investimento ou planejamento empresarial.

Em “Adversidade” a discussão gira em torno de empecilhos externos ou internos que inviabilizam um futuro próspero para a ferrovia. Os classificados assim geralmente trazem algum direcionamento que poderia auxiliar no sobrepujar do problema mencionado.

Em “Carta de fim de ano” a temática é atípica e trata majoritariamente sobre a virada do ano. O “Elogio” tem a característica de saudar um grande nome na esfera ferroviária.

O conteúdo de “Êxito” apresenta anúncio de vitórias concretas no ramo. O “Informativo” traz um relatório de coisas importantes que aconteceram em determinados eventos. “Mudança na revista” celebra e divulga informações sobre mudança de tiragem, estética e disponibilização do periódico.

“Mudança estrutural” informa sobre mudanças que ocorreram ou ocorrerão na empresa.

“Perspectiva de êxito” prevê mudanças boas e significativas para a esfera ferroviária.

Em “Prescrição” há direcionamentos sobre como deve ser o trabalho do engenheiro ou ferroviário em geral.

E, por fim, “Retrospectiva” é em relação aos editoriais de final de ano que contém o conteúdo de relembrar o que houve na Rede. É válido lembrar que os editoriais comumente têm *mais de um* conteúdo temático e duas ou mais temáticas podem estar mescladas em um mesmo texto. No entanto, consta aqui a temática predominante.

Com relação a “Passado”, “Presente” e “Futuro”, o “Passado” foi identificado como menção a um fato ocorrido em um passado longínquo. O “Presente”, portanto, abrange desde o passado recente – que pouco se modifica do presente em questão situacional da ferrovia – até o momento em que se escreve o editorial. O “Futuro” está representado em predições e objetivos para o futuro. E, finalizando, a coluna “Nostalgia” identifica os editoriais que possuem o citado sentimento de forma explícita. Tal identificação foi feita fazendo uso do conceito de nostalgia já discorrido em seção homônima. Junto disso, a tendência do editorialista a se referir sobre o futuro foi identificada como otimista (+), pessimista (-) ou neutra (0).

Além desse, outro quadro foi desenvolvido para tornar possível uma análise satisfatória do conteúdo. Doravante, usaram-se apenas os editoriais classificados como portadores de manifestação explícita de nostalgia, identificados no quadro anterior (vide Apêndice C). No terceiro quadro, chamado “Conteúdo temático específico do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia”, houve um detalhamento do conteúdo por parágrafo. Aqui está presente novamente o indicativo de número da revista, a temática de cada editorial identificado anteriormente e, como

novidade, houve a contagem dos parágrafos e, em seguida, a temática principal de cada um deles. Para a descrição dessa coluna priorizou-se a tendência temporal de discurso, visto que é algo que se liga diretamente ao cerne da nostalgia. O que não foi possível classificar como discurso sobre “presente”, “passado” e “futuro” recebeu nomenclatura sobre sua função. As funções elencadas para classificação podem ser vistas no Apêndice D.

O quadro seguinte baseou-se no conceito de estilo dado por Bakhtin aos gêneros discursivos. Foi separado em seis colunas: “Número”, número da edição dado a revista, em ordem numérica do menor para o maior; “Modo verbal predominante”, indicação se o discurso encontra-se majoritariamente no modo indicativo, subjuntivo e imperativo; “Posicionamento do autor” indica se o editorialista desvela suas ideias utilizando primeira pessoa do plural, primeira pessoa do singular ou apresenta tentativa de impessoalidade e, por conseguinte, há a seleção de expressões atreladas ao passado, presente e futuro, cada uma em sua respectiva coluna. Este quadro encontra-se como Apêndice E.

Dando sequência, há o quadro que sonda sobre a construção composicional dos editoriais nostálgicos. Foram observados e descritos no quadro “Número”, “Ano”, “Nome da sessão”, “Diagramação”, “Assinatura” e “Elementos periféricos”. Ou seja, apresentam os dados do número de publicação em ordem cronológica, seu respectivo ano de publicação, o nome da sessão dada para o editorial, a forma de diagramação do texto, a configuração da assinatura e a lista dos elementos periféricos ao texto contidos em cada um dos editoriais. Este quadro corresponde ao Apêndice F.

Como último quadro descrito nesta sessão, há o sobre a relação interlocutiva entre o autor e o leitor do editorial. Possui, em ordem, colunas sobre o “Número” da edição, o “Posicionamento do autor” escolhido em relação ao seu coletivo, o “Público alvo principal” de direcionamento do discurso e o “Propósito comunicativo” geral do editorial em questão. Há também um padrão em propósitos dos editoriais. São eles: agradecimento, apresentação da revista, direcionamento, informação, motivação ou resolução de adversidade. Consta no fim da dissertação como Apêndice G.

Com os quadros feitos, buscou-se fazer aproximações dos dados com o intuito de delinear padrões. Para cada um dos quadros calcularam-se porcentagens de incidência além de ter seus dados cruzados com outros quadros.

Com os resultados numéricos em mãos, as análises foram escritas com o propósito de detalhar e clarificar os padrões encontrados a fim de constituírem um

todo significativo. Tais análises foram descritas intercaladas às tabelas de resultados, sempre levando em consideração os arcaouços teóricos previamente apresentados.

Para o desenvolvimento da segunda sessão das análises, “Nostalgia subjetiva”, buscou-se entre todos os editoriais nostálgicos devidamente analisados e mapeados qual possuía a manifestação nostálgica mais sólida e condizente com o padrão geral de manifestações nostálgicas nos editoriais. O editorial escolhido foi utilizado nas três subseções desta análise: “Comportamento sígnico da memória nostálgica”, “Tema e significação da memória nostálgica” e “Nostalgia e desenvolvimento humano”. Nesta última, além do editorial mencionado, outros dois editoriais foram elencados para compor a análise histórica das manifestações nostálgicas. Eles foram escolhidos de forma a contemplar um editorial da época inicial da revista, um da época mais recente e outro nesse entremeio.

Por fim, buscou-se verificar se o trabalho atingiu os objetivos inicialmente estipulados e buscou-se delinear o conhecimento novo adquirido ao buscar verificar a hipótese apresentada.

8 ANÁLISE

O foco de análise desta etapa da pesquisa é a manifestação linguística da nostalgia. Como visto nas seções de Fundamentação teórica, todo enunciado liga-se diretamente a um gênero discursivo. Neste caso, a manifestação da nostalgia está intrinsecamente vinculada ao gênero discursivo editorial e este, por sua vez, vincula-se diretamente com a situação sócio-histórica do momento de produção.

Em uma perspectiva bakhtiniana, o editorial é composto por três elementos inseparáveis: 1) conteúdo temático, 2) estilo e 3) estrutura composicional. Junto deles, um quarto elemento, a relação interlocutiva-axiológica. A primeira parte da análise, portanto, será segmentada de maneira semelhante sucedidos pela seção 5) demais peculiaridades da manifestação nostálgica enquanto enunciado. É válido lembrar que todos os cinco elementos se interconectam e a separação foi feita estritamente para uma maior clareza metodológica e analítica.

Figurando como segunda parte da análise está o da nostalgia subjetiva, subdividida em 1) Comportamento sógnico da memória nostálgica e 2) Tema e significação da memória nostálgica.

8.1 NOSTALGIA OBJETIVA

8.1.1 Conteúdo temático

Como visto, o conteúdo temático de Bakhtin são as temáticas abordadas no(s) enunciado(s) que formam o todo de determinado gênero discursivo. Indo além do conteúdo, trata das reiteraões e recriaões temáticas que modificam e mantém viva as relações entre o contexto de produção e a linguagem (SOBRAL, 2009, p.95).

Ligado diretamente ao conteúdo temático dos editoriais tem-se a nostalgia. A nostalgia é um sentimento universal de base social. É lembrança sentimental do passado desencadeada por estímulos ambientais, intrapessoais ou interpessoais levando em conta um passado recente ou distante. Grandes gatilhos de nostalgia, segundo a equipe de pesquisa do psicólogo Sedikides, a insatisfação com o presente. (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p. 203, 205). A história da ascensão gloriosa da ferrovia do final do século XIX contrasta de forma gritante com o presente

desta. Souza (1983, p.172) afirma que a classe ferroviária, temendo a perda da identidade ferroviária dos tempos dourados, refugiou-se em saudosismo, algo que define a classe até os dias de hoje.

Os ferroviários utilizam a *Revista Ferrovia* para expressar a si e seu próprio coletivo com a nostalgia atrelada a diversas temáticas. Dessa forma, dos 106 editoriais disponíveis no *corpus*, foram encontrados 28 editoriais explicitamente nostálgicos. A tabela com a listagem completa dos editoriais e a listagem dos nostálgicos pode ser visto nos apêndices A e B, respectivamente.

Os editoriais em geral possuem uma diversa gama de conteúdos temáticos que variam de acordo com a situação da rede ferroviária. As temáticas foram agrupadas de acordo com suas características marcantes, algo que resultou nas seguintes 11 categorias: aconselhamento, adversidade, carta de fim de ano, elogio, êxito, informativo, mudança na revista, mudança estrutural, perspectiva de êxito, prescrição e retrospectiva. Dentre eles, a temática de maior profusão foi a “adversidade”, tema principal de 38 editoriais. Em seguida tem-se “mudança estrutural” com 19 e, em terceiro lugar, “perspectiva de êxito” e “prescrição” ambos manifestados em 11 editoriais. Estes dados e suas porcentagens podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Tipos de temática no *corpus* geral de editoriais

Temática	Número de ocorrências	Porcentagem
Aconselhamento	6	5,66%
Adversidade	38	35,85%
Carta de fim de ano	1	0,94%
Elogio	2	1,89%
Êxito	3	2,83%
Informativo	4	3,77%
Mudança na revista	4	3,77%
Mudança estrutural	19	17,92%
Perspectiva de êxito	11	10,38%
Prescrição	11	10,38%
Retrospectiva	7	6,60%
% Total	106	100,00%

Outro valor a ser considerado é a porcentagem de incidência de assuntos relacionados ao passado, presente e futuro. Como visto no Apêndice C, a informação sobre eles foi observada e tabelada de maneira que um mesmo editorial poderia conter assuntos sobre uma das variáveis ou mais. No *corpus* geral, a incidência ficou da seguinte forma:

Tabela 2 – Profusão de temática sobre passado, presente e futuro no *corpus* geral de editoriais

	Passado	Presente	Futuro
Ocorrência	39/106	101/106	84/106
Porcentagem	36,79%	95,28%	79,24%

Nota-se que os editoriais falam de forma significativa sobre o passado e o futuro e que na maioria massiva das vezes, em 95,28% dos editoriais, esses assuntos vêm relacionados ao presente da ferrovia. Ligado a isso, existe também a tendência oscilante entre otimismo e pessimismo impressa nos discursos. Os dados referentes podem ser vistos a seguir:

Tabela 3 – Profusão de tendência no *corpus* geral de editoriais

Tendência	Ocorrência	Porcentagem
Neutra	36	33,96%
Otimista	42	39,62%
Pessimista	28	26,42%
% Total	106	100,00%

Há aqui a clareza que, segundo Bakhtin (2016, p.47), um enunciado nunca é neutro. Sempre o seu produtor irá exprimir de alguma forma sua relação valorativa com o objeto do enunciado. No entanto, a fim de clareza para a análise, escolheu-se considerar neutro os editoriais que não imprimissem de forma explícita e significativa um posicionamento com relação ao presente e futuro da ferrovia. Observa-se que, em termos gerais, os editoriais são mais positivos do que neutros e mais neutros do que pessimistas. Os números, entretanto, não mostram grande diferença de porcentagem, dando uma impressão de equilíbrio. O equilíbrio não se verifica se observados períodos específicos da história da ferrovia. As 15 edições entre maio de 1971 e outubro de 1973 mostram uma significativa faixa de editoriais pessimistas, tendo a amplitude 10 editoriais pessimistas para 15. Da mesma forma que as 15 edições entre novembro de 1979 e abril de 1982 possuem 11/15 editoriais otimistas.

Essa alteração deve-se pela mudança de editorialista, mas também, principalmente, pela conexão inseparável entre a situação real de produção do discurso e o próprio discurso (BAKHTIN, 2016, p.16). O período de pessimismo deve-se a insatisfação do editorialista José Sartoris Netto com relação ao modo como a empresa era gerida. Há relatos de aparelhamento obsoleto (edição 18), progresso diminuto (edição 19), evasão dos trabalhadores (edição 20), problemas salariais (edição 28), estruturais (edição 30), entre outras adversidades.

O maior período de otimismo, compreendido entre o editorial número 69 e 83, foram expressos pelas mãos dos editorialistas E.G.F.P. e EGAB. As temáticas abordadas traduzem a imagem de uma ferrovia capaz de crescer aos moldes do passado. É relatado um momento de renovação estrutural e tecnológica (edição 70), de exaltação da classe ferroviária (edição 71 e 76). Coincidentemente, esse período se encaixa no de maior evocação sentimental do passado. Entre as edições 67 e 78, 10 dos 12 editoriais possuíam traços de nostalgia.

Com o auxílio do Quadro do conteúdo temático geral do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia, Apêndice C, identificou-se 28 editoriais nostálgicos no *corpus* de 106. É um número inegavelmente expressivo visto que corresponde a pouco mais de um quarto do *corpus*: 26,41%. A partir deste momento é possível contrastar a tendência geral do *corpus* completo com a tendência geral do *corpus* de editoriais nostálgicos. Como é de se esperar, os números variam.

Quando se trata das temáticas dos editoriais especificamente nostálgicos, os números alteram-se em porcentagem de profusão. Percebe-se que a nostalgia é mais comumente utilizada em situações de temática de Adversidade (32,14%), Perspectiva de êxito (28,57%) e Prescrição (14,29%):

Tabela 4 – Tipos de temática no *corpus* de editoriais com expressão de nostalgia

Temática	Número de ocorrências	Porcentagem
Aconselhamento	2	7,14%
Adversidade	9	32,14%
Êxito	1	3,57%
Informativo	1	3,57%
Mudança estrutural	2	7,14%
Perspectiva de êxito	8	28,57%
Prescrição	4	14,29%
Retrospectiva	1	3,57%

% Total	28	100,00%
----------------	-----------	----------------

A “mudança estrutural” perde seu posto de segundo lugar e a “adversidade” e a “perspectiva de êxito” são quase igualmente presentes em número entre as edições de editoriais. Nota-se que as duas temáticas principais se tratam do conteúdo que fala explicitamente das dificuldades da ferrovia ou que fala justamente de seu potencial de crescimento. São assuntos de tonalidade divergente que corroboram com a teoria da equipe de Sedikides que diz que a nostalgia é um sentimento ‘agridoce’. O evento da nostalgia é o que apresenta com maior incidência expressões simultâneas de felicidade e tristeza, no entanto, a nostalgia ligada ao sentimento de felicidade e otimismo é mais recorrente (SEDIKIDES et al, 2008, p. 305).

Outro aspecto que varia consideravelmente são os níveis de otimismo e pessimismo. Quando nostálgico, o editorial mais comumente acrescenta tonalidade otimista ao texto, ao observar o futuro como passível de se assemelhar com o passado glorioso:

Tabela 5 – Profusão de tendência dos editoriais com expressão de nostalgia

Tendência	Número de ocorrências	Porcentagem
Neutro	11	39,29%
Otimista	14	50,00%
Pessimista	3	10,71%
% Total	28	100,00%

A profusão de otimismo salta de 32,62%, nos editoriais em geral, para 50,00% nos nostálgicos. Número que reforça a ideia de que a nostalgia é um sentimento muito mais otimista e gerador de bem-estar do que melancólico.

Sobre o passado, presente e futuro, os editoriais mantêm em seu conteúdo os três. O discurso nostálgico comporta em si as três, de forma implícita ou explícita. É uma importante tarefa da nostalgia garantir um olhar positivo sobre o passado para, assim, olhar o presente com maior compreensão de continuidade entre eventos e pessoas (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.203).

A tabela a seguir foi composta de cruzamento de dados com a tabela 2. O número total de aparições de cada momento temporal foi comparado com o número de editoriais nostálgicos. O resultado é o que se pode ver abaixo:

Tabela 6 – Profusão de manifestação nostálgica por passado, presente e futuro

	Passado	Presente	Futuro
Ocorrência	28/39	28/101	28/84
Porcentagem	71,79%	27,72%	33,33%

Entende-se, portanto, que em 71,79% das vezes em que o passado foi mencionado, o conteúdo se relacionava com a nostalgia. A conexão entre passado presente e futuro pode ser vista de forma explícita na edição número 17, intitulada “A ferrovia dos meus sonhos”. Nele o editorialista E.G.F.P. conclui seu discurso dizendo que a sua ferrovia dos sonhos é “[u]ma ferrovia do futuro, baseada no esforço heróico[sic] do passado, com a vontade de vencer que nos empolga no presente”. Há aqui, como visto em Destri (2016), a clara conexão, pois o presente almejado é um passível de ser conseguido no futuro com a condição, segundo o autor, de ser “baseado no esforço heroico do passado”.

Tendo uma vez apresentado a análise de dados e com a compreensão do padrão de conteúdo temático do *corpus* de editoriais nostálgicos, faz-se aqui uma exemplificação. Foram selecionados três trechos de diferentes editoriais tendo como base os conteúdos mais frequentes. Ou seja, foi selecionado um trecho a respeito da adversidade na ferrovia (editorial 67), um sobre perspectiva de êxito (editorial 22) e um sobre prescrição (editorial 71). Dentre os editoriais com tais temáticas, os citados foram escolhidos por transparecer a temática de forma clara, sendo bons exemplos de sua classificação.

O primeiro trecho a ser apresentado, o sobre adversidade, é escrito em um momento em que as perspectivas para o futuro da ferrovia se encontravam fragilizadas diante das adversidades encontradas. O editorial com o título “Por que?[sic]”, publicado em 1979, apresenta questões sobre inconsistências no fazer governamental que acabam por prejudicar ainda mais a já crítica situação da rede ferroviária. O autor anônimo inicia o discurso fazendo uma retrospectiva da queda significativa do sistema ferroviário, dando atenção especial à baixa de transporte de carga e passageiros. Fala da “redescoberta” que está sendo feita no momento, em partes pela crise de combustíveis fósseis – tão utilizados na rodovia – e em partes pela superpopulação de São Paulo que tem seu deslocamento prejudicado. Aponta para o trabalho de sua equipe de planejamento e surgem questões sem resposta.

Sendo assim, ele as elenca. As perguntas são sobre os baixos investimentos nas ferrovias, o investimento maciço e predileção pela rodovia, o caos do transporte em São Paulo e em outras capitais, pois não há estrutura de transporte em massa. Com isso, o editorialista conclui com o seguinte parágrafo:

[e]stas perguntas ficam no ar e nossos leitores serão sempre instados a nos auxiliar na formulação rápida e objetiva das respostas contribuindo assim, patrioticamente [sic], para o despertar deste 'gigante adormecido' que é o sistema ferroviário de nosso país.

Esta exploração da temática “adversidade” termina com um parágrafo de motivação aos leitores – sejam eles ferroviários ou governadores. Conceitua a ferrovia do presente como “gigante adormecido”, ou seja, outrora a ferrovia fora um “gigante” com êxito. Levando em consideração o todo do editorial, a ideia transmitida é que a ferrovia costumava ser uma empresa de grande valor nacional que em seus primórdios possuía a predileção nacional, bem como poder político e estrutural. O presente se mostra contrastante e reativar a memória do interlocutor para a glória ferroviária foi um artifício utilizado para a persuasão a aderir a causa ferroviária na busca de soluções para as adversidades relatadas. Este editorial foi considerado de tendência neutra pois não condena nem preconiza glória no futuro da ferrovia. Ele traz relatos do presente e requisita a atenção e auxílio dos leitores para o reerguimento da empresa.

Outra temática popular na inserção de traços nostálgicos é a “perspectiva de êxito”. O editorial escolhido para ilustrar essa temática foi o chamado “Trem... outra vez”, escrito por José Sartoris Netto. Nas primeiras linhas já se pode ver um claro “a ferrovia será ressuscitada”. A escolha pelo uso da palavra “ressuscitada” já é um bom indicativo do contexto de produção do citado editorial. Sabe-se de seu passado glorioso por volta do final do século XIX. Este editorial, publicado em 1972, mostra que houve uma queda naquela potência de outros tempos – a ponto de ser tida como ‘morta’ – e que o atual momento histórico aponta para uma melhoria situacional – o que justifica o uso de ‘ressuscitada’.

Nos parágrafos seguintes, Sartoris acusa a ‘solução’ governamental para o problema do excesso de carros em tráfego na cidade de São Paulo. Segundo o editorialista, na década de 40 optou-se pelo aumento de ônibus – o que não resolveu o problema. Aponta para o desregramento e infrações do transportador via rodovia, o problema de fiscalização, o descaso governamental com a ferrovia. Sartoris relata que

houve um atraso de vinte anos em virtude dessas adversidades, mas que, enfim, os olhares novamente se voltam para o transporte sobre trilhos. Relata que a rodovia sofre com os veículos sobrecarregados e que a manutenção tem sido complicada. Fala também da reunião das ferrovias Paulistas em uma empresa, a FEPASA, como tentativa de melhoria de estrutura e gestão. Por fim, Sartoris conclui seu editorial com o seguinte parágrafo:

Por essas e outras razões é que acreditamos na volta do trem. Agora, de uma coisa os ferroviários podem estar certos, é a expectativa da Nação aguardando o restabelecimento daquele potencial que em outras épocas deu ao Brasil um dos bons sistemas de transportes do mundo.

O caráter nostálgico é observado ao retratar o passado como “outras épocas” atrelado à ideia de “um dos bons sistemas”, o que pode ser interpretado como se a ferrovia fosse um privilégio concedido ao Brasil. A vontade de que o futuro se assemelhe com o passado está no trecho “expectativa da Nação aguardando o reestabelecimento”. Entende-se por esse trecho que Sartoris considera que não apenas ele deseja que a glória da ferrovia seja retomada, mas que toda a Nação anseia por tanto. Ele está convencido das funcionalidades da ferrovia, de seus prós e anseia para que esta seja reconhecida. Sartoris critica o passado recente da ferrovia, aponta para modificação no presente e prevê um futuro semelhante ao passado – não recente – do monopólio dos transportes. Há aqui, portanto, um claro otimismo no que tange ao futuro da ferrovia.

Como último exemplo de conteúdo temático, extraiu-se um sobre prescrição. “Um dia muito especial” é um editorial publicado em 1980 de autoria de E.G.F.P. que trata, principalmente, do ofício do ferroviário: como ele é ou deveria ser. Este editorial inicia com a informação de que o mês que se segue é comemorativo. Festejando o ferroviário, desenvolveu-se uma premiação que contempla o ferroviário do ano. Em seguida, o engenheiro enaltece a classe ferroviária trazendo características de um ferroviário ideal:

[...] esse herói anônimo que, apesar de inúmeras barreiras, se tem constituído num dos maiores construtores de progresso deste imenso país. *Em uma era saudosa*, em que o Transporte Ferroviário era o dominante, encontramos homens forjados em aço, com uma dedicação que dificilmente se encontra em outro tipo de profissional. Costuma-se dizer que o ferroviário é um estado de espírito, e não uma profissão, pois o *verdadeiro ferroviário* coloca na escala das prioridades a ferrovia em primeiro lugar, até mesmo antes da família (grifo meu).

Não é difícil perceber que as características do “verdadeiro ferroviário” são bem específicas e que as expectativas são altas. O autor projeta a imagem do antigo ferroviário, aquele da “era saudosa”, que era extremamente prestigiado e bem recompensado, no ferroviário de hoje que experimenta o êxito mais por rememoração nostálgica do que por vivência no presente.

Na sequência, um “infelizmente” marca o início de um parágrafo que lamenta o fato de “ilustres ferroviários”, que agiam como a descrição, dignos de admiração, estarem falecendo. Chama-os de “insubstituíveis”, “homens afeitos a quaisquer sacrifícios, tecnicamente perfeitos”. O editorial finaliza da seguinte maneira:

[n]ovas gerações se sucedem, mas o espírito dos antigos e saudosos ferroviários está-se[sic] amortecendo, com o passar dos anos. Por isso louvamos esta iniciativa de homenagear a classe ferroviária, que as próximas gerações tentarão imitar e saudosamente relembrar

Além da clara nostalgia sobre a ferrovia e o ferroviário de outros tempos, o autor preconiza seu perpetuamento. Prescreve que o verdadeiro ferroviário é uma criatura quase perfeita e que os novos tentarão imitá-los. O editorial foi classificado como otimista, pois prevê um maior reconhecimento do ofício por meio do evento que anuncia. No entanto, o pessimismo também é aparente. Dizendo que tal modelo de ofício está se enfraquecendo com o os novos tempos, E.G.F.P observa o futuro com pessimismo em relação à melhoria da inspiração e técnica do profissional ferroviário.

No decorrer desta seção apresentaram-se três trechos nostálgicos escolhidos como exemplos dos três dos conteúdos temáticos mais frequentes: adversidade, perspectiva de êxito e prescrição. Como é de se esperar, os três estão intrinsecamente ligados com o momento sócio-histórico de produção e se classificam, respectivamente, como neutro, otimista e pessimista. Juntamente disto o passado, presente e futuro foram observados como constituintes da nostalgia que os permeia. Estes três eventos temáticos são de primordial importância também para a seção a seguir, que trata do conteúdo temático específico de cada editorial.

8.1.1.1 Conteúdo temático específico

Aprofundando o conteúdo apresentado, fez-se outra tabela para analisar a temática de cada editorial nostálgico por parágrafo. Os parágrafos foram classificados

de acordo com passado presente e futuro, visto que são elementos essenciais no desenvolvimento da manifestação da nostalgia. Aqueles que não se encaixavam nas categorias mencionadas, foram classificados de acordo com sua funcionalidade. Quando haviam traços de nostalgia no parágrafo, a nostalgia foi indicada entre parênteses ao lado da classificação, como pode ser visto no Apêndice D.

Todos os editoriais possuem a relação de passado, presente e futuro e, inclusive, um parágrafo apenas pode conter os três momentos temporais. Aqui a classificação do parágrafo se dá de acordo com o fator *predominante*. Portanto, nem toda descrição dos parágrafos dos editoriais contém passado, presente e futuro.

Junto disso, a nostalgia aparece de forma marcante em 39 parágrafos do *corpus*, atrelados a seis elementos diferentes. É válido novamente ressaltar que quando evocada, a nostalgia se liga ao passado, presente e futuro. No entanto, a classificação se deu tendo em vista o assunto majoritário do parágrafo. Observe-se:

Tabela 7 – Profusão de nostalgia atrelada a temáticas de parágrafo

Temática	Número de ocorrências	Porcentagem
Aconselhamento	1	2,56%
Futuro	11	28,21%
Passado	9	23,08%
Prescrição	5	12,82%
Presente	11	28,21%
Proposta de solução	2	5,13%
Total	39	100%

Há um equilíbrio de traços nostálgicos ligados ao futuro e ao presente. O passado vem em seguida com nove aparições e “proposta de solução”, “prescrição” e “aconselhamento” formam juntos 8 editoriais. Aqui “prescrição” pode ser entendida como uma forma de reger o presente e o futuro com baseada em um passado de sucesso. O “aconselhamento” e “proposta de solução” são direcionamentos para, se aplicados, operar no futuro. Nesse ponto, poderia ser tratado como ligado ao futuro, o que alavancaria o número de 11 ocorrência para 19, 48,73% do total.

Tal resultado aponta para a natureza da nostalgia de impulsionar o presente em vista de um futuro, algo que é de função importante na motivação individual ou de um grupo. A memória nostálgica é um exercício emocional que eleva otimismo, inspiração e criatividade (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.203).

As informações conseguidas através desse trabalho de classificação serviram como importante ferramenta de análise para a seção “Estrutura composicional”, que pode ser visto no decorrer da dissertação.

A composição de cada um desses elementos, não podia ser feita senão com o uso de construções verbais. A forma como foram elencadas e agregadas a ponto de formarem uma conjuntura nostálgica abre um novo foco de estudo que está ligado profundamente com o foco anterior e os posteriores: o estilo verbal.

8.1.2 Estilo verbal

O estilo está centrado nas adaptações de modo de se dizer baseadas na relação com a qual se tem do objeto de discurso, situação e propósito de enunciação. Pode ser vista em maior ou menor grau, dependendo da rigidez do gênero discursivo (SOBRAL, 2009, p. 97).

Por mais que o gênero editorial seja um gênero formal e argumentativo, ele abre considerável espaço para o editorialista imprimir sua individualidade. Ao imprimir seu sentimento e os de sua classe, a nostalgia destaca-se. Dessa forma, observou-se, para a compreensão desse elemento do gênero, o modo verbal, o posicionamento do autor e as expressões atreladas ao passado, presente e futuro. Uma tabela detalhada sobre o estilo verbal dos editoriais nostálgicos pode ser vista no Apêndice E.

Como o esperado de um editorial qualquer, os editoriais da *Revista Ferrovia* tratam de assuntos de relevância sobre o presente da ferrovia de forma clara e objetiva (VIEIRA, 2009, p.78, 98). Nesse âmbito, costuma-se utilizar o modo verbal indicativo. Os modos explicitam a atitude do autor com relação ao leitor e o modo indicativo é utilizado ao comunicar fatos certos (MAZZAROTTO, 2010, p.175). Abaixo pode se observar que o modo subjetivo e o imperativo aplicam-se em uma escala muito menor do que o indicativo:

Tabela 8 - Modo verbal predominante nos editoriais nostálgicos

Modo verbal	Número de ocorrências	Porcentagem
Indicativo	23	82,14%

Subjuntivo	4	14,29%
Imperativo	1	3,57%
Total	28	100%

O subjuntivo é utilizado em situação comunicativa de incerteza, condição MAZZAROTTO, 2010, p.175). Está presente em apenas quatro edições que tratam, de forma geral, de fatos possíveis do futuro caso alguma atitude sugerida fosse ou não tomada. Enfim, embora seja muito comum haver conselhos e pedidos, como é visto no modo imperativo (MAZZAROTTO, 2010, p.175), o único editorial majoritariamente imperativo é a edição de número 56 que elenca um sem-número de direcionamentos para um novo apogeu da ferrovia.

Outro elemento importante para a compreensão do estilo são as flexões de número e pessoa dos verbos. A escolha feita pelo autor dá informação sobre seu posicionamento com relação ao coletivo, o efeito que quer dar para a conversa, a sua função comunicativa. A tabela abaixo contabiliza o número de ocorrências de cada posicionamento nos editoriais.

Tabela 9 - Posicionamento predominante do autor nos editoriais nostálgicos

Posicionamento	Número de ocorrências	Porcentagem
1a pessoa do plural	24	85,71%
1a pessoa do singular	1	3,57%
Impessoal	3	10,71%
Total	28	100%

Há claramente uma grande tendência no uso da primeira pessoa do plural no discurso. Quando o autor se posiciona assim, com “nosso” em vez de “meu”, ou “nós” em vez de “eu”, ressalta que ele é parte de um grupo maior, que vai além dos gerenciadores da empresa, que vai além da posição destacada que tem como engenheiro. Acima de tudo, porta-se como ferroviário e aproxima-se dos ferroviários em geral com a busca de um convencimento, motivação e união de classe. Os impessoais são mais raros e tratam-se geralmente de prescrições, fatos tidos como dever de conhecimento de todos, que o posicionamento em primeira pessoa não se faz tão útil.

Um exemplo de posicionamento corriqueiro é o do editorial de número 75 que trata de um súbito interesse governamental pela ferrovia, após um período de restrição de combustíveis fósseis. Nele E.G.F.P fala o seguinte:

[a]s vitórias restringem-se ao âmbito desta *nossa* revista, que sempre mereceu o prestígio dos anunciantes e leitores sem o que não *teríamos* levado a cabo o intento de defender *nosso* desprestigiado sistema ferroviário, o que, todavia, *continuaremos* a fazer [...] (grifo meu).

No modo indicativo, o autor se posiciona como “nós” para falar sobre a revista, o intento e o sistema ferroviário. Dessa forma, usa sua posição de editorialista para falar em nome do coletivo que produz a revista e busca um futuro melhor para a ferrovia.

Com relação às expressões sobre passado, presente e futuro, o grande leque de diferentes acepções dadas às condições da ferrovia possui certa tendência. Como visto em Destri (2016), a tendência de estilo em enunciados sobre o passado é a história da ferrovia com verniz heroico, glorioso. Quando se trata do presente (presente do momento da escrita), geralmente é descrito com pessimismo ou, pelo menos, não tão bom quanto o passado. O futuro é descrito ora esperançoso, ora de forma negativa, baseada na análise do passado e do presente em comparação a potencialidades de soerguimento. Para esse último elemento, comumente observam-se palavras com o prefixo –re e afins que denotam querer de volta algo que foi perdido.

Um editorial que apresenta uma tendência que expressa muito bem esse padrão é a 41ª edição. Fazendo uso do modo verbal indicativo e posicionando-se como primeira pessoa do plural, o texto intitulado “Investimento tambem[sic] abrange o pessoal” propõe um novo olhar sobre o déficit da ferrovia e a valorização da classe ferroviária. No texto, o editorialista revive positivamente a história da ferrovia, utilizando a expressão “o lucro estava sempre presente” e contrasta com o presente que é “uma época diferente”. Ao mencionar os fatos do momento de produção, diz que a “situação complicou-se[sic]” e que há “balanços negativos”. Sobre os ferroviários dessa empresa deficitária há “menosprezo” por parte dos governantes e “redução dos seus investimentos”. Para tratar do futuro, o José Sartoris Netto conclui o texto da seguinte maneira:

[n]este particular, a não ser que adote uma política descontraída, onde o deficit[sic] passe a ser permitido e normal, naturalmente dentro de uma administração austera, onde a minimização de custo seja uma constante

e a produtividade o objetivo principal, jamais aparecerá o indivíduo que possa arcar com a responsabilidade de *romper* com o atual estado de coisas nessa área de pessoal, para *revalorizar* o homem e colocá-lo em nível com a magnífica empresa que o país necessita urgentemente (grifo meu).

O futuro é visto como um rompimento, uma dissociação com o presente negativo. Ainda sobre o futuro, encontra-se a palavra “revalorizar” indicando que no passado positivo da ferrovia o ferroviário era valorizado, prestigiado. Além disso, seguindo a frase até o final, pode haver a interpretação de que o ferroviário era tão prestigiado quanto a própria ferrovia. Vê-se o uso de “magnífica empresa”, mas essa expressão não pode ser relacionada com algo atual visto que o autor a relaciona com o futuro: “que o País necessita urgentemente”. Se o País necessita é porque ainda não a tem, o que indica que a “magnífica empresa” deverá ser encontrada no devir, preferencialmente semelhante ao passado.

Tanto o estilo quanto o conteúdo são incorporados no texto sob uma forma pré-definida pelo gênero. A disposição da nostalgia nos editoriais segue um padrão e este foi detalhado na seção a seguir, “Estrutura composicional”.

8.1.3 Estrutura composicional

A estrutura composicional refere-se aos materiais verbais e demais elementos convencionados à estrutura do gênero discursivo (SOBRAL, 2009, p.97). O gênero editorial de revista segue, portanto, uma estrutura definida e no caso da *Revista Ferrovia*, altera-se com o tempo. As alterações são esperadas, pois os tipos relativamente estáveis de um gênero se modificam de acordo como se modifica a esfera social da qual ele faz parte (BAKHTIN, 2016, p.41). O período que compreende as revistas é de 1935 a 2017, o que resulta em 82 anos de existência e modificações na revista. Esta passou por transformações de material de impressão, de tiragem e política de assinatura. No entanto, a sessão referente ao editorial se manteve intacta em todas as edições conseguidas, demonstrando assim fixidez no quadro de conteúdo. Com relação à estrutura observou-se os componentes “nome da sessão”, “diagramação”, “assinatura” e “elementos periféricos”. Tudo isso atrelado ao ano de publicação dos editoriais nostálgicos e seu número respectivo de edição. O quadro com estas informações pode ser visto como Apêndice F.

Nota-se que a estrutura do editorial da *Revista Ferrovia* se assemelha mais a editorial de jornal do que a de revista. O conteúdo sobre o interior da revista não é presente e a ênfase dada para problemas ligados diretamente ao momento de produção do texto deixa o texto com ares de editorial jornalístico. Apenas no século XXI que os editoriais adquiriram traços de editorial de revista, visto que o texto passou a ser menos argumentativo, ter mais elementos periféricos e mais informações sobre o conteúdo da edição. Junto disso, ocorreu uma importante mudança na distribuição da revista: ela passou a ser principalmente disponibilizada via Internet.

Entre os nostálgicos, o nome da sessão mudou de “Comentário” em 1967 para “Editorial” em 1971. Assim permaneceu até 1978 e, no final da década, o nome da sessão foi suprimido e só voltou no novo milênio intitulado-se “Palavra da presidente”. A diagramação oscilou entre o retangular tradicional e o triangular, como pode ser visto nas imagens a seguir:



Figura 4 e 5 e 6 - Disposição do texto no editorial número 27, 73 e 171.
Fonte: Acervo pessoal.

A mudança triangular vem, muito provavelmente, devido à situação da ferrovia, no qual o visual moderno da revista refletiria um momento de início de modernização ferroviária, como pode ser observado no editorial, não-nostálgico, da edição número 66: “Em busca de uma nova imagem”. A mudança nos editoriais nostálgicos se dá do retangular para o triangular no início de 1979 e volta a ser retangular em 2016. A assinatura era posta de forma completa até 78. Desapareceu em 79 e voltou a aparecer como as iniciais no final de 79. A assinatura voltou a ser completa em

editoriais nostálgicos apenas em 2016, com a editorialista Maria Lina Benini. Por fim, os elementos periféricos sempre foram poucos, mantendo em quase todas edições o rodapé com nome da revista e número da página. Houve durante um curto período (71-72) a foto do editorialista, algo que voltou na reformulação de 2016 que trouxe modificações também no que se trata de inclusão do índice, do expediente e do logo da revista.

Vale lembrar que esses dados são dos editoriais nostálgicos, no entanto, é algo universal no *corpus* de editoriais. A nostalgia, por ser um elemento que não exige gênero específico para ser manifestada, não influencia de forma significativa a composição do gênero em geral. Por outro lado, há uma estrutura relativamente definida de utilização de nostalgia no texto em determinadas circunstâncias. Para chegar a essa análise, observou-se a localização da expressão da nostalgia em início, meio e/ou fim. Observe-se a primeira tabela:

Tabela 10 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais

Localização	Número de ocorrências	Porcentagem
Início	7	25,00%
Meio	5	17,86%
Fim	11	39,29%
Início e fim	2	7,14%
Meio e fim	1	3,57%
Início, meio e fim	2	7,14%
Total	28	100,00%

O número de editoriais que finalizam com manifestação da nostalgia lidera a contagem, tendo 11. Se contabilizada a classificação “Início e fim” juntamente com a “Meio e fim” e “Início, meio e fim”, computam-se 16 editoriais que possuem encerramento nostálgico. 16 em um total de 28 é 57,14%, porcentagem que se mostra significativa por abarcar mais da metade dos editoriais nostálgicos. A segunda localização mais comum é a do início, com 7 editoriais. Fazendo a contabilização total, os 11 editoriais têm a porcentagem de incidência em 39,29%.

A partir disso, buscou-se compreender o que no contexto histórico, no processo de produção, influenciou nestes números. Estes dados obtidos foram cruzados com os dados sobre temática e tendência dos editoriais. A tabela a seguir mostra os resultados obtidos no cruzamento de informações entre localização (I, início; M, meio;

F, fim; IF, início e fim; MF, meio e fim e IMF, início meio e fim) e temática principal do editorial.

Tabela 11 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais por temática

Temática	I	M	F	IF	MF	IMF
Aconselhamento	0	1	0	0	0	1
Adversidade	3	1	2	2	1	0
Êxito	0	0	0	0	0	1
Informativo	0	0	0	1	0	0
Mudança estrutural	1	0	1	0	0	0
Perspectiva de êxito	0	2	5	1	0	0
Prescrição	0	0	3	0	0	1
Retrospectiva	0	1	0	0	0	0

Na tabela se pode observar que há um destaque para traços nostálgicos no início do discurso quando este vem a ser sobre adversidade. Computando o IF e o IMF em conjunto, nota-se que a predileção por iniciar o texto nostalgicamente se encontra em editoriais sobre adversidade, computando o total de cinco ocorrências, seguido por aconselhamento, informativo, mudança estrutural, perspectiva de êxito e prescrição, todos com uma ocorrência cada. Com relação aos editoriais que possuem nostalgia no meio de seu corpo linguístico, há uma sensível vantagem para editoriais com temática “perspectiva de êxito”, “adversidade” e “aconselhamento” com a ocorrência de dois editoriais cada. Há também uma ocorrência em “êxito”, “prescrição” e “retrospectiva”. Quanto aos editoriais com manifestação nostálgica no fim, no meio e fim e no início meio e fim, aparece claramente uma predileção desta localização quando se trata de editoriais com perspectiva de êxito: seis no total. É seguido por “adversidade” com cinco, “prescrição” com quatro e, com uma ocorrência cada, encontram-se “aconselhamento”, “êxito”, “informativo” e “mudança estrutural”.

Além desta, há a tabela com o cruzamento de informações entre localização e tendência do editorialista.

Tabela 12 - Localização de expressão de nostalgia explícita nos editoriais por tendência

Tendência	I	M	F	IF	IM	IMF
Otimista	0	1	8	3	0	1
Pessimista	1	1	1	0	0	0
Neutra	3	3	2	1	1	2

Quando o editorialista estava em um contexto positivo para a ferrovia, o editorial era escrito com otimismo. Nesse aspecto, há uma clara vantagem de predileção pela conclusão nostálgica do discurso. Conta com oito ocorrências na classificação “fim”. Se contabilizado com IF e IMF, o número aumenta para doze editoriais com o final nostálgico, quatro com o início e dois com o meio. Os editoriais negativos, por sua vez, se distribuem, com uma ocorrência cada, entre início, meio e fim. Enfim, com a tendência neutra se contabilizam sete ocorrências no início, seis ocorrências no meio e cinco no final.

Em suma, o editorial inicia-se com nostalgia principalmente em editoriais sobre adversidades e encerra-se principalmente em editoriais sobre perspectiva de êxito. No Apêndice D, quando o editorial é otimista, geralmente encontra-se nostalgia no final do discurso, quando é neutro, encontra-se no início. Tal resultado dá a entender que quando a situação da ferrovia está delicada, a nostalgia é evocada logo no início para sensibilizar o leitor para o problema apresentado a seguir. Quando é posta no fim, em conjunto com o otimismo de perspectiva de êxito, a nostalgia vem como horizonte a ser alcançado, motivando os ferroviários e patrocinadores na luta contínua de recuperação da ferrovia.

Um bom exemplo de editorial sobre adversidade que se inicia com sensibilização nostálgica é o “Publicidade negativa”, escrito pelo engenheiro José Sartoris Netto. Este editorial da edição 16 trata do problema da visão popular negativa que se avolumou sobre a estrada de ferro. O discurso inicia-se com “[n]ada mais bonito e decorativo do que uma pintura artisticamente colorida de uma velha locomotiva a vapor”. Em seguida, o editorialista reconhece essa tendência geral como traço nostálgico do coletivo: “Procurando outra razão dessa preferência para o antigo, apontamos o fator saudosismo, ou melhor, o reconhecimento por ‘serviços prestados’”.

Outro traço marcante da construção composicional dos editoriais nostálgicos, a perspectiva de êxito com final nostálgico e inspirador, pode ser visto na edição número 57. Nele, José Ferreira faz uma breve retrospectiva do ano de 1977 e prevê com otimismo o ano de 1978. Encerra o editorial da seguinte maneira:

[e]sses são nossos votos que, 77 seja o marco no destino das Ferrovias e graças ao espírito imbatível dos ferroviários, ela parta novamente para uma era de progresso e bom atendimento aos seus usuários e que 78 seja conhecido como o ano do novo crescimento da ferrovia no Brasil.

O editorialista enaltece a classe de ferroviários adjetivando-os como de “espírito imbatível” na luta por melhorias na ferrovia e faz uso das expressões “parta novamente” e “novo” para falar de um futuro de sucesso. Logo, remete-se a antiga ferrovia, a do tempo de indubitável êxito, projetando-a animadoramente no devir.

Os aspectos de motivação e sensibilização estão diretamente ligados com o indivíduo que lê o editorial. Dependendo do público-alvo, o discurso se modifica, a fim de obter mais sucesso na comunicação das diversas facetas da ferrovia. A seção a seguir trata desta relação interlocutiva-axiológica.

8.1.4 Relação interlocutiva-axiológica

Como dito na seção “Gêneros do discurso”, relação interlocutiva-axiológica é sobre a relação estabelecida via comunicação entre enunciador e enunciatário e a valoração destes com relação ao objeto de discurso. Esta relação se altera dependendo da situação do objeto e seu propósito enunciativo (SOBRAL, 2009, p. 97).

Foi constatado que a relação interlocutiva entre editorialista e leitor nos editoriais nostálgicos não é única e constante. Dependendo do assunto tratado, o público alvo se modifica e a forma de abordagem também. Para uma análise concreta da situação interlocutiva, fez-se um quadro contendo o posicionamento do autor com relação ao público alvo, o público alvo e o propósito enunciativo do editorial. Este quadro pode ser visto na sessão de apêndices, como Apêndice G.

Para cada coluna fez-se uma tabela detalhando os números em porcentagem de ocorrências. A primeira tabela mostrando os números obtidos encontra-se a seguir:

Tabela 13 – Posicionamento do autor com relação ao coletivo nos editoriais nostálgicos

Posicionamento do autor	Número de ocorrências	Porcentagem
Engenheiro	9	32,14%
Ferroviano	19	67,86%
Total	28	100%

Sobre a primeira tabela, há o posicionamento de engenheiro e o de ferroviário. O indivíduo responsável por escrever esta sessão é um ferroviário de destaque, um engenheiro, que conhece o contexto em que a ferrovia se insere, possui poder político na empresa e exerce influência sobre os demais. O posicionamento de ferroviário é

quando o editorialista vê alguma vantagem em se colocar textualmente como um ferroviário qualquer, que luta pelo reestabelecimento da ferrovia em parâmetro nacional. Quando se posiciona como engenheiro é porque precisa se posicionar como alguém em um patamar destacado, por algum motivo específico. Por mais que o posicionamento de engenheiro tenha uma profusão significativa, o posicionamento mais utilizado é o de ferroviário, atingindo 67,86% dos editoriais.

Percebeu-se também três públicos alvo principais, são eles: o de engenheiros, ferroviários como um todo e governantes, externos à empresa, porém de importante papel para o futuro da ferrovia.

Tabela 14 – Público alvo principal nos editoriais nostálgicos

Público alvo principal	Número de ocorrências	Porcentagem
Engenheiros	7	25,00%
Ferrovíarios	15	53,57%
Governantes	6	21,43%
Total	28	100%

O público de engenheiros e governantes é quase igualmente visado com sete e seis ocorrências, respectivamente. O mais popular, claramente, é o de ferroviários em geral, contabilizando mais da metade dos editoriais com manifestação nostálgica. O posicionamento do autor do enunciado com relação ao leitor modifica-se de acordo com o momento sócio-histórico. Portanto, é muito sensível à valoração do enunciador dada ao objeto do discurso, bem como a forma como deseja ser respondido sobre esse assunto.

A última coluna analisada é do propósito comunicativo. Estes foram classificados de acordo com propósito mais abrangente do editorial. Segmentam-se em “agradecimento”, “apresentação da revista”, “informação”, “motivação” e “resolução de adversidade”:

Tabela 15 – Propósito comunicativo nos editoriais nostálgicos

Propósito comunicativo	Número de ocorrências	Porcentagem
Agradecimento	1	3,57%
Apresentação da revista	3	10,71%

Informação	2	7,14%
Motivação	11	39,29%
Resolução de adversidade	11	39,29%
Total	28	100%

O propósito enunciativo mais comum entre os editoriais nostálgicos está empatado entre “motivação” e “resolução de adversidade” que contam com uma parcela de 39,29% cada. Essa informação corrobora com o já referido aspecto nostálgico da ambiguidade de sentimentos: pode estar atrelado tanto à felicidade e afins quanto tristeza e negatividade.

O segundo propósito mais popular é o com o intuito de apresentar a revista e seu conteúdo somando três ocorrências. Após, vêm editoriais com o propósito de informação – relatos de ocorrências, sem evidente propósito persuasivo. Com duas ocorrências, propósito de “informação”, fica à frente apenas de “agradecimento” que figura em 3,57% dos editoriais.

Com o resultado do levantamento de posicionamento e público alvo, elaborou-se outra tabela para verificar, enfim, as formas de relação interlocutiva pertencentes ao *corpus* de editoriais.

Tabela 16 – Relação interlocutiva nos editoriais nostálgicos

Relação interlocutiva	Número de ocorrências	Porcentagem
Engenheiro/Engenheiro	7	25,00%
Engenheiro/Ferroviário	2	7,14%
Ferroviário/Ferroviário	13	46,43%
Ferroviário/Governante	6	21,43%
Total	28	100%

Abrangendo metade dos editoriais nostálgicos, a relação interlocutiva com o autor se posicionando como ferroviário, visando o alcance dos ferroviários em geral figura-se como a mais comum. Isso se deve, provavelmente, pela faceta social da nostalgia que garante a união de classe através de uma rememoração sentimental do passado. A relação Engenheiro/Engenheiro e Ferroviário/Governante são quase igualmente usadas, computando 25,00% e 21,43%, respectivamente. A mais

incomum nos editoriais nostálgicos é a Engenheiro/Ferroviário com apenas 7,14% de abrangência.

Tendo essa relação observada, os dados obtidos foram cruzados com o propósito comunicativo. Essa comparação torna-se importante no ponto em que identifica como as alterações entre autor e leitor se modificam dependendo do contexto situacional da ferrovia. A primeira tabela identifica a principal relação interlocutiva quando o propósito de comunicação é de motivação.

Tabela 17 - Relação interlocutiva com propósito de motivação

Relação interlocutiva	Número de ocorrências	Porcentagem
Engenheiro/Engenheiro	1	9,09%
Engenheiro/Ferroviário	1	9,09%
Ferroviário/Governante	1	9,09%
Ferroviário/Ferroviário	8	72,73%
Total	11	100%

Esta tabela revela que a grande maioria dos editoriais nostálgicos voltados para a motivação, normalmente são direcionados para ferroviários e feitos pelo autor com o posicionamento de ferroviário. Justifica-se dizer que a motivação está em fazer o ferroviário animado para superar as adversidades que a ferrovia encontra no atual momento. Todas as outras formas de relação interlocutiva foram verificadas em apenas um editorial, não trazendo significância em termos de número.

Com relação aos editoriais com propósito de resolução de adversidade, o resultado não foi tão díspar:

Tabela 18 - Relação interlocutiva com propósito de resolução de adversidade

Relação interlocutiva	Número de ocorrências	Porcentagem
Engenheiro/Engenheiro	6	54,55%
Engenheiro/Ferroviário	1	9,09%
Ferroviário/Governante	4	36,36%
Total	9	100%

Nota-se que o autor, nesse caso, não se dirige com frequência ao ferroviário comum, mas sim, para engenheiros e governantes. Muito se deve ao fato de que os principais problemas da ferrovia no momento das enunciações eram de gerenciamento e de falta de investimento externo. Logo, quem teria o poder

necessário para mudanças contundentes na ferrovia são os engenheiros e governantes. A única ocorrência de relação interlocutiva entre engenheiro e ferroviário se dá por conta de uma necessidade de mobilização completa do coletivo para, enfim, melhorar a visão popular sobre o meio de transporte sobre os trilhos.

Os demais propósitos comunicativos tiveram sua relação interlocutiva unânime. Ou seja, tanto o propósito de informação, de apresentação da ferrovia quanto o de agradecimento possuem apenas uma relação interlocutiva atrelada. As duas ocorrências de editorial com propósito de informação deram-se na relação ferroviário/ferroviário, tendo em vista que eram informações que diziam respeito a toda a classe. O de apresentação da revista contabilizou três editoriais também na relação de ferroviário/ferroviário, algo que se justifica por este ser o público alvo principal da revista. Por último, há o único editorial de agradecimento que se figura na relação ferroviário/governante, pois foi um agradecimento pela atenção política de determinado governante à ferrovia e sua esfera de trabalhadores.

Conclui-se assim a análise das características das manifestações nostálgicas dentro do gênero discursivo. No entanto, a linguagem é construída por enunciados e estes possuem mais peculiaridades, além do conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e relação interlocutiva-axiológica. A seção a seguir desenvolve-se a partir das demais características que uma manifestação da nostalgia, pode ter enquanto enunciado.

8.1.5 Demais peculiaridades da manifestação nostálgica enquanto enunciado

Outras características foram percorridas na obra “Os gêneros do discurso” de Bakhtin (2016). As características da linguagem não se limitam a essas apresentadas em conjunto com os elementos dos gêneros discursivos. Afim de ressaltar a importância dessas outras peculiaridades no que toca à manifestação da nostalgia, elas foram trabalhadas de forma separada dos elementos dos gêneros. Cabe lembrar que as peculiaridades não podem ser separadas em situação real de comunicação, apenas abstratamente para comodidade metodológica. Sendo assim, esta seção e as anteriores formam um todo enunciativo.

Assim como qualquer enunciado, o enunciado que contém expressão da nostalgia é unidade real da comunicação discursiva, é individual, único e irrepetível.

O enunciado nostálgico é composto em função da relação ímpar que o enunciador tem com seu meio. Logo, por mais que um coletivo de pessoas tenha uma visão semelhante sobre o presente e o passado, nunca essa visão nostálgica será completamente ajustada. E nem mesmo o próprio indivíduo nostálgico ao objetivar em discurso sua nostalgia fará da mesma maneira duas vezes. Mesmo quase imperceptíveis, a relação com o objeto de nostalgia modifica-se lentamente, da mesma forma que a memória se modifica.

Os enunciados são únicos, porém atrelados a um complexo elo nas correias de transmissão de enunciados. Os enunciados refletem as mudanças do meio e da sociedade, modificando-se de modo perpétuo. Sendo assim, todo enunciado ao ser produzido leva em consideração os enunciados anteriores a ele e busca prever os posteriores (BAKHTIN, 2016, p.34-35).

Da mesma forma se segue com os editoriais nostálgicos, porém com o senso de passagem do tempo muito mais explícito. Como já analisado, há uma profunda relação entre o passado, presente e futuro no enunciado que contém manifestação nostálgica. Ao tratar-se do passado, naturalmente enunciados anteriores e suas memórias atreladas são revividos. Fortalecida a noção de continuidade e de identidade social que a nostalgia garante (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004, p.211), o passado rememorado é contrastado com o presente, identificado como resultado do fluxo temporal. O futuro aí também pode aparecer com o intuito de receber de volta algo do passado que foi perdido ou na tentativa de prevê-lo, antecipando os próximos movimentos da esfera social.

Em um meio nostálgico os enunciados passados são reforçados via nostalgia coletiva. A nostalgia é um sentimento social que aproxima os laços interpessoais dentro de um coletivo específico, revigorando o senso histórico e de união de classe. Além do mais, a nostalgia diminui a ansiedade e evasão, amplia-se as percepções de apoio social e, com isso, contribui no processo de lidar com os problemas do presente (SEDIKIDES et al, 2008, p. 306).

No caso da ferrovia, a era de ouro, objeto de nostalgia, figurava-se no final do século XIX. Para que fosse possível que o editorialista nostálgico tenha vivido na época objeto de nostalgia, este deveria ter em torno de um século de existência. A atual presidente da AEEFSJ e editorialista da *Revista Ferrovia*, Maria Lina Benini, claramente não viveu na época dourada da estrada de ferro, mas mesmo assim, fala da era de forma puramente nostálgica. Aqui há a questão da cadeia de enunciados

que possibilitaram a constituição da memória coletiva e na solidificação de prescrições sobre o que é ser ferroviário. A nostalgia, inclusive, é algo que é abertamente acolhido como um traço ferroviário pela própria classe. Tratando-se do futuro, há completa preocupação com os enunciados futuros quando se antecede qual será a resposta do leitor ao se escrever determinado editorial. Influenciado pelo propósito enunciativo, o editorialista escreve seu discurso considerando uma resposta hipotética do leitor, seja de forma verbal – exterior ou interior – ou por meio de ações efetivas.

Outro fator importante é o da inexistência de neutralidade em enunciados. Seja por meio da estrutura composicional, pela escolha do objeto, pelas escolhas verbais ou gramaticais como um todo, será sempre de alguma forma revelada a entonação expressiva do autor, por mais discreta que seja (BAKHTIN, 2016, p.47). Quando a nostalgia figura no editorial, tal fato não é diferente. A própria nostalgia em si não pode ser considerada neutra. A memória é evocada e expressa sob algum afeto do indivíduo. Segundo Sedikides et al (2008, p.305), a nostalgia de um passado ruim é trazida para evocar um sentimento positivo de redenção. A nostalgia de um passado bom, por sua vez, é um sentimento agri-doce: evoca na maioria das vezes, sim, sentimentos positivos, mas também evidencia negativos quando se observa que o passado, como aquele do objeto da nostalgia, não poderá mais retornar. Essa relação bilateral que se tem com a nostalgia foi observada na seção “Conteúdo temático”. Neles os editoriais nostálgicos recebiam tom ora negativo, ora positivo quanto ao futuro da ferrovia. Uma boa parcela dos editoriais foi classificada como “neutra”. Como já se sabe, discursos neutros não existem, por mais que o enunciador tente esconder seu posicionamento em relação ao objeto de discurso. Mesmo assim, foram classificados dessa forma, no Apêndice C, aqueles que não expunham de forma clara e aberta seu posicionamento sobre o futuro da ferrovia.

Outro par de elementos intrinsecamente conectados e que podem ser observados nos enunciados nostálgicos é a alternância e conclusibilidade. A alternância se relaciona à troca de sujeitos falantes e essa troca é justamente o que delimita um enunciado de outro. E a relativa conclusibilidade dada ao discurso dada por algum sinal gráfico ou de entonação, nesse meio, deve existir para que seja natural a troca de turnos conversacionais (BAKHTIN, 2016, p.29,35).

Nos editoriais, a nostalgia por vezes encontra-se localizada apenas ao fim ou no começo, no entanto, todo o conjunto do editorial se estrutura para o recebimento da objetivação do sentimento nostálgico. Porque se relatou uma série de empecilhos

atuais para a ferrovia, se faz relevante um contraste histórico e emocional nostálgico, por exemplo. Em conjunto com isto, a relativa conclusibilidade se dá no ponto final de cada editorial, pois há a alternância de discurso para a próxima edição da revista. Diz-se “relativa”, pois, como visto, os enunciados estão sempre conectados em uma cadeia contínua. E é nessa cadeia em que a nostalgia é passada de geração em geração, que se compõe os traços da classe ferroviária e em que se faz com que a nostalgia esteja presente não apenas nos editoriais abertamente nostálgicos, mas em todos. Uma segmentação foi feita entre editoriais com manifestação nostálgicas e editoriais sem, como pode ser visto nos apêndices B e C, no entanto, é sabido que o traço nostálgico, por mais que não esteja objetivado, ele está presente de forma contínua nos editoriais. É um sentimento latente nas escolhas temáticas, nas construções verbais e nos modos de fazer que ditam o que é ser um “verdadeiro” ferroviário.

Ao se tratar da nostalgia ou de qualquer outra temática, precisa haver exauribilidade semântico-objetual. As formas de se tratar de um mesmo objeto são infundáveis e cabe ao enunciator fazer um recorte nesse todo infinito. Ao fazer o recorte, o enunciator o insere no discurso sua relação valorativa com o objeto de acordo com os limites ou finalidades do gênero (SOBRAL, 2009, p.92-93). Nos editoriais, dependendo do propósito enunciativo, a nostalgia é posta em cena com mais ou menos profusão. Mesmo com muita profusão, ela deve ser limitada em um discurso de uma página com letra em tamanho de fonte legível, logo, é indiscutível que existem cortes na abordagem do objeto.

Todas as peculiaridades aqui mencionadas possibilitam a compreensão responsiva ativa por parte dos interlocutores. A responsividade é característica invariável do enunciado real. De forma igualmente ativa, o enunciator e o enunciatário respondem ao enunciado interiormente e também, muitas vezes, exteriormente. Essa informação nova gerada a partir do contato com o enunciado retroage nos enunciados e comportamentos futuros bem como altera a relação com os enunciados passados (BAKHTIN, 2016, p.25).

Um enunciado nostálgico gera responsividade ao ponto que sensibiliza o enunciatário para motivá-lo na luta pela reconstrução da ferrovia “dos bons tempos”. A memória dessa época foi tão fortalecida que hoje ainda é exaltada por quem nem teve o privilégio de vivê-la. Um ponto interessante de ser observado é o de Sartoris Netto na edição 16, 1971. Ele relata que a nostalgia dá prazer ao setor ferroviário ao

ponto de utilizarem símbolos como a antiga locomotiva “Maria Fumaça” com função estética. Em contrapartida, ele alega que tal comportamento seria nocivo para os negócios da ferrovia visto que a sociedade fora da classe ferroviária não a compreenderia com o mesmo sentimento. Algo assim levaria à ideia de, em vez de um magnífico símbolo de glória, um sistema de transporte retrógrado. Levando isso em consideração é possível afirmar que a nostalgia atinge seu potencial responsivo quando direcionado para um grupo social que partilha da mesma. Caso contrário, o apelo da nostalgia seria enfraquecido e, possivelmente, mal interpretado.

Até o momento o trabalho focou na nostalgia objetiva, ou seja, na nostalgia que fora exteriorizada, manifestada discursivamente. A segunda parte desta enfrenta o desafio de tecer comentários sobre a nostalgia subjetiva, não-objetivada

8.2 NOSTALGIA SUBJETIVA

Uma pesquisa semelhante à da primeira parte das análises foi feita anteriormente (DESTRI, 2016). O trabalho de conclusão de curso de 2016 tem seus méritos, mas o foco teve que ser realinhado e uma reavaliação dos dados teve que ser feita para que fosse possível avançar os estudos na atual seção, “Nostalgia subjetiva”. O signo como unidade verbal encontra-se em ambas as esferas interior e exterior e possui padrão de comportamento distinto em cada uma delas. Mesmo assim, o apego afetivo interior pode ser estudado pela sua manifestação exterior visto que o interior e o exterior jamais se separam e compartilham relações sógnicas (VOLÓCHINOV, 2017, p.133). Sendo assim, eventualmente, foram utilizadas manifestações nostálgicas para compor a segunda parte da pesquisa. Mesmo assim não foram medidos esforços para que a dimensão fisiológica fosse atrelada à psicológica, sociológica e linguístico-ideológica a ponto de iniciar um processo de compreensão uma do pensamento humano no que tange à nostalgia.

Esta seção foi segmentada em duas subseções: “comportamento sógnico da memória nostálgica”, dando ênfase para a vivência sógnica interior, e “tema e significação da memória nostálgica”, discutindo sobre a relação de autoria entre o indivíduo e a própria memória.

8.2.1 Comportamento sógnico da memória nostálgica

Como teoriza Volóchinov na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), a linguagem é constituída por signos ideológicos. E aqui, por signo entende-se uma realidade que reflete e refrata outra realidade. A ideologia está presente em todos os campos sociais humanos e permeiam todo e qualquer material de comunicação – seja interior ou exterior. A consciência, inclusive, é formada por signos e só passa a existir a partir da interação entre dois indivíduos socialmente organizados (VOLÓCHINOV, 2017, p.93-95).

Dessa maneira, é ponto pacífico que cada palavra dos editoriais é um signo, cada manifestação nostálgica é signo, assim como cada memória e pensamento tem base sógnica. No entanto, obviamente o signo exterior e o interior são utilizados de maneira diferente – por mais que estejam dentro de um mesmo fluxo de relações sógnicas (VOLÓCHINOV, 2017, p.133-4).

Para analisar tais pontos utilizou-se o editorial número 172 da *Revista Ferrovia*. Este foi escolhido, pois, com base nos estudos de padrão na manifestação nostálgica, o citado editorial figura como um dos que melhor representa o todo da revista em termos de conteúdo nostálgico. O editorial escrito pela engenheira Maria Lina Benini é o mais recente do *corpus* e foi classificado como de tendência otimista. Ademais, a relação interlocutiva é ferroviário/ferroviário com a intenção comunicativa de apresentação da revista e motivação profissional.

A editorialista anuncia que a atual edição comemora os 150 anos da São Paulo *Railway*, a primeira estrada de ferro paulista. Ela rememora o passado, contrasta com o presente e prevê um futuro de incertezas, mas esperanças. Em determinado momento do discurso, Benini escreve o seguinte:

[u]m verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de "Locomotiva do Brasil".

O trecho escolhido é o que mostra a forma com que a editorialista rememora os tempos idos da ferrovia. A autora refere-se ao passado como “os tempos encantados”, evidencia máquinas já fora de circulação dando-lhes crédito pelo

desenvolvimento da região de São Paulo, utiliza a metáfora “Locomotiva do Brasil” e, tornando ainda mais explícita a relação que tem com o passado da ferrovia, conceitua seu apego emocional como “nostalgia”. Em certo momento, o trem de ferro impulsionava a economia brasileira, assim como a locomotiva impulsiona e garante energia para todo o resto do trem. Benini contrasta o presente com o passado e parece reforçar que, por mais que o sistema ferroviário não funcione com mesmo êxito do passado, sua história jamais será esquecida devido ao seu grande legado.

Como visto, “contraste”, “tempos encantados”, “nostalgia”, “Locomotiva do Brasil” são expressões significativas que evidenciam a nostalgia no discurso. Substantivos. Como compreender se não houver verbos, pronomes, conectivos, advérbios, preposições etc.? Como compreender se a disposição das palavras seguirem uma ordem instável e aleatória? Sem a natureza sígnica de uma palavra ao representar algo que ela mesma não é? A manifestação da nostalgia segue as mesmas regras de qualquer enunciado escrito. Comparado ao enunciado interior, o número de palavras necessárias para se fazer entender é inegavelmente maior. O interlocutor nessa situação não é o próprio indivíduo, mas um outro que com certeza não possui a mesma vivência de mundo e com quem não compartilha todos os campos de conhecimento. Logo, ao exteriorizar algo, o processo deve ser feito de maneira mais exata e desenvolvida possível utilizando um sistema sígnico comum a ambos os integrantes da relação social (VIGOTSKI, 2008, p.176-179).

Benini confirma a nostalgia em suas palavras, no entanto, mesmo que não a confirmasse, seria óbvio que os elementos exteriorizados em discursos, em algum momento, habitaram o pensamento da editorialista. O manifestado em papel via evocação mnemônica diverge em estrutura do pensamento formulado. No pensamento, a temática toda foi constituída em signos, pois é justamente a realidade do signo que intermedia o mundo interior e o exterior (VOLÓCHINOV, 2017, p.116). Em vez de todas as regras gramaticais, lexicais e fonéticas, a linguagem interior se realiza em impressões totais. Unidades que se assemelham a enunciados completos com uma ligação não linear, mas de correspondência valorativa (VOLÓCHINOV, 2017, p.136). Este “vai desde o primeiro pulso perceptível de um pensamento até sua formulação” (VIGOTSKI, 2008, p.156).

Ao evocar a memória da ferrovia do passado não-recente, entende-se que a imagem da locomotiva à vapor localizada em São Paulo, o sentimento de triunfo e de perda, as questões econômicas atreladas etc. são todos ativados em um momento

como um todo nostálgico. Cada um desses elementos são signos e, por serem signos, representam, mas modificam em diversos níveis a realidade. É provável que a ideia que a autora faz do passado da ferrovia seja próxima, mas não idêntica à real. Corroborando com isso existe o fato de que ela nem sequer presenciou, viveu realmente a época que descreve. Como ela pode ter nostalgia de uma época na qual não viveu?

A resposta está na compreensão ideológica ininterrupta da interação social. Em forma de enunciado, constituiu-se uma corrente complexa e infinita dentro da esfera ferroviária, especificamente. A partir dela, a memória coletiva se intensifica e se perpetua, pois a interiorização e compreensão de qualquer coisa só se faz em relação ao outro. O que foi expresso objetivamente banha-se em signos interiores em um processo profundamente socioideológico. Em contrapartida, a vivência psíquica – o pensamento – se dá quando os signos do exterior entram em contato com o interior e, a partir disso, formam outros signos – tudo de forma concomitante e recíproca (VOLÓCHINOV, 2017, p.94,129,133).

Sendo assim, aquilo que a editorialista rememora fora antes memorado por outro e, transmitindo significamente o contexto e seus sentimentos atrelados a ele, tal material socioideológico foi mantido na esfera de atividade. No caso da ferrovia, a rememoração nostálgica passou a ser feita de forma compulsória de modo que, por mais que as novas gerações não tivessem tido contato com a época de ouro, sentiam como se tivessem. A riqueza e profusão sónica da rememoração nostálgica entrou e continua a entrar em contato com os signos interiores dos novos ferroviários, compondo assim, a impressão sónica total do que o coletivo acredita ser a ferrovia. Este movimento implica em uma constante reelaboração do tema e significação da memória, conteúdo discorrido a seguir.

8.2.2 Tema e significação da memória nostálgica

Assim como qualquer signo, a memória nostálgica também se altera em tema e significação. Este fenômeno se observa na palavra, “o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p.99). É nela que se acumulam de pouco em pouco as mudanças geradas pelas reiterações. Acumulam-se até tornar-se a palavra um novo produto ideológico e, com isso, o ciclo recomeça

(VOLÓCHINOV, 2017, p.106). Dá-se o nome de mudança temática às mudanças de cada reiteração e de mudança de significado às que tornam a palavra um novo signo.

O tema da palavra é individual e irrepetível, pois liga-se a todos os fatores extraverbais relacionados à enunciação. Já a significação é artefato técnico por meio do qual o tema se manifesta. Representa a palavra de forma abstrata, é igual a si mesma em todos os momentos. Por si só não significa nada, é um potencial de significação (VOLÓCHINOV, 2017, p.238).

Para Vigotski (2008, p.181), no pensamento prioriza-se o tema e a totalidade de eventos psicológicos provocados pelo signo na consciência. Complementarmente, Volóchinov (2017, p.121) fala do “material sgnico do psiquismo” como tudo aquilo que adquire expressão sgnica dentro do organismo. Ou seja, o consciente – e, inclusive, a memória – opera através do signo ideológico, material sofisticado e flexível, passível a modificações via interação social.

O psicólogo e neurocientista Endel Tulving também buscou explicar o funcionamento do pensamento e da memória. Para ele a memória de longo-prazo é verbal e se segmenta em duas: a semântica e a episódica. A semântica relaciona-se com as regras de manipulação, significados e significantes da língua e sistemas de signos (TULVING, 1972, p. 387). A episódica é o armazenamento das informações e relações tempo-espaciais relacionados a eventos. Cada vez que a memória é acessada fisiologicamente, novas informações podem ser inseridas (TULVING, 1972, p. 385-386).

Sendo o pensamento e a memória sistemas profundamente ideológicos e sociais, reduzir tais processo cerebrais à fisiologia seria limitá-los infinitamente. A fisiologia foi inserida no trabalho não para contrapor, mas para reforçar o ponto de vista do funcionamento sgnico do psíquico. A nostalgia é evocada a partir da memória de longo-prazo episódica armazenada. E, segundo Tulving, esta memória é verbal e suscetível a modificações e perda de informação (1972, p.386). O trabalho de pesquisa do neurocientista pode ser compreendido como uma forma fisiológica de interpretar a modificação sgnica via tema e significação. Afinal, a palavra como construtor do psíquico é algo complexo, móvel e variável (VIGOTSKI, 2008, p.181-182).

No editorial número 172, a editorialista Benini traz à tona diversas memórias, fragmentos de uma época que não existe mais. Ela diz coisas como o seguinte:

[a] “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador, além de ser a ferrovia inglesa mais lucrativa do mundo fora da Inglaterra. Esses trilhos do progresso mudariam a economia, a geografia, a cultura e até a sociedade de São Paulo e do Brasil.

Na objetivação, a vivência psíquica é o interior levado ao exterior e o signo ideológico é o exterior inserido no interior (VOLÓCHINOV, 2017, p.138). Esta memória apresentada é algo pertencente ao coletivo, a memória de uma companhia histórica que alterou profundamente o modo de vida brasileiro. São fatos tidos como concretos e inegáveis, repetidos e reforçados há muito tempo. Frente a isso, reitera-se que a psicologia social não é algo exclusivamente interior, mas construída através de uma gama de sistemas sógnicos que permitiram as relações interpessoais (VOLÓCHINOV, 2017, p.108). Afinal, “os processos que em geral determinam o conteúdo do psiquismo não se realizam no organismo, mas fora dele” (VOLÓCHINOV, 2017, p.115).

Quando Benini adjetiva a ferrovia do passado, a memória não deixa de ser social, mas mostra-se mais individual ao revelar sua relação afetivo-volitiva com o objeto de nostalgia. Lê-se “tempos encantados”, “Locomotiva do Brasil”, “passado glorioso”. Seus companheiros do coletivo ferroviário podem partilhar uma ideia geral do que foi o passado, mas a editorialista possui uma visão apenas sua. Uma visão individualmente tonalizada pelas milhares rememorações feitas durante seu tempo como ferroviária. Quanto mais se acessa uma memória nostálgica, mais difícil fica de certificar se o que se lembra foi real acontecimento ou se a versão memorizada recebeu demãos de verniz, adquirindo um brilho novo e especialmente sedutor. A memória episódica é sempre, em diversos níveis, parte verdadeira e parte modificada quimicamente e ideologicamente. Mesmo sem plena consciência disso, pode-se admitir que o indivíduo nostálgico é também autor de suas próprias memórias nostálgicas.

Com isso, surge uma questão: por que alguém distorceria mesmo inconscientemente as memórias nostálgicas? Os diversos efeitos positivos gerados pela nostalgia já foram descritos: aumento de confiança e segurança, compreensão de continuidade histórica, conexão social consigo e com o coletivo. Em suma, nostalgia traz bem-estar emocional. Destri (20116) mostra que o efeito é catártico, semelhante ao de apreciar uma boa obra de arte. É uma ferramenta de proteção contra o presente e de autoafirmação, além de ter importante papel na solidificação

de identidade. Nostalgia é uma história produzida e contada para si mesmo para que o presente possa ser suportado.

8.2.3 Nostalgia e desenvolvimento humano

Como visto nos itens basilares “Gêneros do discurso” e em “Linguagem e pensamento”, a comunicação não ocorre no vácuo, por meio de um estéril código linguístico. Toda interação dialógica reflete e refrata o momento social e histórico no qual o se produziu. O enunciado é único e irrepetível e assim também são os enunciados-*corpus* nostálgicos desta pesquisa. Cada enunciado que apresenta nostalgia é uma corrente em um elo complexo de outros enunciados, continuamente respondendo a enunciados anteriores e prevendo posteriores. Desta forma, tanto os editoriais quanto a nostalgia *per se* sentida pelos ferroviários se repete e se recria ao longo dos anos.

Para evidenciar, portanto, o caráter vivo da manifestação da nostalgia e sua contundência no contexto do coletivo social e no desenvolvimento humano deste, esta sessão comenta e relaciona três editoriais nostálgicos da *Revista Ferrovia*. Escolheu-se, portanto o primeiro editorial nostálgico de todos, “Uma das causas do déficit[sic] nas ferrovias”, 1967, número 2, escrito por José Sartoris Netto (Anexo 1); o editorial que se localiza no meio da linha do tempo de editoriais, “Hierarquia”, 1978, número 62, escrito por José Ferreira (Anexo 2); e, por fim, o último dos editoriais nostálgicos do *corpus*, “Palavra da Presidente”, 2017, número 172, escrito por Maria Lina Benini (Anexo 3).

Déficit. O editorial número 2 inicia uma longa tradição de editoriais com esta palavra como tema central. Assim como 32% dos editoriais, este traz a adversidade à tona. Netto retrata o momento histórico em que a ferrovia já se encontra em segundo plano em relação ao monopólio dos transportes do Brasil. A ferrovia de Netto é uma ferrovia já deficitária, que cada vez perde mais espaço para as rodovias. Sendo assim, o autor nostalgicamente lembra dos tempos dourados, mas afirma que os tempos mudaram e que a mentalidade e hierarquia dentro do sistema deveria se adequar. A grande questão, segundo ele, é a diminuição da procura de frete e uma administração que não dá a importância que este serviço merece. O editorialista inicia o editorial ativando o leitor mnemonicamente, sensibilizando-o:

Vivem saudosos em nossa memória <<os bons tempos>> do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país. Naquêles[sic] tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários de conforto e capacidade de carga dos veículos, as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias [...].

Enquanto destaca os bons tempos, contrasta em mesma medida o presente – claramente diferente, quase irreconhecível. Utiliza a primeira pessoa do plural, como a maioria dos editoriais, a fim de se colocar no mesmo grupo social que o leitor, mostrar que compartilha da mesma situação difícil que ele. Em contraste com o padrão da relação interlocutiva dos editoriais, relação ferroviário/ferroviário, por tratar de problemas que poderiam ser amenizados pelo alto escalão de engenheiros, o autor assume a posição de engenheiro para conversar com outros engenheiros. Mais à frente no texto, a nostalgia continua:

E as mercadorias para serem transportadas?
Ah! estas. <<nos bons tempos>>, estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para <<conseguir>> o seu transporte. Porém os tempos foram mudando [...]. Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos.

Há a repetição do contraste claro entre “os bons tempos” e os “outros tempos”, os tempos que “foram mudando”. O autor suspira em palavras ao anteceder sua descrição do passado com a expressão “Ah!”. A mudança claramente não foi boa e o passado é lembrado com carinho. Ao final do texto o futuro é evocado, reivindicando a “redenção do sistema ferroviário”. Evocando a teoria de Benveniste, “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo” (2016, p.74). Aqui o tempo crônico é apresentado compreendido como uma sequência de fatos que não favoreceram a classe ferroviária. Neste aspecto, os bons tempos nunca voltarão e os ferroviários daquele presente, do momento da enunciação, só tinham a opção de voltar-se para o futuro.

O tempo linguístico, porém, é onde o editorialista tem a total liberdade de transitar indiscriminadamente entre passado e futuro. O centro axial é gerado no momento da enunciação e novos centros são gerados a cada resposta dada ou a cada novo editorial. Este, ao definir o hoje de 1967 como “outros tempos”, transita em uma linha de ida e volta para o passado dos “bons tempos” mais de uma vez. Ao enunciar, e só por que enunciou, o editorialista viveu verdadeiramente o seu passado de novo.

Há um passeio pela história coletiva: a nostalgia aparente no primeiro parágrafo se desfaz com a descrição do presente, retorna no corpo de texto e está inclusive no apelo final para que haja alguma tomada de decisão referente à fretagem.

No momento da enunciação desse enunciado, os ferroviários já parecem ter deixado a ideia utópica de retomar o monopólio do transporte. Em editoriais prontamente seguintes, é evidente que o que desejam no momento é voltar a trabalhar em uma classe que não é maltratada, que não opera com orçamento curto e políticas deficitárias. Em regra, desistiram até mesmo de um futuro sem déficit – mas conclamam um futuro em que o déficit não seja visto como prejuízo, mas, sim, investimento. Na retrotopia que vivem, querem o melhor para si – algo que se opõe ao melhor para a indústria rodoviária. Vê-se aqui, portanto, claramente a valoração dada pelos ferroviários para a ferrovia em detrimento da valoração dada por outros setores a ela.

Sessenta editoriais depois, tem-se o texto que segmenta em duas partes o *corpus* de editoriais nostálgicos. Este, inclusive, é o último editorial nostálgico antes da busca pela “modernização” da revista, a qual alterou a formatação do texto de retangular para triangular. “Hierarquia” de José Ferreira tem a temática de mudança estrutural. Versa sobre o espírito de simplificação de cargos que tem sido adotado pela empresa e em como essa manobra administrativa parece ser falha quando perdem-se as hierarquias na hora das decisões que levarão a empresa para o futuro. Observe-se:

É preciso que o PCC que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como aliás foi a intenção de seus criadores), com a arte e a criatividade que sabemos que não faltará aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções de “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia.

Ele fala na primeira pessoa do plural ao utilizar “nossas ferrovias”, o que atrai para si a posição de engenheiro perante o leitor que, provavelmente, também é ferroviário, mas sobretudo compartilha da posição de engenheiro. Inclusive, utiliza a abreviação PCC sem introduzi-la, tomando como garantida a compreensão dessa palavra em um coletivo que partilha de uma mesma esfera semântica que o autor. Tal atitude solidifica o tom social dessa comunicação até então trimestral como uma ferramenta de sobrevivência do grupo. Dizer que a ferrovia teve seus anos dourados

é confirmar a ideia de que ela tem legitimidade em requerer e conseguir o prestígio novamente. Nesse processo, citando Bosi (2003), o indivíduo renova-se para o presente, recebe forças para continuar. Neste caso, a memória é decisiva na existência do indivíduo ferroviário e de seu coletivo pois permite fazer a relação do *nós* do presente com o *nós* do passado e, concomitantemente, interfere no curso das significações da esfera ferroviária.

O centro axial está “nos dias ‘cibernéticos’ de hoje” e ele transita para um passado anterior ao da segunda publicação. Ou seja, por mais que 1967 seja passado no momento desta enunciação, o ponto no passado para o qual ambos voltam é o mesmo: “os bons tempos”, “os tempos de ouro da Ferrovia”. Desta vez a nostalgia fora posicionada no final do discurso a fim de solidificar seus argumentos apresentados e motivar o leitor.

O terceiro editorial comentado é o último número publicado e, também, é o último do *corpus* de editoriais nostálgicos. O de número 172, escrito por Benini já foi muito comentado nesta dissertação devido ao seu caráter profundamente nostálgico, detentor de quase todos os padrões de manifestação nostálgica desvelado nas análises.

Este número é o quinto após um período de hiato entre 2010 a 2015. Comemorando os oitenta anos de publicação, a revista retorna apresentando um editorial voltado para os conteúdos da revista, não tão argumentativo quanto os anteriores. Mesmo assim, a editorialista não deixa de transparecer a nostalgia própria e coletiva do setor ferroviário. A revista, publicada em ano comemorativo de 150 anos da primeira estrada de ferro paulista – São Paulo *Railway* – é repleta de conteúdo saudoso, festejando seu passado histórico. Assim também é o editorial: rememora a criação, o desenvolvimento e a infeliz queda da ferrovia brasileira. Comenta o presente de 2017 instaurando-o como centro axiológico do enunciado e termina com um olhar positivo sobre o futuro. Para retratar seu conteúdo nostálgico, tem-se o trecho a seguir:

A “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador [...] um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de

estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de "Locomotiva do Brasil.

A valoração do autor aos objetos do discurso – o passado e o presente – é nítida como em todos os demais editoriais com manifestação de nostalgia. O passado é sempre apresentado de forma positiva: “rentável”, “tempos encantados”, “Locomotiva do Brasil”. Em contrapartida, o atual cenário é apresentado em contraste: a ferrovia não é mais rentável, os tempos não são mais encantados, ela não participa em peso do progresso brasileiro.

Outros padrões gerais de editoriais nostálgicos que podem ser observados neste editorial é que, assim como 55% dos demais discursos, o elemento nostalgia é colocado ao final com função de motivar o leitor ferroviário na luta pela melhoria da esfera. Ademais, a relação interlocutiva gerada foi a de ferroviário/ferroviário assim como 47% dos editoriais.

Benini, como editorialista e presidente, coloca-se como membro de um coletivo ferroviário não-seleto, ou seja, não direciona o comentário para o grupo de ferroviários engenheiros ou de alta hierarquia. Mas sim, coloca-se simplesmente como ferroviária comunicando assim que a história de glória da ferrovia pertence a todos, sejam eles grandes engenheiros, maquinistas ou zeladores.

A rememoração nos coletivos e, neste caso, o ferroviário, é ferramenta primordial de manutenção da classe e a nostalgia corrobora na construção de sua identidade e motivações. Por outro lado, observa-se que o passado que Benini relata é um passado do qual ela não viveu. E por mais que tivesse vivido, não existe memória que seja “pura”. As memórias são complexamente permeadas de ideologia (BOSI, 2003). E, observando o histórico de editoriais nostálgicos, quanto mais a situação se dificulta, quanto mais o passado parece longínquo, mas a memória nostálgica se fortalece e, como já visto na sessão anterior, é passível de ser modificada.

Nostalgia não é apenas um sentimento de perda de deslocamento. É também, de forma profunda, um romance do nostálgico com sua própria fantasia do passado. Sendo assim, tal romance só consegue sobreviver em uma relação de longa distância pois quando tenta-se sobrepor a fantasia nostálgica atual com o passado realmente ocorrido não há correspondência exata (BOYM, 2007, p.7). Trocam-se presidentes, mudam-se os colegas, morrem-se os veteranos. Quando não há mais ninguém que viveu em tempo físico o passado crônico que tanto rememoram linguisticamente, a memória não morre. A nostalgia permanece como componente, como traço

característico do coletivo. Como Bauman reitera (2017), o presente incerto da virada do século não inspira confiança. Vale muito mais investir no olhar para um passado certo do que apostar na instabilidade do futuro.

Vale mais porque a nostalgia é catártica. Não só a nostalgia, mas a própria revista. Na primeira edição de 1935 não se sentia o gosto amargo do déficit que fez o coletivo retomar a revista em 1967 – revista essa que renasceu nostálgica. Publicar foi uma resposta ao afeto do fracasso empresarial, uma forma de manipular um instrumento que pudesse ajudá-los a ir além deles mesmos, a superar os desafios que o presente apresentava.

A “atividade reguladora” de Lima (2015) está inclusive no fato de que as pessoas rememorarem nostalgicamente. Aqui o indivíduo oscila entre viver no passado – algo impossível – e viver no presente – algo insuportável. O curto-circuito se dá no meio termo entre os dois elementos: a nostalgia. A síntese está no viver no presente buscando motivação no passado. Neste ponto ela é responsável pelo efeito catártico, prazeroso de se rememorar.

Em sua estrutura, memória nostálgica também goza de um embate dicotômico que se finda em catarse. A memória como conteúdo é superada pela narrativa semi-biográfica. Ou seja, a narrativa contada para si mesmo, ao se rememorar, não representa o objeto da nostalgia como tal – é parte verdade, parte criação. O resultado é um prazer catártico semelhante ao artístico: a destruição do conteúdo pela forma.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais são apresentadas após a exploração de mais de um escopo científico para tratar do objeto. Vê-se no fazer científico trabalhos interdisciplinares, no entanto, em sua grande maioria, as diversas dimensões científicas são estudadas separadamente e, por vezes, de forma excludente. Mobilizou-se para o presente estudo da nostalgia as dimensões linguístico-discursiva, socioideológica, psicológica e filosófica.

O objetivo desta pesquisa foi estabelecer o modo com que a memória nostálgica, na subjetividade e na objetividade, pode ser compreendida através do ponto de vista linguístico-discursivo. Para alcançá-lo, utilizou-se um *corpus* de editoriais nostálgicos da *Revista Ferrovia*, elencaram-se os conceitos necessários para o embasamento teórico bem como investigou-se o contexto histórico e de produção dos editoriais. Juntamente a essas etapas da pesquisa, um conjunto de outros procedimentos para a análise foram descritos no capítulo Metodologia.

O capítulo de Análises, foi segmentado em nostalgia objetiva e nostalgia subjetiva. Na nostalgia objetiva pôde-se aprofundar o conhecimento de seus padrões de manifestação no discurso com vista nos elementos 1) conteúdo temático; 2) estilo verbal; 3) estrutura composicional; 4) relação interlocutiva e, por fim, 5) demais peculiaridades.

Na seção conteúdo temático observou-se um padrão de uso na manifestação da nostalgia. Mais de 70% dos editoriais que falam sobre o passado, acabam rememorando-o de forma emocional, nostálgica. As temáticas variavam de acordo com a situação político-econômica da empresa, portanto as três temáticas mais frequentes são adversidade, perspectiva de êxito e prescrição. Em sua maioria os editoriais são otimistas e motivacionais, figurando principalmente entre os de perspectiva de êxito. Quando se trata de adversidade e prescrição, a maioria é neutro buscando soluções sem dar por condenado o futuro da ferrovia.

Ainda dentro dessa seção, observou-se a que temática a nostalgia geralmente é atrelada. Neste caso concluiu-se que a nostalgia é principalmente relacionada a parágrafos que tratam diretamente do futuro, o que significa que o objeto de nostalgia é comumente visto como um horizonte a ser alcançado.

No que se trata de estilo verbal, é habitual encontrar a nostalgia em meio a um discurso no modo verbal indicativo, em primeira pessoa do plural. O passado é

descrito de forma lisonjeira, o presente normalmente em termos de contraste e o futuro como um rompimento: rompimento com o presente que diverge dos bons momentos do passado.

Os estudos sobre a estrutura composicional revelaram mudanças de construção de apresentação dos editoriais nas revistas. Voltando-se para o discurso, foi trazido à tona que há uma estrutura relativamente definida de utilização de nostalgia, dependendo do contexto em que se encontra a ferrovia. Quando o editorial trata de forma neutra sobre adversidade, geralmente a nostalgia é colocada de forma introdutória, reativando a memória e sensibilizando o leitor. Em contrapartida, quando se trata com otimismo da perspectiva de êxito da ferrovia, a nostalgia é encaixada ao final do texto, motivando os ferroviários na luta por melhores condições da esfera.

Todos esses aspectos ligam-se diretamente à relação interlocutiva entre enunciador e enunciatário. Na sua grande maioria, os editorialistas se posicionam como ferroviários frente ao público leitor de ferroviários, garantindo um discurso com caráter de união de classe. Quando o propósito enunciativo é de resolução de adversidade, a relação interlocutiva muda e passa a ser mais comum observar tal discurso na relação engenheiro/engenheiro ou ferroviário/governante visto que os principais problemas da ferrovia eram de gerenciamento e de investimento governamental.

Além dessas, a nostalgia como enunciado foi descrita a partir das peculiaridades de ser individual, única e irrepetível, elo na corrente de enunciados, nunca neutra, possuir alternância e conclusibilidade, exauribilidade semântico-objetual e responsividade. Evidencia-se aqui a função social da nostalgia de, através da cadeia complexa e infinita de enunciados, transportar o sentimento dos antigos ferroviários para os novos, que continuam a ser nostálgicos mesmo sem ter presenciado a época dourada da ferrovia.

Uma vez concluído o primeiro segmento de análise, o “Nostalgia objetiva”, os resultados obtidos serviram ao segundo segmento, visto que explorou com exaustão a dimensão linguística do fenômeno psicossocial da nostalgia. O segmento “Nostalgia subjetiva” tratou, portanto, do funcionamento da nostalgia como fenômeno de base sógnica no interior do indivíduo.

Na primeira subseção “Comportamento sógnico da memória nostálgica”, o caráter sógnico do pensamento é explorado e, com isso, a rememoração nostálgica. Sendo sógnica, esta atua verbalmente no interior e exterior da consciência que, em

ambos os casos, é profundamente social. A memória nostálgica mostra-se significada, transmitida e perpetuada no pensamento, seguindo as mesmas bases utilizadas ao ser exteriorizada como enunciado.

Ainda se tratando do caráter sógnico da nostalgia subjetiva, “Tema e significação da memória nostálgica” observou a aquisição de novos temas e de modificação da memória nostálgica no pensamento. Tal processo ideológico comum a qualquer signo objetivado pode ser estendido ao signo interior da memória: algo que casa perfeitamente com a fisiologia do cérebro humano. Dessa forma, tanto a linguagem quanto a memória ganham vida em meio à tensão dialética ininterrupta entre “estabilidade e instabilidade, cristalização de significações e a amplitude dos temas sociais e historicamente possíveis” (SOBRAL, 2009, p.89).

Como última subseção da dissertação, “Nostalgia e desenvolvimento humano” observou três editoriais distintos representando três momentos diferentes da história da ferrovia. Observou-se uma intensificação da nostalgia conforme o tempo se passava. A nostalgia foi evocada em resposta a afetos na existência do grupo social e, segundo Sedikides *et al*, esta é uma força humana fundamental, parte importante da vida cotidiana, que serve como promotora de positividade, autoestima, ligações sociais e alívio das agruras do existir (2008, p. 307). Por ser parte memória e parte narrativa autoral, pode-se dizer que a manifestação da nostalgia se assemelha à função da arte.

Mas como alguém se entrega ao sentimento da nostalgia se este é em partes fantasia ou até mesmo delírio? O grande atrativo desse sentimento é, justamente, que a nostalgia não é de todo invenção e nem de todo factual. Além disso, a parte fantástica é dificilmente notada visto que o passado não é acessível diretamente. Pode-se recordar a partir de vídeos, imagens, diários, mas indubitavelmente a forma mais comum de se recordar uma memória nostálgica é confiando apenas no armazenamento químico das próprias memórias.

Reforça-se aqui que a memória não é exatamente confiável e têm-se a crença de que “gravam-se” memórias como qualquer sistema de armazenamento digital. A memória evanesce e, principalmente, altera-se. É comum que o nostálgico não tenha a consciência do quão alterada pode estar aquela memória doce do passado. A memória alterada parece tão verdadeira na memória quanto a memória original. De qualquer forma, quando se há a necessidade de rememorar nostalgicamente frente ao presente caótico, o que se procura é estabilidade. É preferível acreditar que aquilo

que lhe dá segurança não seja fruto de alterações químicas em sucessão. Na sociedade do “cada um por si” e do “posso apenas confiar em mim mesmo” não poder confiar nas próprias lembranças é assustador. E, como em um ciclo, para aliviar-se das agruras de um presente volúvel e buscar razões para continuar nele, busca-se novamente o colo quente, aconchegante e catártico da nostalgia.

Por mais que tal sentimento possa influenciar a arte e o mercado, ela não é matéria em museus, não é selecionada ou analisada por críticos, não se classifica em barroca ou surrealista. No entanto, as memórias são degustadas nostalgicamente com o mesmo fervor com o qual se observa um grande quadro ou se aprecia uma boa narrativa. A nostalgia é ao mesmo tempo verdade e criação, um traço humano universal que culmina em um prazeroso efeito catártico.

REFERÊNCIAS

AEFSJ - Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos à Jundiaí. Disponível em: <<http://www.aeefs.org.br>>. Acesso em 08 nov. 2017.

ANTUNES, Camila; FERREIRA, Fernanda; PÁSSARO, Thiago. **Entre trilhos**: uma viagem de histórias pela primeira estrada de ferro paulista, a São Paulo *Railway*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.aeefs.org.br/site/wp-content/uploads/2016/03/Entre-Trilhos-Livro.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Os gêneros do discurso. 1. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENINI, Maria Lina. Palavra da Presidente. Editorial. **Revista Ferrovia**, n.172, p.3, maio, 2017.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BOYM, Svetlana. Nostalgia and its Discontents. **Hedgehog Review**. n. IX. p. 7-18. Charlottesville – EUA: University of Virginia, 2007.

DESTRI, Alana. **Nostalgia em editoriais da Revista Ferrovia**: um estudo linguístico-discursivo. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Português-Inglês. Departamento Acadêmico de Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2016.

FIORIN, José Luiz. O tempo demarcado. In: **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

KIRK, G. S. **Heraclitus**: The Cosmic Fragments. Cambridge: University Press, 1975

LIMA, Anselmo. Desenvolvimento da afetividade, das emoções e dos sentimentos humanos no (e fora do) trabalho: uma questão de saúde coletiva e segurança pública. **Saúde Soc.** [online]. 2015, vol.24, n.3, p.869-876.

LIMA, Anselmo. **Visitas técnicas**: interação escola-empresa. Curitiba: CRV, 2010

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias**: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. Campinas, SP: Pontes, 1990.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando. **Manual de gramática**: guia prático da língua portuguesa. São Paulo: DCL, 2010.

PACE, Leonardo. Revista Ferrovia. **Revista Ferrovia**, São Paulo, n.148, p. 03, jul./out. 1993.

SEDIKIDES, Constantine; WILDSCHUT, Tim; ARNDT, Jamie; ROUTLEDGE, Clay. Nostalgia: Past, Present, and Future. **Current Directions in Psychological Science**. n. 5. vol. 7. Washington - EUA: Association for Psychological Science, 2008. p. 304-307. Disponível em: <http://www.wildschut.me/Tim_Wildschut/home_files/Sedikides,%20Wildschut,%20Arndt,%20%26%20Routledge,%202008,%20CDir.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2017

SEDIKIDES, Constantine; WILDSCHUT, Tim; BADEN, Denise. Nostalgia: Conceptual Issues and Existential Functions. In: GREENBERG, Jeff; KOOLE, Sander Leon; PYSZCZYNSKI, Thomas A. (Org.). **Handbook of Experimental Existential Psychology**. New York - EUA: Guilford Publications, 2004. p. 200-215. Disponível em: <<http://studylib.net/doc/8267824/nostalgia---university-of-southampton>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Roberto de Mello e. **Administração integrada**. São Paulo: Duas cidades, 1983.

TULVING, Endel. Episodic and semantic memory. In: TULVING, Endel e DONALDSON, Wayne (Org.). **Organization of memory**. Nova York - EUA: Academic Press, 1972. p. 381-403. Disponível em: <<http://alicekim.ca/12.EpSem72.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

VIEIRA, Maria Helena Gomes Naves. **O gênero editorial**: uma proposta de caracterização. Dissertação. Uberlândia – São Paulo: UFU, 2009.

VIGOTSKI, Lev S.. Pensamento e palavra. In: _____. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte**. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro do *corpus* de editoriais da *Revista Ferrovia*

Número	Mês	Ano	Título	Autor
1	12	1935	Sem título	Anônimo
2	08	1967	Uma das causas do deficit nas ferrovias	Sartoris Netto
3	07	1968	Legislação obsoleta prejudica o sistema ferroviário	Sartoris Netto
4	11	1968	Ferrovia: problema nacional	Sartoris Netto
5	01/02	1969	Bravos, E.F.S.J.!	Sartoris Netto
6	05/06	1969	A “Sofrerail” na Rêde	Sartoris Netto
7	07/08	1969	O “container”	Sartoris Netto
8	09/10	1969	Asociación Latinoamericana de Ferrocarriles (ALAF)	Sartoris Netto
9	11/12	1969	Enfim, as regionais	Sartoris Netto
10	01/02	1970	A ferrovia deve ser divulgada	Sartoris Netto
11	03/04	1970	A ferrovia no país do automóvel	Sartoris Netto
12	05/06	1970	Companhia Paulista de Estradas de Ferro, pioneira a 150 km/h	Sartoris Netto
13	07/08	1970	“A propaganda é a alma do negócio”	Sartoris Netto
14	09/10	1970	Um problema de logística	Sartoris Netto
15	11/12	1970	RFF/AS: rumo ajustado	Sartoris Netto
16	01/02	1971	Publicidade negativa	Sartoris Netto
17	03/04	1971	Para um bom barco, melhor comandante	Sartoris Netto
18	05/06	1971	A grande obra	Sartoris Netto
19	08/09	1971	Vamos diversificar?	Sartoris Netto
20	09/10	1971	“Tráfico de cérebros”	Sartoris Netto
21	11/12	1971	Mil novecentos e setenta e um	Sartoris Netto
22	01/02	1972	O trem... outra vez	Sartoris Netto
23	03/04	1972	Ferrovia & criatividade	Sartoris Netto
24	05/06	1972	Auto-suficiência prejudicial	Sartoris Netto
25	07/08	1972	Boas vindas, Sr. Presidente	Sartoris Netto
26	09/10	1972	É imprescindível o lucro?	Sartoris Netto
27	11/12	1972	Recuperação em perspectiva	Sartoris Netto
28	01/02	1973	Santo-Jundiaí, Transporte & adestramento de pessoal	Anônimo
29	03/04	1973	Metropolitano Paulista	Sartoris Netto
30	05/06	1973	Cuidado com o estol	Sartoris Netto
31	07/08	1973	“Integração para passageiros”	Sartoris Netto
32	09/10	1973	A encruzilhada	Sartoris Netto

33	11/12	1973	Efetiva implantação do sistema regional	Sartoris Netto
34	01/02	1974	A barreira desafiante	Sartoris Netto
35	03/04	1974	Metrô x rede	Sartoris Netto
36	05/06	1974	Metrô x ferrovia: capítulo II	Sartoris Netto
37	07/08	1974	O verdadeiro gargalo	Sartoris Netto
38	09/10	1974	Integrar para resolver	Sartoris Netto
39	11/12	1974	Programa de desenvolvimento ferroviário	Sartoris Netto
40	01/02	1975	Nossa “ferrovia” também melhora	Sartoris Netto
41	03/04	1975	Investimento também abrange o pessoal	Sartoris Netto
42	05/06	1975	PESSOAL: mais qualidade e menor quantidade	Sartoris Netto
43	07/08	1975	Colapso!	Sartoris Netto
44	09/10	1975	A hora é de somar	Sartoris Netto
45	11/12	1975	“Nossos agradecimentos”	Brandão Pirajá
46	01/02	1976	Um objetivo de grande alcance social	Brandão Pirajá
47	03/04	1976	Pé no freio...	Brandão Pirajá
48	05/06	1976	Que país é este...	Brandão Pirajá
49	07/08	1976	Quantidade e qualidade	Brandão Pirajá
50	09/10	1976	Decepção e desistímulo	Brandão Pirajá
51	11/12	1976	Fim de ano. Novas esperanças	Brandão Pirajá
52	01/02	1977	Acelerar	Brandão Pirajá
53	03/04	1977	Despedida	Brandão Pirajá
54	05/06	1977	Valorização do engenheiro	José Ferreira
55	07/08	1977	Valorização do engenheiro - II	José Ferreira
56	09/10	1977	Vinte anos de rede	José Ferreira
57	11/12	1977	Fim de ano	José Ferreira
58	01/02	1978	Pioneirismo	José Ferreira
59	03/04	1978	Criar: função do engenheiro	José Ferreira
60	05/06	1978	Renovação	José Ferreira
61	07/08	1978	“O jogo terminou”	José Ferreira
62	09/10	1978	Hierarquia	José Ferreira
63	11/12	1978	Final	José Ferreira
64	01/02	1979	Parabéns e boas findas	Walter Muniz
65	03/04	1979	A grande chance	Walter Muniz
66	05/06	1979	Em busca de uma nova imagem	Walter Muniz
67	07/08	1979	Por que?	Anônimo
68	09/10	1979	E por falar em burocracia...	Anônimo
69	11/12	1979	A ferrovia dos meus sonhos	E.G.F.P.
70	01/02	1980	Anos 80 – a década ferroviária	E.G.F.P.
71	03/04	1980	Um dia muito especial	E.G.F.P.

72	05/06	1980	A integração de transportes e o “espírito latino”	E.G.F.P.
73	07/08	1980	Volta à ferrovia	E.G.F.P.
74	09/10	1980	Era uma vez...	E.G.F.P.
75	11/12	1980	Eureka: estão redescobrimdo a ferrovia	E.G.F.P.
76	01/02	1981	FERROVIÁRIO: um estado de espírito	E.G.F.P.
77	03/04	1981	A volta aos trilhos	E.G.F.P.
78	05/06	1981	Ressurge a ferrovia	EGAB
79	07/08	1981	A.L.A.F.	EGAB
80	09/10	1981	O novo “condottiere” da SR.4	E.G.F.P.
81	11/12	1981	Ideal	EGAB
82	01/02	1982	Propriedades e especialização do transporte ferroviário	EGAB
83	03/04	1982	A crise econômica e os investimentos ferroviários	EGAB
84	05/06	1982	Um sonho se torna realidade: divisão especial de subúrbios de São Paulo	E.G.F.P.
85	07/08	1982	A ferrovia na era da cibernética	E.G.F.P.
86	09/10	1982	“Progresso”	EGAB
87	11/12	1982	Superar com otimismo	EGAB
101	03/04	1985	A nova república	Eng. José Sartoris Netto
111	11/12	1986	Reflorestamento... Ecologia... e a Lei	Eng. José Sartoris Netto
133	09/10	1990	Carta dos engenheiros da RFFSA CBTU / São Paulo ao “II Seminário: os engenheiros e as estatais”	AEEFSJ
134	11/12	1990	1990 Estaca Zero	Eng. Sérgio Uchoa de Oliveira
147	03/04/ 05/06	1993	Privatização	Eng. Ivan Carlos Regina
148	07/08/ 09/10	1993	Privatização da R.F.F.S.A.	Anônimo
152	-	1995	Ferrovias: à beira do fim?	Eng. Ivan Carlos Regina
153	-	1995	Ferrovários & desestatização	Eng. Dirceu Pinheiro
159	03	2010	Ferrovia 75 anos	Anônimo
160	04	2010	PAC 1, PAC 2...	Victor Warsow

161	05	2010	Nova CPTM	José Luiz Portella Pereira
162	06	2010	Mobilidade ainda não é planejada visando o médio e longo prazo	Victor Warsaw
163	07/08	2010	BRT a solução	Victor Warsaw
164	09	2010	Sem título	Victor Warsaw
168	07/08/ 09	2015	Palavra da presidente	Eng. Maria Lina Benini
169	10/11/ 12	2015	Chegou 2016!	Eng. Maria Lina Benini
170	01/06	2016	Palavra da presidente	Eng. Maria Lina Benini
171	07/12	2016	Palavra da presidente	Eng. Maria Lina Benini
172	-	2017	Palavra da presidente	Eng. Maria Lina Benini

APÊNDICE B – Quadro do conteúdo temático geral do *corpus*

Número	Temática	Passado	Presente	Futuro	Nostalgia	Tendência
1	Elogio ao chefe do tráfego		x			+
2	Adversidade	x	x	x	x	0
3	Adversidade	x	x	x		-
4	Adversidade		x	x		-
5	Êxito	x	x	x		+
6	Previsão de êxito		x	x		+
7	Adversidade			x		-
8	Informativo – evento		x	x		+
9	Mudança estrutural		x	x		+
10	Adversidade		x			-
11	Adversidade		x			-
12	Êxito		x	x		+
13	Adversidade		x	x		-
14	Adversidade		x			-
15	Mudança estrutural		x	x		0
16	Adversidade	x	x	x	x	0
17	Mudança estrutural	x	x	x		+
18	Adversidade		x			-
19	Adversidade		x	x		-
20	Adversidade		x	x		-
21	Retrospectiva		x	x		-
22	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
23	Aconselhamento		x			0
24	Adversidade	x	x	x	x	-
25	Adversidade		x	x		+

26	Aconselhamento		x	x		0
27	Perspectiva de êxito		x	x		+
28	Adversidade		x			-
29	Adversidade	x	x	x		-
30	Adversidade		x	x		-
31	Adversidade		x			-
32	Aconselhamento		x	x		-
33	Mudança estrutural		x	x		+
34	Adversidade	x	x	x	x	+
35	Adversidade	x	x	x	x	-
36	Adversidade	x	x	x	x	0
37	Adversidade	x	x			-
38	Adversidade		x	x		-
39	Mudança estrutural		x	x		+
40	Mudança na revista		x	x		+
41	Adversidade	x	x	x	x	0
42	Mudança estrutural	x	x	x		0
43	Adversidade		x	x		-
44	Informativo – posse do novo presidente		x	x		0
45	Mudança estrutural		x			+
46	Mudança estrutural		x			+
47	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
48	Adversidade		x	x		0
49	Mudança estrutural		x	x		+
50	Adversidade		x			-
51	Carta de fim de ano				x	+
52	Aconselhamento	x	x	x	x	0
53	Retrospectiva		x			+

54	Prescrição		x	x		0
55	Prescrição		x	x		0
56	Prescrição	x	x	x	x	+
57	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
58	Prescrição	x	x	x	x	0
59	Prescrição			x		0
60	Prescrição		x	x		0
61	Adversidade		x	x		-
62	Mudanças estruturais	x	x	x	x	0
63	Prescrição		x	x		0
64	Mudança estrutural		x			0
65	Prescrição	x	x	x		0
66	Mudança na revista		x			0
67	Adversidade	x	x	x	x	0
68	Adversidade	x	x	x	x	-
69	Prescrição	x	x	x	x	+
70	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
71	Informativo – evento	x	x	x	x	+
72	Adversidade		x			-
73	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
74	Prescrição			x		+
75	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	0
76	Prescrição	x	x	x	x	+
77	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
78	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
79	Informativo – evento		x	x		+
80	Elogio a engenheiro		x			+
81	Retrospectiva		x			+
82	Mudança estrutural	x	x	x	x	+

83	Adversidade		x	x		0
84	Mudança estrutural	x	x			+
85	Adversidade		x	x		0
86	Perspectiva de êxito		x	x		+
87	Retrospectiva		x			+
101	Mudança estrutural		x	x		0
111	Adversidade		x	x		-
133	Aconselhamento		x	x		0
134	Mudança estrutural		x	x		+
147	Mudança estrutural		x	x		0
148	Mudança estrutural		x	x		0
152	Adversidade	x	x	x		-
153	Adversidade		x	x		0
159	Retrospectiva	x	x	x		+
160	Mudança estrutural		x			0
161	Mudança estrutural		x	x		0
162	Adversidade		x	x		-
163	Adversidade		x	x		0
164	Mudança na revista			x		+
168	Mudança na revista	x	x	x		+
169	Retrospectiva		x			+
170	Aconselhamento	x	x	x	x	0
171	Retrospectiva	x	x	x	x	0
172	Êxito	x	x	x	x	+

APÊNDICE C – Quadro do conteúdo temático geral do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia

Número	Temática	Passado	Presente	Futuro	Nostalgia	Tendência
2	Adversidade	x	x	x	x	0
16	Adversidade	x	x	x	x	0
22	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
24	Adversidade	x	x	x	x	-
34	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
35	Adversidade	x	x	x	x	-
36	Adversidade	x	x	x	x	0
41	Adversidade	x	x	x	x	0
47	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
52	Aconselhamento	x	x	x	x	0
56	Prescrição	x	x	x	x	+
57	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
58	Prescrição	x	x	x	x	0
62	Mudança estrutural	x	x	x	x	0
67	Adversidade	x	x	x	x	0
68	Adversidade	x	x	x	x	-
69	Prescrição	x	x	x	x	+
70	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
71	Informativo – evento	x	x	x	x	+
73	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
75	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	0
76	Prescrição	x	x	x	x	+
77	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
78	Perspectiva de êxito	x	x	x	x	+
82	Mudança estrutural	x	x	x	x	+

170	Aconselhamento	x	x	x	x	0
171	Retrospectiva	x	x	x	x	0
172	Êxito	x	x	x	x	+

APÊNDICE D – Quadro do conteúdo temático específico do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia

Número	Temática	Parágrafos	Temática por parágrafo
2	Adversidade	14	1 – Presente (nostalgia)
			2 – Passado (nostalgia)
			3 – Presente
			4 – Presente
			5 – Presente
			6 – Presente
			7 – Pergunta retórica
			8 – Passado
			9 – Passado
			10 – Passado
			11 – Pergunta retórica
			12 – Futuro
			13 – Presente
			14 – Proposta de solução
16	Adversidade	13	1 – Presente (nostalgia)
			2 – Presente
			3 – Presente (nostalgia)
			4 – Passado
			5 – Passado (nostalgia)
			6 – Presente
			7 – Presente (nostalgia)
			8 – Presente
			9 – Presente
			10 – Hipótese
			11 – Presente

			12 – Hipótese
			12 – Proposta de solução
22	Perspectiva de êxito	17	1 – Futuro
			2 – Presente
			3 – Passado
			4 – Passado
			5 – Passado
			6 – Passado
			7 – Presente
			8 – Passado
			9 – Passado
			10 – Passado
			11 – Presente
			12 – Presente
			13 – Futuro
			14 – Presente
			15 – Futuro
			16 – Presente
			17 – Futuro (nostalgia)
24	Adversidade	9	1 – Passado (nostalgia)
			2 – Passado
			3 – Passado
			4 – Passado
			5 – Presente
			6 – Presente
			10 – Presente
			11 – Presente
			12 – Proposta de solução
34	Adversidade	10	1 – Presente

			2 – Presente (nostalgia)
			3 – Presente
			4 – Presente
			5 – Presente
			6 – Presente
			7 – Presente
			8 – Presente
			9 – Proposta de solução
			10 – Proposta de solução (nostalgia)
35	Adversidade	8	1 – Presente
			2 – Pergunta retórica
			3 – Presente
			4 – Pergunta retórica
			5 – Passado (nostalgia)
			6 – Proposta de solução
			7 – Proposta de solução
			8 – Proposta de solução
36	Adversidade	8	1 – Presente (nostalgia)
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Perguntas retóricas
			5 – Presente
			6 – Presente
			7 – Proposta de solução
			8 – Futuro
41	Adversidade	13	1 – Pergunta retórica
			2 – Passado (nostalgia)
			3 – Presente
			4 – Presente

			5 – Presente
			6 – Presente
			7 – Presente
			8 – Presente
			9 – Futuro
			10 – Presente
			11 – Presente
			12 – Presente
			13 – Futuro (nostalgia)
47	Perspectiva de êxito	9	1 – Presente
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Passado (nostalgia)
			5 – Presente
			6 – Presente
			7 – Futuro
			8 – Futuro
			9 – Agradecimento
52	Aconselhamento	6	1 – Presente
			2 – Aconselhamento
			3 – Aconselhamento
			4 – Aconselhamento
			5 – Aconselhamento (nostalgia)
			6 – Futuro
56	Prescrição	6	1 – Presente
			2 – Futuro
			3 – Prescrição
			4 – Presente
			5 – Presente

			6 – Prescrição (nostalgia)
57	Perspectiva de êxito	3	1 – Presente
			2 – Futuro
			3 – Futuro (nostalgia)
58	Prescrição	5	1 – Passado (nostalgia)
			2 – Presente
			3 – Presente (nostalgia)
			4 – Prescrição (nostalgia)
			5 – Prescrição (nostalgia)
62	Mudança estrutural	5	1 – Presente
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Presente
			5 – Proposta de solução (nostalgia)
67	Adversidade	6	1 – Passado
			2 – Presente
			3 – Pergunta retórica
			4 – Pergunta retórica
			5 – Pergunta retórica
			6 – Futuro (nostalgia)
68	Adversidade	5	1 – Presente
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Presente
			5 – Futuro (nostalgia)
69	Prescrição	6	1 – Futuro
			2 – Futuro
			3 – Futuro
			4 – Futuro

			5 – Futuro
			6 – Futuro (nostalgia)
70	Perspectiva de êxito	4	1 – Presente
			2 – Futuro
			3 – Presente
			4 – Futuro (nostalgia)
71	Informativo – evento	4	1 – Passado (nostalgia)
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Futuro (nostalgia)
73	Perspectiva de êxito	4	1 – Presente
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Futuro (nostalgia)
75	Perspectiva de êxito	3	1 – Presente
			2 – Presente (nostalgia)
			3 – Agradecimento
76	Prescrição	5	1 – Presente
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Prescrição (nostalgia)
			5 – Prescrição (nostalgia)
77	Perspectiva de êxito	7	1 – Presente
			2 – Futuro
			3 – Futuro
			4 – Futuro
			5 – Futuro
			6 – Futuro
			7 – Futuro (nostalgia)

78	Perspectiva de êxito	2	1 – Presente (nostalgia)
			2 – Presente
82	Mudança estrutural	5	1 – Passado (nostalgia)
			2 – Presente
			3 – Presente
			4 – Futuro
			5 – Futuro
170	Aconselhamento	1	1 – Presente (nostalgia)
171	Retrospectiva	3	1 – Saudação
			2 – Futuro (nostalgia)
			3 – Saudação
172	Êxito	1	1 – Presente (nostalgia)

APÊNDICE E – Quadro sobre estilo do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia

Número	Modo verbal predominante	Posicionamento do autor	Expressões atreladas ao passado	Expressões atreladas ao presente	Expressões atreladas ao futuro
2	Indicativo	1ª pessoa do plural	“os bons tempos” “naquêles tempos” “nos bons tempos”	“saudosas” “as estão liquidando” “porém os tempos foram mudando” “outros tempos”	“para a redenção”
16	Indicativo	1ª pessoa do plural	“Nada mais bonito” “garantia da irreversibilidade do progresso” “pomposa”	“saudosismo” “vítima de ignominável ingratidão” “continuamos a render-lhe culto”	“para que [o público] passe a confiar”
22	Indicativo	1ª pessoa do plural	“daquele potencial” “um dos bons sistemas de transportes do mundo”	“Relegado à um plano secundário” “desordem”	“será inevitavelmente ressuscitada” “recuperação” “volta do trem” “reestabelecimento”
24	Indicativo	1ª pessoa do plural	“o progresso corria sobre os trilhos” “possuíam o monopólio do transporte” “rápido desenvolvimento”	“atual situação” “terreno perdido” “obra complexa” “péssimo aproveitamento”	“a solução”
34	Indicativo	1ª pessoa do plural	“lisonjeiro”	“solicitados, lembrados, valorizados, porém, impossibilitados” “frustrados” “grande barreira” “qualidade inferior” “época em que ser ferroviário não era nada lisonjeiro”	“futuro promissor” “gigante em desenvolvimento, acordado” “o atraso no sistema deve ser recuperado” “soerguimento”
35	Subjuntivo	1ª pessoa do plural	“modalidade de transporte que está na memória de todos”	“atingiu o caos” “a presente situação é desalentadora”	“a redenção”

				“prejuízo”	
36	Subjuntivo	Impessoal	“antiga arte”	“ora ressuscitada”	“estarão execradas perante a opinião pública”
41	Indicativo	1ª pessoa do plural	“uma época diferente” “o lucro estava sempre presente” “magnífica empresa”	“situação complicou-se” “balanços negativos” “menosprezo” “redução dos seus investimentos”	“proporcionar transportes adequados” “acelerarão ainda mais o processo de deterioração” “revalorizar”
47	Indicativo	1ª pessoa do plural	“espírito ferroviário” “processo de hereditariedade ferroviária”	“vem sofrendo processo de desagregação” “insuficiência dos recursos” “obsolescência” “desinteresse e desestímulo” “décadas negras”	“objetivando recuperá-lo” “as perspectivas são animadoras” “encarar com otimismo o futuro”
52	Indicativo	1ª pessoa do plural	“ferrovias nacionais na posição que merecem”	“necessidade inadiável de elevar-se o padrão”	“recuperação” “objetivando a adequação” “reconquistarem os” “recolocar”
56	Subjuntivo	1ª pessoa do plural	“apogeu”	“novo limiar”	“nova partida” “nova ferrovia” “opinião pública volte a acreditar” “novo apogeu”
57	Indicativo	1ª pessoa do plural	“espírito imbatível dos ferroviários” “era de progresso”	“ano da grande virada” “novo renascer”	“partiu mais uma vez vigorosa em atendimento ao seu destino” “parta novamente para uma era de progresso”
58	Imperativo	Impessoal	“pioneira” “coragem na aceitação de desafios”	“conservam o espírito pioneiro” “novos desafios” “falsos ferroviários”	“sempre existirá uma barreira” “perdurará”

			“espírito de pioneirismo” “verdadeiros pioneiros”		
62	Indicativo	1ª pessoa do plural	“anos de ouro da Ferrovia”	“dilema”	“continue se modificando” “arte e criatividade que sabemos não faltará aos ferroviários”
67	Indicativo	1ª pessoa do plural	“ápice”	“decreceu vertiginosamente” “redescoberta” “gigante adormecido”	“formulação rápida e objetiva de respostas”
68	Indicativo	1ª pessoa do plural	“saudosa memória”	“burocracia” “crescimento deste câncer” “as coisas mudaram”	“um sistema ferroviário moderno, elástico, organizado, desburocratizado” “iremos fechar o sipário ferroviário”
69	Indicativo	1ª pessoa do singular	“esforço heróico do passado”	“vontade de vencer”	“ferrovia dos meus sonhos”
70	Subjuntivo	1ª pessoa do plural	“posição [...] de direito”	“progresso”	“otimismo” “período glorioso em que a ferrovia enfim recuperou a posição que de direito lhe pertence”
71	Indicativo	1ª pessoa do plural	“construtor de progresso” “era saudosa” “homens forjados a aço” “verdadeiro ferroviário”	“o tempo é implacável” “está-se amortecendo”	“próximas gerações tentarão imitar e saudosamente lembrar”
73	Indicativo	1ª pessoa do plural	“volta à ferrovia” “justa homenagem aos ferroviários mais antigos”	“otimismo” “novo alento à luta” “sempre esquecida ferrovia” “relembra”	“recuperação” “tão almejado soerguimento”

75	Indicativo	1ª pessoa do plural	“sistema que jamais deveria ter sido esquecido”	“muitas derrotas” “pequenas vitórias” “carente” “desprestigiado” “luta inglória”	“evitando-se situação análoga futura” “se lembrem de novo”
76	Indicativo	1ª pessoa do plural	“casta sui generis” “amor e dedicação” “enaltecendo a tradição” “ferroviário, um estado de espírito”	“orgulho” “tempos difíceis” “abandonado”	“aperfeiçoar as técnicas visando maior produção”
77	Indicativo	1ª pessoa do plural	“elo de penetração” “modelo de conforto, economia, prestação de serviços e segurança”	“interesse em reativar” “antieconômico”	“poderá voltar a ser”
78	Indicativo	1ª pessoa do plural	“conhecido trem de ferro”	“Década que ora se inicia”	“retomada definitiva” “ressurgimento da ferrovia”
82	Indicativo	Impessoal	“o mais rico em pioneirismo e realizações” “meio eficiente, confiável e capaz de abolir as grandes limitações” “bom investimento”	“incremento”	“transporte de cargas deverá corresponder com a expansão das exportações”
170	Indicativo	1ª pessoa do plural	“respeitável história das ferrovias” “desenvolvimento e progresso”	“avanços tecnológicos” “desafios operacionais” “investimentos” “empenho” “renovação”	“expansão e ações de modernização” “caminhos futuros” “ampliação da perspectiva e dinamismo de atuação”
171	Indicativo	1ª pessoa do plural	“150 anos da São Paulo Railway” “data tão importante”	“muitas conquistas”	“o resgate dessa história”
172	Indicativo	1ª pessoa do plural	“celebrar” “lindas fotos históricas” “trilhos do progresso”	“contraste com o atual cenário” “nostalgia”	“incertezas” “esperança” “continuidade do transporte”

			“tempos encantados” “Locomotiva do Brasil” “passado glorioso”		
--	--	--	--	--	--

APÊNDICE F – Quadro sobre construção composicional do *corpus* de editoriais que possuem manifestação de nostalgia

Número	Ano	Parágrafos	Nome da sessão	Diagramação	Assinatura	Elementos periféricos
2	1967	14	Comentário	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
16	1971	13	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Fotografia do autor e rodapé
22	1972	17	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Fotografia do autor e rodapé
24	1972	9	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Fotografia do autor e rodapé
34	1974	10	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
35	1974	8	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
36	1974	8	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
41	1975	13	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
47	1976	9	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
52	1977	6	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
56	1977	6	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
57	1977	3	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
58	1978	5	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
62	1978	5	Editorial	1 coluna retangular	Completa	Rodapé
67	1979	6	-	Triangular	-	Rodapé
68	1979	5	-	Triangular	-	Rodapé
69	1979	6	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
70	1980	4	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
71	1980	4	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
73	1980	4	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
75	1980	3	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
76	1981	5	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
77	1981	7	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
78	1981	2	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
82	1982	5	-	Triangular	Iniciais	Rodapé
170	2016	1	Palavra da Presidente	1 coluna retangular	Completa	Logo da revista, fotografia do autor, índice, expediente, rodapé

171	2016	3	Palavra da presidente	1 coluna retangular	Completa	Logo da revista, fotografia do autor, índice, expediente, rodapé
172	2017	1	Palavra da presidente	2 colunas retangulares	Completa	Cabeçalho, fotografia do autor, imagem ilustrativa

APÊNDICE G – Quadro de relação interlocutiva-axiológica do *corpus* de editoriais
que possuem manifestação de nostalgia

Número	Posicionamento do autor	Público alvo principal	Propósito comunicativo
2	Engenheiro	Engenheiros	Resolução de adversidade
16	Engenheiro	Ferrovíários	Resolução de adversidade
22	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
24	Engenheiro	Engenheiros	Resolução de adversidade
34	Engenheiro	Engenheiros	Resolução de adversidade
35	Ferrovário	Governantes	Resolução de adversidade
36	Ferrovário	Governantes	Resolução de adversidade
41	Ferrovário	Governantes	Resolução de adversidade
47	Ferrovário	Governante	Agradecimento
52	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
56	Engenheiro	Engenheiro	Resolução de adversidade
57	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
58	Engenheiro	Ferrovíários	Motivação
62	Engenheiro	Engenheiros	Resolução de adversidade
67	Ferrovário	Governantes	Resolução de adversidade
68	Engenheiro	Engenheiros	Resolução de adversidade
69	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
70	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
71	Ferrovário	Ferrovíários	Informação/exultação
73	Ferrovário	Ferrovíários	Informação/motivação
75	Ferrovário	Governantes	Motivação
76	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
77	Engenheiro	Engenheiro	Motivação
78	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação
82	Ferrovário	Ferrovíários	Motivação

170	Ferroviário	Ferroviário	Apresentação da revista
171	Ferroviário	Ferroviário	Apresentação da revista
172	Ferroviário	Ferroviário	Apresentação da revista

ANEXOS

ANEXO 1 – “Uma das causas do deficit[sic] nas ferrovias”, editorial da edição
número 2, 1967

COMENTÁRIO

UMA DAS CAUSAS DO DEFICIT NAS FERROVIAS

Vivem saudosos em nossa memória «os bons tempos» do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país.

Naquêles tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários o conforto e capacidade de carga dos veículos as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias.

Esse ambiente gerou dentro delas uma mentalidade e uma hierarquia na importância das funções dentro da empresa que as estão liquidando pelo processo chamado deficit.

Os administradores consomem todo o seu tempo em obras de melhoria das linhas férreas, sinalização, magníficas estações, locomotivas, sempre reclamando maior número de vagões esquecendo-se de que estão à frente de uma empresa industrial e de que é importante à sua gerência a boa operação da ferrovia, isto é, a circulação rápida de seus vagões, proporcionando maior rendimento e rentabilidade, e mais importante, ainda, o êxito comercial da empresa.

Quanto à hierarquia, continuam a prevalecer os homens que fazem a operação de transporte vindo em segundo plano os que tratam do êxito financeiro da empresa.

Mas, como dissemos, a estrada de ferro é uma empresa industrial que VENDE FRETE, como resultado do transporte de passageiros e mercadorias.

E as mercadorias para serem transportadas?

Ah! estas, «nos bons tempos», estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para «conseguir» o seu transporte.

Porém os tempos foram mudando, as boas rodovias aparecendo, os veículos rodoviários melhorando o seu conforto e sua capacidade de carga e, assim, iniciando violenta concorrência pela preferência do transporte.

Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos.

Os clientes já não as procuram com a mesma frequência e necessidade e, enquanto os vagões ficam nos desvios ou correm vazios em retorno, pululam nas rodovias, em itinerários paralelos, uma imensidade de caminhões. Veja-se por exemplo as Vias Anhanguera, Dutra e Anchieta.

De que adianta uma via permanente perfeita, uma sinalização automática, locomotivas modernas, tudo isso somando custos de investimentos e manutenção fabulosos, se passageiros e cargas seguem via rodoviária?

Os administradores de nossas ferrovias, se fiserem um exame de consciência, certamente considerar-se-ão culpados de não imprimirem às empresas que dirigem, uma orientação em bases verdadeiramente comerciais.

Reunem-se com seus auxiliares para saber como gastar suas verbas, porém descuidam do mais importante, que é como ganhar essas verbas.

Para a redenção do sistema ferroviário nacional devem os seus responsáveis encarar as estradas de ferro como empresas industriais cujo único produto a oferecer é o transporte e que os fretes sejam vendidos em livre concorrência, como uma mercadoria qualquer, num balcão de uma loja comercial.

JOSE SARTORIS NETTO

ANEXO 2 – “Hierarquia”, editorial da edição número 62, 1978

EDITORIAL

HIERARQUIA

Eng.º José Ferreira

A Ferrovia, mais ainda que a grande maioria das empresas, necessita para seu funcionamento perfeito de uma escala hierárquica, onde se possa definir comando e responsabilidade.

Tal fato se contradiz pelo menos aparentemente com espírito de simplificação de cargos, que adotado para racionalizar e facilitar as operações administrativas na área de pessoal e finanças, e aplicado visando sem dúvida os interesses da empresa.

Cria-se assim, um dilema, pois ambas as funções, (hierarquia e simplificação), são do mais alto interesse da empresa e até agora não nos parece que a melhor solução para o momento atual tenha sido encontrada.

Muitas funções da área operacional que foram englobadas carecem de reestudo visando uma hierarquização para que se possa concentrar algumas decisões que devem ser tomadas por presteza e com responsabilidade bem definida, pois envolvem algumas vezes segurança de tráfego e quantas e quantas vezes o próprio interesse final da empresa.

É preciso que o PCC que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como aliás foi a intenção de seus criadores), com a arte e criatividade que sabemos não faltará aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias uma “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções da “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia.

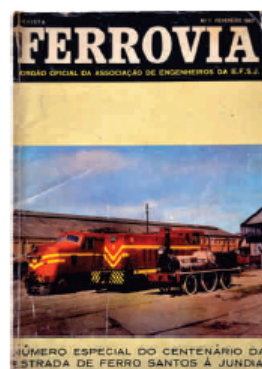
ANEXO 3 – “Palavra da presidente”, editorial da edição número 172, 2017

*150 Anos da São Paulo Railway - SPR**Palavra da Presidente*

Eng. Maria Lina Benini

A São Paulo Railway (SPR), primeira estrada de ferro paulista - E.F. Santos a Jundiaí - completa 150 anos em 2017. Para celebrar esse fato, a Revista Ferrovia que chega em suas mãos está especial. A edição resgata lindas fotos históricas e traz artigos que nos fazem viajar pelos trilhos dessa sesquicentenária jornada. E não estamos falando de uma ferrovia qualquer! A “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador, além de ser a ferrovia inglesa mais lucrativa do mundo fora da Inglaterra. Esses trilhos do progresso mudariam a economia, a geografia, a cultura e até a sociedade de São Paulo e do Brasil. Em fevereiro de 1967, a Revista Ferrovia lançou um número especial em comemoração ao centenário da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí (veja capa ao lado). Exatos 50 anos se passaram e hoje as linhas deste traçado ganharam importância ainda maior, mesmo se

considerarmos que a administração agora está subdividida entre duas empresas: MRS Logística S.A. e CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Nada de mal para uma estrada de ferro



construída originalmente para escoar o café plantado no interior da província e ser exportado. Um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de “Locomotiva do Brasil”. Impossível imaginar como será a capa da edição do segundo centenário. As incertezas determinadas pelo transcorrer do tempo nos enchem de esperança e nos fazem crer na continuidade do transporte sobre a sesquicentenária via férrea sem que seu passado glorioso seja esquecido. Parabéns, SPR! Viva os 150 anos da primeira ferrovia paulista!